



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

EDJANE VIEIRA BENTZEN DE PAULA

**"ME FORMAREI, E AGORA?": A DINÂMICA IMAGINATIVA DE
ADOLESCENTES NEGROS(AS) SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL**

Recife – PE
2025

EDJANE VIEIRA BENTZEN DE PAULA

**"ME FORMAREI, E AGORA?": A DINÂMICA IMAGINATIVA DE
ADOLESCENTES NEGROS(AS) SOBRE A ESCOLHA PROFISSIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-graduação
em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de
Pernambuco, para obtenção do Título de Mestre em
Psicologia Cognitiva

Área de concentração: Cultura e cognição
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sandra Patrícia Ataíde Ferreira

**Recife – PE
2025**

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Paula, Edjane Vieira Bentzen de.

"Me formarei, e agora?": a dinâmica imaginativa de adolescentes negros(as) sobre a escolha profissional / Edjane Vieira Bentzen de Paula. - Recife, 2025.

117f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, 2025.

Orientação: Sandra Patrícia Ataíde Ferreira.

Inclui referências e apêndices.

1. Imaginação; 2. Adolescência; 3. Escolha profissional. I. Ferreira, Sandra Patrícia Ataíde. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

EDJANE VIEIRA BENTZEN DE PAULA

**“ME FORMEI, E AGORA?”: a dinâmica imaginativa de adolescentes negros(as)
sobre a escolha profissional**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Cognitiva. Área de Concentração: Psicologia Cognitiva.

Aprovada em: 15/08/2025

BANCA EXAMINADORA

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof^a. Dr^a. Fabíola Mônica da Silva Gonçalves (Examinadora Externa)
Universidade Estadual da Paraíba

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Júlio Ribeiro Soares (Examinador Externo)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

AGRADECIMENTOS

Era apenas um sonho que parecia distante até que Deus, a Quem primeiro agradeço, mostrou-me o caminho para continuar minha trajetória profissional...eu deveria ser mestre. A Ele, que acreditou em mim, antes que eu mesma me tivesse descoberto capaz, toda a honra deste título.

À Mariana Bentzen, minha sobrinha, presença constante com orientações e incentivos, desde quando o sonho se tornou um projeto e em todos os momentos de entraves, desafios, dúvidas e também comemorações.

À minha mãe (in memoriam), pelas orações, incentivos e comidinhas preparadas para me apoiar nos estudos.

Ao meu esposo e filha, pois quando meu olhar se voltou para as tantas horas de estudo, foi para eles que estive mais ausente. Gratidão pela compreensão!

Aos meus familiares, irmãos, sobrinhos, cunhados, que torceram e oraram por mim e se orgulharam com minhas conquistas.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Sandra Ataíde, um presente divino na minha vida, sempre solícita a contribuir com conhecimentos, orientações, escuta, tranquilidade. Seu abraço acolhedor e seu sorriso tornaram os encontros de orientação sempre leves.

Aos professores da qualificação e banca, Prof^o Júlio Soares, Prof^a. Fabíola Mônica e Prof^o Luís Felipe, pelo cuidado em ler meu trabalho e contribuições valiosas.

A todos os professores da Pós-graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, pelo conhecimento compartilhado com excelência. Como me orgulha ter bebido dessa fonte! E a todos os funcionários, em especial a Timóteo, sempre atencioso em resolver todas as demandas.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro concedido para a realização deste estudo.

À ETE do município de Paulista, local de realização da pesquisa, pela permissão, acolhimento e apoio em todas as etapas da sua concretização.

E, finalmente, aos participantes da pesquisa que, ao cederem suas histórias, deram vida a este estudo e ao meu sonho. Gratidão ainda porque, por acréscimo, também cederam gentileza, solicitude, simpatia e muita paciência. Vocês tornaram a experiência da pesquisa incrível!

Destaco, ainda, não apenas a colaboração inestimável de cada um dos participantes para este trabalho, mas também suas conquistas pessoais. Ambos obtiveram notas expressivas na redação do Enem - Juliano, nota 920 e Virgínia, nota 800. Virgínia conquistou a aprovação no curso de Psicologia em uma universidade particular, através do sistema Prouni e Juliano permanece determinado, dedicando-se aos estudos, para conquistar a vaga no curso de medicina. Os desafios na trajetória nunca limitaram seus voos! Voem alto!

“Nossas vidas começam a terminar no dia em que permanecemos em silêncio sobre as coisas que importam”.

Martin Luther King Jr

RESUMO

Durante sua trajetória de vida, o ser humano está a todo o tempo fazendo escolhas, seja entre duas ou mais opções, trazidas de contextos reais ou imaginados. Tanto para uma quanto para a outra situação, nos distanciamos do aqui e agora e imaginamos como seria cada uma das opções. Dentre os múltiplos cenários em que os processos imaginativos atuam na vida humana, a escolha profissional ganha destaque como uma etapa que marca fortemente o período da adolescência. Em face a esse contexto, a situação do adolescente negro, é ainda mais desafiadora considerando o cenário que se constitui a partir do que a literatura denomina de racismo estrutural. Diante disso, a presente dissertação se ancorou nos pressupostos teórico-metodológicos da Psicologia histórico cultural para investigar de que maneira a dinâmica imaginativa dos adolescentes negros, sobre sua inserção no mercado de trabalho, repercute na sua escolha profissional. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, por meio da abordagem do estudo de caso, tendo como participantes dois adolescentes, terceiranistas de escola pública da Região Metropolitana do Recife, que se autodeclararam negros. Para a construção dos dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas e o recurso denominado caixa de surpresas como ferramenta para acessar a dinâmica imaginativa dos adolescentes negros sobre a escolha profissional. Foram realizados quatro encontros, gravados, transcritos literalmente e interpretados à lente analítica dos núcleos de significação, formulados por Aguiar e Ozella (2006, 2013), que destacam a apreensão dos sentidos presentes na narrativa do sujeito. Ademais, foram consideradas as seguintes categorias teóricas de análise sobre o processo imaginativo: na primeira foram identificados todos os conteúdos em que a atividade imaginativa possibilitou uma expansão da experiência dos participantes (Zittoun; Gillespie, 2016); na segunda categoria teórica de análise, foram elencados os momentos em que os processos imaginativos restringiram as possibilidades do adolescente, no sentido de trabalharem de forma a inibir a capacidade de ação deles (Andrade, 2022), na terceira, conteúdos em que a atividade imaginativa se expressou de forma reprodutiva, ou seja, se voltou para o passado, repetindo experiências anteriores (Vigotski, 2018) e, a quarta categoria, conteúdos em que a atividade imaginativa se expressou de forma criativa, a saber, se projetou para o futuro, resultando em um produto absolutamente novo (*ibidem*, 2018). A partir da análise dos dados construídos foi observado que o adolescente negro imagina sobre a escolha profissional uma profissão que rompe com a repetição da história laboral da família, marcada pelo racismo estrutural, com vistas a conquistar estabilidade financeira, valorização profissional e reconhecimento pessoal.

Palavras chaves: Imaginação. Adolescência. Escolha profissional. Negritude. Núcleos de significação.

ABSTRACT

During their life journey, human beings are constantly making choices, whether between two or more options, brought from real or imagined contexts. In both situations, we distance ourselves from the here and now and imagine what each of the options would be like. Among the multiple scenarios in which imaginative processes act in human life, professional choice stands out as a stage that strongly marks the period of adolescence. In this context, the situation of black adolescents is even more challenging considering the scenario that is constituted from what the literature calls structural racism. In view of this, this dissertation was anchored in the theoretical-methodological assumptions of historical-cultural Psychology to investigate how the imaginative dynamics of black adolescents, regarding their insertion in the job market, impacts their professional choice. The methodology adopted was qualitative in nature, using a case study approach. The participants were two high school seniors from a public school in the Metropolitan Region of Recife who self-identified as black. To construct the data, semi-structured interviews were conducted and the resource called surprise box was used as a tool to access the imaginative dynamics of black adolescents regarding professional choice. Four meetings were held, recorded, transcribed literally and interpreted through the analytical lens of the nuclei of meaning, formulated by Aguiar and Ozella (2013), which highlight the apprehension of the meanings present in the subject's speech. Furthermore, the following theoretical categories of analysis were used regarding the imaginative process: in the first, all the contents in which the imaginative activity enabled an expansion of the participants' experience were identified (Zittoun; Gillespie, 2016); in the second theoretical category of analysis, in turn, the moments in which the imaginative processes restricted the adolescent's possibilities were listed, in the sense of working in a way that inhibited their capacity for action (Andrade, 2022), in the third, content in which the imaginative activity was expressed in a reproductive way, that is, it looked back to the past, repeating previous experiences (Vigotski, 2018) and, the fourth category, content in which the imaginative activity was expressed in a creative way, that is, it projected itself into the future, resulting in an absolutely new product (*ibidem*, 2018). From the analysis of the data collected, it was observed that black adolescents imagine a career choice that breaks with the repetition of the family's work history, marked by structural racism, with a view to achieving financial stability, professional recognition and professional development.

Key words: Imagination. Adolescence. Career choice. Blackness. Cores of meaning.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TALE

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Apêndice C – Roteiro da primeira entrevista

Apêndice D – Roteiro da segunda entrevista

Apêndice E - Tabela 1. Tabela dos pré-indicadores da entrevista com Juliano

Apêndice F - Tabela 2. Tabela dos indicadores da entrevista com Juliano

Apêndice G - Tabela 3. Tabela dos Núcleos de Significação de Juliano

Apêndice H - Tabela 4. Tabela dos pré-indicadores da entrevista com Virgínia

Apêndice I - Tabela 5. Tabela dos indicadores da entrevista com Virgínia

Apêndice J - Tabela 6. Tabela dos núcleos de significação de Virgínia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 A Psicologia Histórico-Cultural e sua visão do ser humano	16
2.2 A imaginação na perspectiva Vigotskiana	22
2.3 A construção social da adolescência e considerações sobre a adolescência da pessoa negra	26
2.4 Escolha profissional através da lente Histórico-cultural	32
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS	35
3.1 Participantes.....	36
3.2 Seleção do contexto de pesquisa.....	36
3.3 Procedimento para a construção dos dados.....	37
3.4 Passos para a análise dos dados construídos.....	39
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	42
4.1 Entre descansar, jogar e estudar... Quem é Juliano, o primeiro participante?.....	42
4.1.1 Entrevista com Juliano: o processo de escolha profissional.....	42
4.1.2 A inter-relação entre os núcleos de significação.....	56
4.2 Conversa, leitura e artes ... definem Virgínia, a segunda participante.....	57
4.2.1 Entrevista com Virgínia: o processo de escolha profissional.....	58
4.2.2 A inter-relação entre os núcleos de significação.....	69
4.3 Tecendo considerações sobre os dois casos estudados: As convergências e divergências entre Juliano e Virgínia.....	70
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE	84
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TALE.....	84
Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	87
Apêndice C – Roteiro da primeira entrevista.....	90
Apêndice D – Roteiro da segunda entrevista	91
Apêndice E - Tabela 1. Tabela dos pré-indicadores da entrevista com Juliano.....	92

Apêndice F - Tabela 2. Tabela dos indicadores da entrevista com Juliano.....	96
Apêndice G - Tabela 3. Tabela dos Núcleos de Significação de Juliano.....	106
Apêndice H - Tabela 4. Tabela dos pré-indicadores da entrevista com Virgínia.....	107
Apêndice I - Tabela 5. Tabela dos indicadores da entrevista com Virgínia.....	112
Apêndice J - Tabela 6. Tabela dos núcleos de significação de Virgínia.....	121

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre a imaginação não é algo novo, nem restrito ao interesse da Psicologia. Primeiramente, os estudos sobre esse fenômeno se concentrou na área da Filosofia, campo no qual diversos autores discutiam sobre sua conceituação, a saber, Nicolau de Cusa (1401-1464), Vico (1670-1744), Kant (1722-1804), Goethe (1749-1932) e Sartre (1905–1980) (Aguiar, 2019). Porém, é no interior da Psicologia que a imaginação ganha o status de função cognitiva superior. Compreendida como uma atividade criadora, a imaginação está presente em todos os campos da vida cultural, seja na atividade artística, científica ou técnica (Vigotski, 2018). Esta visão mais contemporânea da Psicologia tem base nas compreensões de Lev Semionovitch Vigotski, (1896 – 1934) na qual se sustentam Zittoun e Gillespie (2016, p. 19) ao definirem a imaginação como “uma característica específica, produtiva e única da mente humana, que permite que as pessoas se distanciem de sua própria existência e, com base nisso, proponham novas sínteses que abrem novos pensamentos e ações”.

Desta forma, este trabalho tem base na concepção de imaginação adotada pela Psicologia Histórico-cultural de Vigotski. Para essa perspectiva, a imaginação é uma atividade criadora, que resulta da capacidade do cérebro humano de combinar a reprodução da experiência anterior com a criação de novas imagens ou ações (Vigotski, 2018). Embora a imaginação seja uma construção a partir da experiência anterior, ou seja, de elementos retirados da realidade vivida, ela nunca será exclusivamente reprodutiva. A teoria vigotskiana compreende que, se o cérebro fosse capaz apenas de reproduzir experiências anteriores, ao ser humano apenas seria possível se adaptar a situações esperadas e regulares do seu meio. Uma vez que o ambiente no qual os seres humanos vivem é um meio dinâmico, e, portanto, repleto de situações imprevisíveis, a imaginação se torna uma função superior importantíssima, pois permite adaptabilidade dos seres humanos ao inesperado, uma vez que impulsiona o sujeito a criar. Pela imaginação estamos perspectivando, a todo tempo, no aqui e agora, possíveis cenários futuros. Assim, a base da ação criadora é a inadaptabilidade do sujeito ao meio sociocultural, por viver em um mundo externo sempre em movimento (Vigotski, 2018).

Desta maneira, uma vez que o processo cognitivo superior imaginativo está intrincado na adaptabilidade humana ao seu cotidiano, Vigotski (2018, p.16) destaca que “tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia”. Mas como esse ser humano é constituído? A partir da lente históricocultural, o homem é compreendido

enquanto um ser que se constitui na relação com o outro, produto da inter-relação entre indivíduo e sociedade, isto é,

[...] o humano é o resultado do entrelaçamento do aspecto individual, no sentido biológico, e social, no sentido cultural. Ou seja, ao se apropriar da cultura e de tudo o que a espécie humana desenvolveu e estando fixado nas formas de expressão cultural da sociedade, o homem se torna humano (Moretti et al, 2011).

Desta maneira, compreende-se a mente humana enquanto “[...] social por natureza e não pode ser pensada como uma mente que se torna social sob a influência do meio ambiente” (Costa; Lyra, 2002). A mente humana, e, portanto, os processos psicológicos, para Vigotski (2018), se constituem a partir de uma interiorização dos processos antes interpsicológicos – ou seja, da interação entre o ser humano e os outros sociais – para depois se tornarem intrapsicológicos. Neste cenário, os instrumentos¹ psicológicos ganham relevância como dispositivos que impulsionam o desenvolvimento, pois provocam “transformações comportamentais e estabelecem um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual” (Vigotski, 1991, p. 11).

Entendendo que os processos imaginativos são constituídos – bem como se constituem – pelo social e cultural e auxiliam o ser humano a navegar pelo seu cotidiano (Vigotski, 2018; Zittoun; Gillespie, 2016), o objetivo geral deste estudo buscou investigar os processos imaginativos de adolescentes negros acerca da sua escolha profissional e, para esse propósito, foram elencados os seguintes objetivos específicos: (1) entender as significações atreladas à EP e; (2) analisar a dinâmica imaginativa nas significações mapeadas. A escolha dessa temática, se deu devido ao contexto histórico, social e cultural do adolescente negro no Brasil. A população negra, nesse país, sofre uma marcante desigualdade social, havendo papéis e oportunidades sociais diferenciadas (Almeida, 2019). Essa desigualdade se alicerça na construção histórica do nosso país, pois, mesmo com o fim da escravidão, os negros enfrentam barreiras em sua ascensão social. Esses obstáculos advêm do que Almeida (2019) intitula de racismo estrutural – o racismo enquanto “naturalmente” presente nas relações socioculturais, políticas, jurídicas e econômicas, e, portanto, veiculando e dando continuidade à desigualdade racial.

É possível identificar as marcas dessa desigualdade quando observamos como os dados coletados pelo Movimento Todos pela Educação (2020) evidenciam a disparidade das oportunidades educacionais entre negros e brancos no Sistema Público de Educação Brasileiro.

¹ Instrumentos são ferramentas que possibilitam a mediação na relação sujeito-mundo, sujeito-outro. Ao falar sobre sua função, Vigotski (1991, p.40) afirma que eles servem: “[...] como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele [o instrumento] ... deve necessariamente levar a mudanças nos objetos... um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza”.

Em 2019, apenas 65,1% dos estudantes negros de 15 a 17 anos frequentavam o Ensino Médio, enquanto os brancos somavam 79,2%. A conclusão do ensino médio (até os 19 anos) foi possível para apenas 58,3% dos jovens negros, frente a 75% dos estudantes brancos. Nesse tocante, Almeida (2019, p.39) constata que “negros e negras são considerados o conjunto da população brasileira que apresentam o menor índice de escolaridade e, sim, o sistema político e econômico privilegia pessoas consideradas brancas”.

O panorama desse fenômeno no Estado de Pernambuco espelha a realidade nacional. A Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar de 2012 (PNAD 2012) apresentada no 1º Plano Estadual de Promoção da Igualdade Racial de Pernambuco (2015) mostrou dados reveladores sobre o número de alunos matriculados na Educação Básica, considerando o aspecto raça, nesse Estado. Na Educação Infantil, há uma pequena vantagem da população branca em relação à população negra. No Ensino Fundamental, essa vantagem se volta para a população negra; mas tem aumento importante, no Ensino Médio, em favor dos brancos (11,6%). No Ensino Superior, atinge 19,4% entre os brancos, contra 10,2% de alunos negros matriculados, mostrando o aumento das disparidades enquanto avança a escolaridade.

A partir do exposto, percebe-se um menor aproveitamento escolar por parte dos negros, assim como também uma menor permanência no sistema educacional. Esse cenário impacta diretamente a temática da Escolha Profissional (EP), campo de interesse desta pesquisa. Nesse tocante, é na adolescência, sobretudo nos anos finais do Ensino Médio, que o jovem é pressionado a se colocar sobre a escolha profissional. Essa escolha ecoa as expectativas pessoais e sociais do adolescente que, nem sempre, está consciente da realidade que contextualiza a decisão. “Escolher significa exatamente ter que se posicionar” (Bock, 2018, p.93), nesse caso, frente às inúmeras profissões, a partir de imagens que foram construídas fruto de alguma experiência com as ocupações (Bock, 2018).

Quando a lente teórica – Histórico-cultural – é utilizada sobre o fenômeno da EP, compreende-se que ela é transpassada pela influência de valores e informações advindas dos agentes sociais dos quais o sujeito faz parte (por exemplo: família, escola, amigos, meios de comunicação...). Todos esses agentes fazem parte dos determinantes sociais, pois todas as construções de significado deste sujeito serão a partir dessas expectativas e informações. Além dos determinantes sociais, o contexto social e cultural traz consigo também os determinantes históricos, os quais decorrem dos modos de organização social das sociedades. Assim, quando se pensa a EP através de uma lente Histórico-cultural, são muitos os aspectos a serem

considerados no processo de escolha profissional, haja vista o aspecto multideterminado que perpassa a decisão (Bock, 2018).

Dito isso – e em face ao contexto do negro no cenário brasileiro, no qual há diversos determinantes históricos, sociais e econômicos permeando suas oportunidades – emergiu a seguinte questão: como adolescentes negros terceiranistas que frequentam a escola pública imaginam o processo de escolha profissional?

Esse questionamento se voltou especificamente ao adolescente da escola pública porque são a maioria dos estudantes da realidade brasileira, compondo quase 41,5 dos 56,5 milhões estudantes (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020). Ainda, essa questão foi estudada tendo como base o processo imaginativo, pois entende-se que tal questionamento implica examinar sobre como tais adolescentes perspectivam seus futuros, sendo, para tal, entrevistadas pessoas que cursavam o terceiro ano do Ensino Médio. Assim, sendo terceiranistas, eles estavam em face a um momento não só de transição² – de estudantes para uma possível entrada no mercado de trabalho – como também em face a uma ruptura³ (Zittoun; Gillespie, 2016). Nesses momentos – de transições e/ou rupturas – os processos imaginativos se fazem centrais, posto que é em face a um futuro incerto que a imaginação se expande e o indivíduo se vê confrontado à construção de uma nova adaptabilidade à realidade (Vigotski, 2018; Zittoun; Gillespie, 2016).

Nesse sentido, a questão de pesquisa se desdobrou em questionamentos secundários: Os processos imaginativos potencializam ou inibem as possibilidades prospectadas de sua escolha profissional? Quais determinantes estão presentes nessas escolhas prospectadas?

Todos esses questionamentos surgiram porque, como psicóloga escolar do ensino privado, que atua junto a adolescentes do Ensino Médio, testemunho a vivência da ambiguidade de sentimentos experienciados pelos jovens nessa fase, sobretudo para os terceiranistas. Ao mesmo tempo em que eles se deslumbram pela proximidade da conclusão de mais uma etapa escolar, destacam a angústia da pressão por um posicionamento ocupacional. Esse interesse se desdobrou em relação ao indivíduo negro, por tomar conhecimento, através de depoimentos de atores e autoras negros(as) da realidade escolar (professores e alunos), dos percalços enfrentados na trajetória escolar e profissional. Tais autores, em seus relatos, evidenciam o

² Transição se refere ao processo de ajustamento, ou seja, busca de reequilíbrio frente ao acometimento de uma ruptura experienciada (Zittoun, 2006), desencadeando um novo padrão de pensamento e ação (Zittoun; Gillespie, 2016).

³ Rupturas “(...) são a interrupção do fluxo normal de eventos” (p.4) e “(...) ocorrem quando os padrões rotineiros de pensamento e ação se quebram, quando a pessoa experimenta uma falha de expectativa, de tal forma que o que foi tomado como certo se torna questionável” (Zittoun; Gillespie, 2016, p.10).

racismo estrutural enquanto um obstáculo que configura esse momento como duplamente desafiador: seja pelas vicissitudes que a própria escolha profissional deflagra, como também pelas questões étnicas-raciais que a perpassa (de modo implícito ou explícito). Dessa forma, a questão aqui levantada configura-se enquanto um fenômeno recorrente e fervoroso em minha prática profissional.

Contudo, embora seja um fenômeno recorrente no dia a dia, a literatura acerca desta temática ainda é bastante escassa. Na revisão de literatura – utilizando as palavras “imaginação” e “escolha profissional”, em português e inglês, nas bases de dados do Google Acadêmico, *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e no portal do repositório da UFPE e com o filtro para o período de 2012 a 2022 (este marco temporal foi escolhido pois contempla a promulgação da Lei de Cotas, Lei nº 12.711/2012) – não foram encontrados trabalhos que abranjam a imaginação em relação direta com a temática da EP. Para a seleção dos trabalhos, teve-se como critérios de inclusão: (1) ser trabalhos que compreendem a imaginação a partir de um viés historicocultural; (2) materiais cujos títulos, palavras-chave e resumos tivessem ligação com ambos os temas (imaginação e EP); (3) materiais em língua portuguesa ou inglesa; (4) materiais dentro do período de tempo selecionado. Já os critérios de exclusão adotados foram: (1) trabalhos que abordem a imaginação sem articulação com a perspectiva histórico-cultural; (2) estudos da imaginação fora do período da adolescência; (3) materiais cujos títulos, as palavras-chave e os resumos não tivessem vínculo com ambos os temas (imaginação e EP) e (4) materiais fora do filtro do período selecionado.

A partir desse levantamento, foram encontrados alguns trabalhos que estudavam a imaginação nesse viés historicocultural (Sita, 2017; Dos Anjos, 2017; Maheirie et al, 2015), havendo estudos que traziam o recorte de como esse processo cognitivo se dá na adolescência (Andrade, 2022; Dos Anjos 2017; Montezi & Souza, 2013). Esses estudos ressaltam o salto qualitativo da imaginação nesse período, posto que na infância a experiência imaginativa está presa à realidade sensorial. Já na adolescência, o indivíduo desfruta de uma experiência imaginativa mais rica, em virtude da capacidade de pensar por abstração, lhe permitindo transcender à realidade imediata (Dos Anjos, 2017). Dentre os trabalhos encontrados, serão explorados os achados de um deles, o de Andrade (2022), por dialogar com o público desta pesquisa.

Andrade (2022) investigou a imaginação na adolescência com o objetivo de identificar e analisar a concepção de imaginação presente nas pesquisas desenvolvidas no campo da Educação e da Psicologia. Para isso, ele realizou uma Revisão Integrativa da Literatura, de

estudos publicados no período de 2010 a 2020. Nesta revisão, foram encontradas 71 produções, sendo 46 artigos, 18 dissertações e 9 teses sobre os processos imaginativos de adolescentes. A partir do exame desses materiais, o autor concluiu que, de modo geral, os trabalhos exploravam a imaginação como favorecedora da capacidade de ação, ou seja, enquanto uma “atividade criativa, de produção do novo, de potência” (Andrade, 2022, p.56) que expande a experiência do indivíduo em relação ao possível. Contudo, aponta que a imaginação também pode inibir a capacidade de ação, que restringe o fluxo da potência e da criatividade, nestes casos, os sujeitos se “concebem incapazes, sem perspectiva de futuro” (Andrade, 2022 p.81). Destarte, o autor refere que há uma escassez de estudos que apontem a capacidade inibitória da imaginação.

A partir da pesquisa supracitada, este estudo se caracterizou como duplamente importante, uma vez que: (1) tratou de um novo fenômeno a ser estudado dentro do campo imaginativo – visto que nestas 71 produções não foram identificados estudos voltados para o fenômeno da EP – e; (2) explorou não só a capacidade de ação imaginativa, como também seu caráter inibitório, trazendo, portanto, uma contribuição ao campo do estudo imaginativo.

Ademais, ainda sobre a relevância do presente trabalho, a pesquisa possuiu uma forte relevância teórica, pois se integra aos trabalhos voltados à vertente desenvolvimental dos estudos imaginativos, visto que se dedicou a explorar uma etapa fundamental do desenvolvimento humano: a adolescência. Essa contribuição se torna bastante relevante para o campo teórico, posto que Valério (2019), em uma revisão sobre as produções dentro do campo imaginativo a partir de uma lente históricocultural, aponta que hoje os trabalhos estão concentrados em algumas poucas vertentes e não há muitos trabalhos dentro da vertente desenvolvimental. Não obstante, este trabalho trouxe consigo uma contribuição social e política, posto que tratou de uma faixa etária pouco estudada – uma vez que boa parte dos estudos sobre a imaginação tem como participantes crianças e adultos (Silva; Nakano, 2012). Assim, o presente trabalho buscou dar voz aos adolescentes e retoma a importância de pensarmos o futuro desses jovens, fazendo isso a partir da perspectiva deles.

Além disso, este trabalho também teve uma forte relevância social, a saber, dar visibilidade à questão de raça, pois, como aponta Almeida (2019, p.37), “em um mundo em que a raça define a vida e a morte, não a tomar como elemento de análise das grandes questões contemporâneas demonstra a falta de compromisso com a ciência e com a resolução das grandes mazelas do mundo”. Destarte, buscou-se explorar uma questão não só relevante para o campo científico, como também – e principalmente – para o campo social. Pensar sobre como os

adolescentes negros têm perspectiva dos seus futuros se faz imprescindível para discutir como a questão da raça transpassa a EP.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, será apresentado o arcabouço teórico que norteou todo o estudo. Inicia-se com a concepção da Psicologia Histórico-cultural enquanto corrente epistemológica para destacar a visão do ser humano do presente trabalho. Em seguida, são apresentadas as considerações para explicar a imaginação – processo cognitivo central do estudo. Após isso, ressalta-se a construção social da adolescência, focalizando o contexto do adolescente negro brasileiro. Por fim, será conceituada a EP a partir de um viés Histórico-cultural.

2.1 A Psicologia Histórico-Cultural e sua visão do ser humano

A Psicologia Histórico-cultural é uma abordagem formulada pelo psicólogo russo Lev Vigotski (1896-1934). Traz consigo uma visão inaugural de pensar o homem na sua relação com a realidade, em um contexto em que a Psicologia não conseguia solucionar as dicotomias externo-interno, natureza e sociedade. O autor entendia o ser humano como um sujeito ativo, que age sobre sua realidade, lugar onde não apenas constitui, como também é constituído a partir da relação com os outros, em um contexto social e histórico. A partir dessa visão de ser humano, todo o arcabouço teórico elaborado pela Psicologia Histórico-Cultural trouxe um olhar cultural e dinâmico sobre o psiquismo humano, onde cada processo psicológico é visto sob a lente da historicidade (Veresk, 2014). Eis porque Vigotski discordava das correntes de Psicologia existentes, a exemplo do Behaviorismo e da Gestalt, que explicavam os processos psicológicos humanos de forma linear e, para o autor, esses processos só poderiam ser analisados a partir da visão de uma Psicologia dialética (Bock; Gonçalves; Furtado, 2011), que analisa o indivíduo na sua totalidade, na relação com o contexto social e histórico.

Na contramão da maioria dos teóricos da Psicologia da sua época, Vigotski persiste em se opor à cisão indivíduo e sociedade. Para isto, ele encontra nos fundamentos do materialismo histórico dialético⁴ a sustentação epistemológica que embasava sua teoria: é dialético, pois, “o mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social” (Bock, 2007, p.67);

⁴“O método materialista histórico-dialético caracteriza-se pelo movimento do pensamento através da materialidade histórica da vida dos homens em sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis fundamentais que definem a forma organizativa dos homens em sociedade através da história” (Pires, 1997, p.83).

é histórico pois o desenvolvimento humano é sempre situado em um contexto histórico, social e cultural, isto é, para compreender o universo interno, é necessário considerar o meio externo; e é material pois os instrumentos² culturais auxiliam na construção e desenvolvimento humano. Assim, aplicou os princípios do materialismo histórico dialético para explicar como os processos psicológicos básicos evoluem para processos psicológicos superiores.

Dessa forma, a partir dessa lente teórica, surge uma nova perspectiva de estudo do fenômeno psicológico, que passa a ser concebido enquanto processos interdependentes e associados (Vigotski, 2018). Para o russo, a formação do sistema psicológico fundamenta-se na constituição do psiquismo humano, que se apoia nas funções psíquicas inferiores, de ordem biológica (tais como atenção, percepção, memória), mas que se transformam em estruturas psíquicas superiores por meio das experiências do indivíduo com a cultura. Para ele, a consciência do bebê, inicialmente, ainda não está diferenciada das funções psicológicas em geral e o desenvolvimento psicológico consiste na diferenciação dessas funções em relação à consciência (*ibidem*, 2018). Ao longo do surgimento das funções, enquanto cada uma se desenvolve separadamente, modificam-se as relações entre elas, impactando qualitativamente a consciência que, por sua vez, oferece as condições específicas para novos caminhos de desenvolvimento, de acordo com cada faixa etária. Mas, como ocorre a diferenciação das funções psicológicas na criança?

No livro *Sete aulas de L.V. Vigotski sobre os fundamentos da Pedagogia*, todo um capítulo, a quinta aula, é utilizado para discutir sobre o desenvolvimento psicológico da criança. Explica que no bebê, até a primeira infância, existe um grupo de funções que forma um todo complexo, não diferenciado, que é denominado de percepção afetiva, constituída pela percepção e pelas emoções. Na primeira infância, se inicia a diferenciação entre as funções, a partir da dominância da percepção. Assim, pensamento, memória, por exemplo, operam nos limites da percepção. É quando a criança depende da presença do objeto para saber que ele existe. Assim, a percepção afetiva na criança é a função que deflagra a atividade da consciência. Porém, já se consegue visualizar o nascimento da relação entre as funções, o que Vigotski (2018, p. 100) denomina de “relações interfuncionais na consciência”.

A partir dessa ideia geral, Vigotski anuncia três leis que explicam o desenvolvimento psicológico da criança: (1) Que a diferenciação das funções na consciência não ocorre abruptamente, nem de forma regular. A cada período etário funções diferentes se separam da consciência, bem como se diferenciam entre si; (2) Que a função que se separa da consciência em determinado período etário assume posição dominante e direciona a atividade da

consciência. E, dessa forma, o predomínio de uma dada função na consciência modifica as relações interfuncionais que, por sua vez, requalificam a consciência, configurando um novo sistema de atividade e; (3) Que o período de prevalência de determinada função na consciência potencializa seu desenvolvimento, e esse “é o período em que ela, pela primeira vez, se diferencia do restante da consciência e se apresenta como função dominante” (Vigotski, 2018 p. 104). É o caso da percepção na primeira infância e, da memória, na idade pré-escolar. Assim, o desenvolvimento psicológico parte de um todo indiferenciado (bebê), para o início da diferenciação entre as funções (primeira infância), promovendo relações interfuncionais, dando origem a um sistema na consciência. E a cada novo ciclo de dominância de uma função, as relações interfuncionais ficam mais complexas.

Em seu manuscrito de 1929, Vigotski dá destaque às funções psicológicas superiores. O autor deixa claro que, distintamente das funções inferiores, as funções superiores se desenvolvem e são nutridas pelas relações sociais, culturas e históricas. Acerca disso, explica ainda que “o estágio inicial no desenvolvimento de qualquer função superior corresponde a uma operação externa que é realizada com ajuda de meios externos” (Vigotski, 2006, p. 144, tradução nossa), pois enquanto as funções psíquicas inferiores se desenvolvem em conformidade com o cérebro, as funções psíquicas superiores têm dependência direta do meio, sem o qual não se constituem, ou seja, fora da relação com a sociedade, sequer as funções superiores surgirão, tampouco as características superiores especificamente humanas (Vigotski, 2018).

Na perspectiva vigotskiana, as funções psíquicas humanas, tais como pensamento, linguagem, formação de conceitos, memória, consciência, “são experimentadas inicialmente sob a forma de atividade intersíquica (entre pessoas) antes de assumirem a forma de atividade intrapsíquica (dentro da pessoa)” (Carrara, 2004, p.141). Ou seja, toda função psicológica superior, antes de ser realizada no indivíduo, tem em sua gênese a relação entre duas pessoas. E essa é a lei geral do desenvolvimento para Vigotski, segundo a qual nos tornamos sujeitos transformando o social em individual e está balizada na concepção epistemológica apregoada pela Psicologia histórico cultural que evidencia o papel central da cultura no desenvolvimento do ser humano. Parafrazeando Marx, Vigotski (2000, p.27) menciona que “a natureza psicológica da pessoa é o conjunto das relações sociais, transferidas para dentro e que se tornaram funções da personalidade e formas da sua estrutura”.

Mas, como se pode explicar a internalização do mundo material, segundo essa perspectiva teórico-metodológica?

De acordo com a Psicologia Histórico Cultural, o desenvolvimento humano ocorre através da interação do indivíduo com os outros e com o meio. No entanto, a subjetividade do sujeito não é um mero movimento de deslocamento do exterior para o interior. Na interação do sujeito com o meio, ocorrem trocas recíprocas e, através delas, o social se transforma em psicológico. Porém, as relações humanas não são diretas, mas sim mediadas por meio dos signos. Os signos, para Vigotski (1991), são instrumentos psicológicos utilizados para representar objetos e situações. Eles têm a função semelhante dos instrumentos materiais que são utilizados pelo ser humano, como ferramentas no trabalho. Assim, por exemplo, ao ouvir a palavra bola (signo), o sujeito evoca o objeto bola (instrumento), mesmo que ele – o objeto bola – esteja ausente. Este fenômeno ocorre devido à potência de representação do signo na consciência.

Ao longo do desenvolvimento, ocorrem diversas fases de operações com os signos e, segundo Vigotski (1989), a criança não identifica prontamente a relação signo e instrumento, pois essa aquisição surge como resultado de um longo processo, tal qual ocorre em relação às demais funções psicológicas. O processo de internalização ocorre quando a criança é capaz de realizar, internamente, uma operação realizada com signos, externamente. Para Vigotski (1989), esse processo constitui as bases da comunicação e do surgimento da linguagem.

Ainda acerca dos processos supracitados, cabe destacar que Vigotski (1991) acreditava que a internalização dos sistemas de signos culturais provoca mudanças que conectam o desenvolvimento inicial às formas mais complexas do funcionamento psicológico. Portanto, essa operação de internalização é o salto qualitativo que gesta o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e são a “base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais” (*ibidem*, p.23).

Mas como se dá todo esse processo de internalização? Para Vigotski, é a partir da linguagem. A linguagem é o instrumento simbólico – pois é composta por signos e não por objetos – que permeia a comunicação eu-outro, bem como o “meio de conexão de certas funções psíquicas de caráter social” (Vigotski, 2004, p. 114). Através da linguagem, nos apropriamos do mundo real e todo o conhecimento historicamente acumulado é interiorizado pelo sujeito, via mediação do outro. Para o autor, todos nossos processos psicológicos superiores – e, nesse caso, os processos imaginativos – são mediatizados pela linguagem. Ou seja, para Vigotski,

para compreendermos todos os processos humanos, precisamos estar atentos a como esses participam da construção de significação⁵.

Através do processo de significação, transformamos o mundo natural e externo em cultural e interno. Para Vigotski, o que é internalizado do mundo exterior não é um objeto material, mas sua significação. Na obra *A construção do pensamento e da linguagem* (2001), o autor argumenta que o significado é a essência da palavra, pois a palavra não é apenas um elemento sonoro, mais que isso, ela carrega a atribuição de um conceito. Defende ainda que, no significado da palavra encontra-se a unidade que revela a relação indissolúvel do pensamento e da linguagem pois, se por um lado, o pensamento se encarna na palavra, esta, por sua vez, não se materializa se não for sustentada pelo pensamento.

Os significados das palavras são os elementos mais estáveis e fixos que as compõem, são eles que “permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências” (Aguiar e Ozella, 2006, p.226) e o compartilhamento de todo o repertório cultural e histórico construído pela humanidade. Até se realizar em palavras, o pensamento é transpassado tanto pelo significado, como pelo sentido. O sentido da palavra, por sua vez, é mais elástico e fluido do que seu significado. Vigotski (2001, p.399) explica que “a palavra lembra o seu significado da mesma forma que o casaco de um homem conhecido lembra esse homem”, porém, ao avançar para a zona do sentido, a palavra se descola do seu significado e pode conter as múltiplas possibilidades de experiências que o ser humano constrói a partir da sua relação com o meio. Paulo Bezerra, autor que assina o prólogo em *A construção do pensamento e linguagem*, destaca bem a relação sentido e significado na teoria vigotskiana ao mencionar que “entre o sentido e a palavra há muito mais relações de independência que entre o significado e a palavra... o sentido é móvel, mais amplo e mais rico que o significado” (*ibidem*, p. XIV).

Vigotski (2018) retoma ainda os conceitos de sentido e significado quando discute sobre o papel do meio no desenvolvimento psicológico. Segundo ele, uma experiência qualquer influenciará a criança de diferentes maneiras a depender do sentido e significado que a mesma atribui a essa situação. A compreensão que a criança tem do meio é distinta em diferentes degraus etários, logo, o meio, por si só, não é fator de desenvolvimento. A importância está na relação que se estabelece entre a criança e o meio. À essa relação indivíduo – meio, constituída de um sentido particular que se atribui a uma experiência, Vigotski denomina *vivência* ou *perejivânie*, na língua russa.

⁵ Esse conceito compreende a “[...] articulação dialética entre sentidos e significados, revelando que indivíduo e sociedade, pensamento e linguagem, afeto e cognição constituem relações que se configuram como unitárias” (Aguiar, Aranha e Soares, 2021, p.2).

O conceito de vivência é muito caro na obra do autor, que a defende como unidade de análise para elucidar o surgimento da consciência da criança na sua relação com o meio (Marques, 2020). A “vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia (...), e, por outro lado, como eu vivencio isso” (Vigotski, 2018 p. 79). O como vivencio emerge do sentido que se confere a uma dada situação, “assim, ao mesmo tempo em que o sujeito atribui diferentes sentidos ao meio em diferentes momentos do seu desenvolvimento, o meio determina o seu desenvolvimento através da vivência desse meio” (Ferreira, 2024, p.6). Destaca-se dessa forma, a vivência como o lócus de entrelaçamento do mundo externo e interno (Veresk, 2014).

Para Vigotski (2018), a vivência é um produto das especificidades da personalidade do sujeito e das particularidades do meio externo. Por essa razão, uma mesma situação do ambiente pode ser vivenciada de formas diferentes por dois ou mais indivíduos, bem como a forma de vivenciar cada experiência é reveladora do sujeito, de sua personalidade e de suas emoções. Ou seja, a situação do ambiente produz diferentes resultados de vivências ao dialogar com o mundo subjetivo de cada indivíduo, seus pensamentos, seus afetos e suas emoções. Sim, as vivências são fonte de afetos (Souza e Andrada, 2013) e, por essa razão, por meio delas é possível entender como os indivíduos se relacionam afetivamente com o meio e, ainda, como esse meio foi internalizado.

Trazer o conceito de vivência da teoria vigotskiana para discutir sobre escolha profissional, recorte desse estudo, é fundamental, uma vez que, segundo Bock (2018, p. 78), “ao pensar numa profissão, a pessoa mobiliza uma imagem que foi construída a partir de sua vivência...” nas relações com os outros ao seu redor. Portanto, a vivência possibilita a atribuição de sentido a um acontecimento e, no interesse específico desse estudo, à escolha profissional. A EP é analisada aqui a partir da lente da atividade imaginativa, tópico que está apresentado na seção seguinte.

2.2 A imaginação na perspectiva Vigotskiana

Vigotski (2018) conceitua a imaginação como uma atividade fundamentalmente relacionada à criação. Para o psicólogo, criar é algo permanente na vida do ser humano. Para explicar como ocorre o ato de criação, ele recorre aos conceitos de atos reprodutivos e atos criadores. Na atividade reprodutiva, diz o autor, observa-se a estreita relação com a memória, pois a principal característica da ação é a reprodução da experiência anterior, com repetição de um padrão de comportamento anteriormente utilizado, em condições semelhantes. O outro tipo de atividade, a criadora, se fundamenta na capacidade do cérebro de utilizar as experiências anteriores e reelaborá-las, de modo a se obter um produto novo. Enquanto que a primeira é uma atividade que se volta para o passado, a atividade criadora “faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando o seu presente” (Vigotski, 2018, p. 16).

Ao tratar sobre imaginação na obra *Imaginação e criação na infância*, Vigotski realça a riqueza e complexidade desse processo, detalhando como ocorre o mecanismo do ato imaginativo. Tudo começa a partir das percepções que a criança tem em relação ao meio interno e externo e que irão compor suas experiências. Essas experiências são o material que, a posteriori, formarão o conteúdo do ato imaginativo. Enquanto ocorre o ato imaginativo, as experiências são reelaboradas através de dois processos, a dissociação e a associação. No processo de dissociação, ocorre a decomposição da experiência em fragmentos e esse material dissociado será submetido a um outro processo, denominado modificação, no qual a ação de fatores internos ao indivíduo, dão origem a novas impressões de proporções aumentadas – exacerbação- ou diminuídas – atenuação, distanciando-se das percepções originais. Um exemplo disso ocorre quando as crianças misturam trechos de situações reais com histórias fantásticas e essa “paixão das crianças pelo exagero, do mesmo modo que a dos adultos, tem fundamentos internos muito profundos que, em grande parte, consistem na influência que o nosso sentimento interno tem sobre impressões externas” (Vigotski, 2018, p. 39).

Ainda sobre a composição do processo imaginativo, a etapa seguinte é a associação. Nela, os elementos que foram dissociados e modificados são arranjados para, finalmente, serem combinados em um sistema. No entanto, Vigotski defende que o ato imaginativo criativo só se completa quando os produtos se materializam. Diz o autor:

Esses produtos da imaginação passaram por uma longa história que, talvez, deve ser breve e esquematicamente delineada. Pode-se dizer que, em seu desenvolvimento,

descreveram um círculo. Os elementos de que são construídos foram hauridos da realidade pela pessoa, internamente, em seu pensamento foram submetidos a uma complexa reelaboração, transformando-se em produtos da imaginação.

Finalmente, ao se encarnarem, retornam à realidade como uma nova força ativa que a modifica. Assim é o círculo completo da atividade criativa da imaginação (2018, p. 31).

Cabe destacar que o produto da imaginação criativa pode ser um artefato material, uma ideia ou um afeto, todos serão igualmente submetidos à mesma lei do ato imaginativo criativo e, ao tornarem-se parte do mundo objetivo, impactarão e serão impactados por ele. Concorda-se com Tateo (2015, p 2) que defende a ideia de que a “imaginação é a forma de preparação para a ação” (tradução nossa), pois antes de fazer parte do mundo material, qualquer criação foi previamente imaginada.

Mas, qual a relação entre a imaginação e a realidade? Vigotski dedica todo um capítulo do livro “Imaginação e criação na infância” para explicar essa relação. Segundo o autor, a relação entre a atividade imaginativa e a realidade se apresenta de quatro maneiras: (1) Primeiro, o produto da imaginação é construído a partir de elementos existentes na realidade e não surge fantasticamente do nada; (2) segundo, o produto da imaginação se apoia em elementos da realidade, mas possibilita uma experiência amplificada, através da mediação de um outro. Uma aula de História é um bom exemplo desse fenômeno, pois é possível imaginar o que não se vivenciou por meio de uma descrição minuciosa de um professor; (3) a terceira maneira de relação entre imaginação e realidade é transpassada pelo fator emoção, de duas formas diferentes. Primeiramente, a emoção do indivíduo vai despertar e selecionar determinados conteúdos da imaginação, assim, por exemplo, a alegria se liga a objetos, pensamentos, consonantes com essa emoção e, na segunda forma, ocorre o inverso: A imaginação interfere na emoção. Esse é o caso de quando somos impactados por um bom filme ou uma obra de arte e o ato imaginativo dessa experiência provoca a vivência de uma emoção. A interface imaginação e emoção será, ainda, retomada adiante; (4) a última relação entre imaginação e realidade diz respeito à criação de algo absolutamente novo, que se diferencia da experiência anterior, ou seja, não está presente na realidade anterior do indivíduo, mas, ao ser criado, passa a existir na realidade.

Como visto, o ato imaginativo é um todo complexo, que se apoia nas experiências do indivíduo, sendo esse o principal argumento de Vigotski para defender a diferença qualitativa da imaginação na infância e em outras fases da vida. O autor explica que, diferentemente do

adulto, o repertório de experiências da criança ainda é limitado e seus interesses, mais simples. Uma semelhança entre a imaginação da criança e a do adulto é que ambas partem de elementos vindos da realidade. A grande virada qualitativa no processo imaginativo acontece com a chegada da adolescência. Nesse período, são dadas as condições para o desenvolvimento da sua potência e há “uma profunda reestruturação da imaginação: de subjetiva ela transforma-se em objetiva” (Vigotski, 2018, p.50). Ou seja, a possibilidade de utilizar processos racionais leva o adolescente a sair do lugar da imaginação unicamente subjetiva para um ato imaginativo mesclado de condições racionais e fantásticas.

É ainda na adolescência que a imaginação se diferencia como emocional -interna ou plástica- externa. Assim, as experiências internas do indivíduo irão compor a imaginação emocional e as experiências externas ao indivíduo, a imaginação plástica. Essa manifestação do ato imaginativo produz uma bifurcação e o caminho escolhido aproxima ou distancia o indivíduo da realidade. No caso do adolescente, diz Vigotski, “é extremamente fácil satisfazer-se na imaginação; a fuga para o sonho, para o mundo imaginário, muitas vezes, afasta as forças e a vontade do adolescente do mundo real” (2018, p. 52).

Dessa forma, o conceito de imaginação se relaciona a “essa atividade criadora baseada na capacidade de combinação do nosso cérebro” (Vigotski, 2018, p.16). Essa visão teórica traz consigo uma outra perspectiva de ser humano, ao apontar que esse indivíduo não é apenas capaz de se adaptar a situações semelhantes e previsíveis, mas também a mudanças e imprevistos que ocorrem no seu cotidiano. Para Vigotski (2018), todo indivíduo tem a necessidade de se adaptar ao meio e esse equilíbrio é permanentemente buscado, no entanto, quando se levantam desafios e situações emblemáticas, esse equilíbrio é rompido e coloca o indivíduo frente a uma inadaptação ao meio. Segundo o autor, esse é um terreno fértil para o ato imaginativo e defende que “na base da criação há sempre uma inadaptação” (2018, p. 42), posto que em meio à ruptura do equilíbrio, surge uma necessidade de criar.

Assim sendo, Vigotski – como destaca Zittoun e Gillespie (2016) – é o precursor da visão produtiva da imaginação, ou seja, da imaginação ligada à produção do novo. Essa concepção de imaginação, portanto, entende que é possível ao indivíduo descolar-se da experiência imediata e expandir sua experiência no tempo e no espaço, ou seja, “caminhar” para trás ou para frente, sem depender da realidade material, uma vez que na experiência imaginativa a “consciência se afasta da realidade” (Zittoun e Gillespie, 2016, p 21, tradução nossa).

É justamente porque a construção do ato imaginativo não está colada à realidade material que ela é capaz de provocar emoções e sentimentos legítimos. Vigotski (2018, p.30),

citando Ribot, afirma que “todas as formas de imaginação criativa contêm em si elementos afetivos”, reiterando a relação mútua entre imaginação e emoção. A relação entre imaginação e emoção também é discutida por Spinoza e suas ideias dialogam com a concepção filosófica da teoria vigotskiana.

Spinoza (2019) explica a alegria e a tristeza enquanto afetos primários e defende que esses afetos interferem na capacidade de ação humana. Diz o autor “uma vez que a alegria aumenta ou estimula a potência de agir do homem, facilmente se demonstra, pelo mesmo procedimento, que o homem afetado de alegria nada mais deseja do que conservá-la...” (p. 123), por outro lado, “a tristeza diminui ou refreia a potência de agir do homem, isto é, o esforço pelo qual o homem se esforça em perseverar em seu ser” (p. 123). Assim, ao trazer a emoção na discussão sobre imaginação, a partir da perspectiva vigotskiana e spinoziana, é possível afirmar que quando a imaginação se liga a uma emoção de alegria o indivíduo terá aumentada sua capacidade de ação e, em contrapartida, quando a imaginação se liga a uma emoção de tristeza, o indivíduo terá diminuída sua capacidade de ação. Cabe destacar o que o próprio Spinoza afirma sobre imaginação e emoção:

“Esforçamo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levar à alegria; esforçam-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo que a isso se opõe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza” (2019, p. 117)

Trazendo a afirmativa de Tateo, que a imaginação ensaia a ação, com a visão spinoziana de que a imaginação pode aumentar ou diminuir a capacidade de ação humana, tem-se que o que o indivíduo imagina, especificamente sobre a escolha profissional – que mobiliza imagens de suas vivências, poderá interferir substancialmente no ciclo completo da atividade imaginativa (Vigotski, 2018), uma vez que o imaginado, a partir das suas vivências, recheadas de afetos, poderá se perder no caminho do processo imaginativo, antes que venha a se materializar,

“pois tudo que um indivíduo imagina não poder fazer, ele imagina-o necessariamente, e esta imaginação o dispõe de tal maneira que ele realmente não pode fazer o que imagina não poder. Com efeito, durante todo o tempo em que imagina não poder fazer isto ou aquilo, não é determinado a fazê-lo e, conseqüentemente, é-lhe impossível fazê-lo.” (Spinoza, 2019, p. 147).

Por outro lado, quando a imaginação está envolta de possibilidades, esse ato imaginativo é potencializado, crescendo o esforço por concretizá-la. Para Spinoza (2019, p.164), “uma imaginação é mais intensa enquanto não imaginamos nada que exclui a existência presente da coisa exterior”.

Assim, tendo como base as experiências que o indivíduo teve ao longo da sua existência, construídas na sua realidade histórica, social e cultural, que irão compor as suas vivências, torna-se pertinente conhecer o adolescente negro, o sujeito que imagina, neste estudo.

2.3 A construção social das adolescências e as adolescências das pessoas negras

De uma forma geral, a adolescência é compreendida como um período do desenvolvimento humano entre a infância e a idade adulta, marcada por mudanças biopsicossociais que compreende, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a faixa etária dos 10 aos 19 anos. No Brasil, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, é considerado adolescente o indivíduo que tem de 12 a 18 anos.

A compreensão da adolescência como é concebida atualmente é relativamente recente. Historicamente, sequer ela era considerada uma fase da vida. Na idade média, por exemplo, não havia lugar para os adolescentes e “até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância” (Ariès, 1986, p.41). O reconhecimento da adolescência que demarca um período do desenvolvimento humano data do início do século XX. Phillipe Ariès (1986, p. 48), em sua obra clássica História Social da Família e da Criança, destaca esse marco quando menciona a periodização das idades da vida e afirma: “tem-se a impressão, portanto, de que, a cada época corresponderia uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a ‘juventude’ é a idade privilegiada do século XVII, a ‘infância’, do século XIX, e a ‘adolescência’, do século XX”. A partir do século XX, a concepção de adolescência se expandiu e os adolescentes passaram a ser vistos como indivíduos que deixaram a infância, porém ainda não preparados para as responsabilidades da vida adulta (Hall, 1904). Foi o psicólogo Stanley Hall, em 1904, quem oficialmente inaugurou a adolescência como um estágio do desenvolvimento humano.

Porém, como se deu essa explosão da adolescência como um período da vida humana? Em que contexto histórico a adolescência emerge? A sociedade moderna, com a aceleração na industrialização e o crescimento das cidades, trouxe uma nova perspectiva para o mercado de trabalho. Segundo Bock (2007), houve a necessidade de uma mão de obra mais qualificada para ocupar os postos de trabalho, exigindo uma formação escolar melhor e mais duradoura. Estender o tempo de escolarização da criança foi a alternativa para atender à demanda de qualificação para o mercado de trabalho e, como consequência do prolongamento desse tempo escolar da criança, decorre o afastamento do convívio familiar e uma maior convivência com o

grupo de iguais. Esses aspectos, juntamente com a entrada postergada no mercado de trabalho, sim, criou o cenário para o surgimento de um novo período da vida humana: a adolescência.

A literatura sobre a temática adolescência discute diferentes perspectivas para defini-la. No entanto, parece existir um consenso entre os diversos autores que atribuem à puberdade o marco biológico para a entrada do indivíduo na adolescência (Serbai, 2022, Brasil, 2013). A puberdade corresponde a um padrão biológico universal, vivenciado de maneira uniforme por todos os indivíduos. Segundo Papalia e Feldman (2013, p. 386), “é o processo pelo qual o indivíduo atinge a maturidade sexual e a capacidade de reproduzir” e normalmente se inicia aos 8 anos, para as meninas e, aos 9 anos, para os meninos, se estendendo por um período de 3 a 4 anos.

Ainda que tradicionalmente, na Psicologia, a adolescência tenha sido destacada como um período de transformações físicas e psicológicas (Abreu e Pederiva, 2023), alguns teóricos (Vigotski, 2012, Moraes e Weinmann, 2020) a consideram como um fenômeno biopsicossocial imerso na pluralidade social e cultural. Ou seja, as transformações que ocorrem nos aspectos físico, cognitivo, emocional e social se revelam de formas diversas a depender do cenário social e cultural em que o sujeito está inserido (Papalia e Feldman, 2013). Moraes e Weinmann (2020) realizaram um estudo de revisão bibliográfica no intuito de compreender o que se entende por adolescência ao longo da história, de acordo com as diferentes culturas. Esses autores concluíram que o ser adolescente é sempre reflexo da relação sujeito e cultura, não cabendo o entendimento de uma adolescência universal. Ou seja, o sujeito que vive o processo é individual, porém, para compreendê-lo, sempre será necessário o olhar para o contexto cultural que o define.

Na direção das correntes teóricas que negam o caráter natural e universal da adolescência e a compreendem como um fenômeno traspassado pelo social, histórico e cultural, o presente trabalho se volta para a Psicologia Histórico-cultural que ressalta que:

ao estudar a adolescência, não faz a pergunta ‘o que é a adolescência’, mas, ‘como se constitui historicamente este período do desenvolvimento’. Isso porque para esta abordagem, só é possível compreender qualquer fato a partir da sua inserção na totalidade, na qual este fato foi produzido, totalidade essa que o constitui e lhe dá sentido. Responder o que é adolescência implica em buscar compreender sua gênese histórica e seu desenvolvimento. (Bock, 2007).

A adolescência, para essa perspectiva teórica, “não pode ser reduzida a apenas um processo de mudanças biológicas, naturais, caracterizadas por consequentes síndromes em virtude dos ‘hormônios à flor da pele’” (Abrantes; Martins, 2020. p. 195). No entanto, tratá-la como um fenômeno cultural, não significa negar ou subvalorizar os determinantes biológicos,

fundamentais marcadores desse processo, mas entender que cada período do desenvolvimento do ser humano é também produto da forma como a sociedade onde o sujeito vive demarca os papéis (Melo, 2023).

Vigotski,(2018) atribui ao meio um importante papel no desenvolvimento humano. Segundo ele, o que se espera obter da criança, em termos de desenvolvimento, ao final de determinado período, deve ter sido ofertado desde o início, pelo meio. Sua visão de periodização do desenvolvimento vai além de uma passagem cronológica da idade ao entender que as relações sociais exercem papel de desenvolvimento. Assim, o autor, ao focar a adolescência, que ele denomina de período de transição (Vigotski, 2012), não polariza os fatores biológicos e sócio-culturais, mas os defende como uma unidade dialética e interdependente que irá compor o universo bio-psico-social do indivíduo.

O biológico não perde o lugar de determinante no desenvolvimento adolescente, no entanto, o que se defende é que “as funções biológicas são transformadas pela ação das culturais” (Abreu e Pederiva, 2023, p.386), ou seja, as mudanças que ocorrem no plano biológico se manifestam em um contexto social que lhe atribui significado. A própria maturação sexual e as alterações físicas, tais como o aparecimento dos seios nas meninas e dos músculos, nos meninos, impulsionadas pelos fatores biológicos, são significadas socialmente e o adolescente passa a responder não apenas às demandas biológicas (internas) mas também às exigências sociais e culturais (externas). Sobre isso, Vigotski (2006) afirma que a adolescência será marcada por mudanças biológicas aliadas a toda uma reestruturação das relações sociais e com o meio, realçando a natureza dinâmica e dialética desse processo.

Assim, ao considerar a situação social e cultural do desenvolvimento, para analisar os ciclos da vida, Vigotski oportuniza uma adolescência contextualizada, retirando o adolescente do molde biológico, natural e universal. Esse ponto de vista é particularmente relevante quando se discute sobre a adolescência da pessoa negra, pois há a intersecção com a questão racial. A teoria vigotskiana não produziu discussões específicas sobre as questões étnico-raciais em qualquer período do ciclo vital, no entanto, a compreensão de que o ser humano se constitui na relação com o outro, imerso na totalidade social e cultural, oferece elementos robustos para o estudo dessa temática. Defender que a formação do ser humano é transpassada pelo contexto social, cultural e histórico é um ponto essencial para a compreensão do processo de constituição da subjetividade humana.

Nesse contexto, do enlace entre a constituição da subjetividade humana e das relações étnico-raciais, cabe a indagação: poderia um sujeito não ser impactado pela problemática do

preconceito, discriminação e racismo? As palavras de Djanira Ribeiro parecem concordar que não. Para a autora “é impossível não ser racista tendo sido criado numa sociedade racista” (2019, p.15). Assim sendo, partindo do pressuposto de uma sociedade balizada por um racismo estrutural (Almeida, 2019; Ribeiro, 2019), não se pode conceber imunidade a todas as mazelas resultantes do racismo, ainda que o sujeito seja negro ou branco, pois o racismo estrutural é um sistema que está enraizado e molda as relações sociais, políticas e econômicas.

Desse modo, uma vez que é adotada uma visão histórico-cultural neste texto, para conhecer o adolescente negro – o sujeito deste estudo – seria inapropriado pinçá-lo para fora do contexto social, histórico e cultural, ao qual ele está inserido. Segundo Macedo e Felipe (2016, p.8), ao considerarmos a adolescência é preciso compreender que “dentro desse grupo universal [há] um outro visto como minoria. Um coletivo de jovens que sofrem, duplamente, os dramas de ser adolescente (ou criança) no Brasil: os negros. Essa interseccionalidade torna mais vulnerável essa parcela social”.

Mas...adolescência não é tudo igual? A pergunta é parte de uma seção da dissertação de Elânia Francisco Lima (2018) onde ela discute Negritudes, Adolescências e Afetividades. A autora relata que a trajetória de construção da sua pesquisa foi acompanhada por frequentes indagações nascidas tanto do universo acadêmico como de fora desse, cujo cerne subentendia a existência de uma linearidade na adolescência. Essa crença parece estar refletida na escassa produção científica relacionada especificamente à adolescência da pessoa negra, que foi constatada por Elânia Francisco Lima e também referida na introdução da presente dissertação. Djamila Ribeiro (2019) discute em sua obra “Pequeno Manual Antirracista” o quanto os negros foram silenciados por um sistema de opressão que, sendo estrutural, lhe garante anonimato. Assim, trazer a intersecção adolescência e pessoa negra seria, como menciona a última autora (2019, p. 9), “nomear as opressões, já que não podemos combater o que não tem nome”.

O racismo estrutural é um fenômeno velado, que transita em qualquer grupo étnico-racial e passa despercebido. Djanira Ribeiro salienta que, mesmo para ela, filha de um militante negro, não foi fácil perceber as sutilezas desse sistema opressor. As práticas racistas excludentes e discriminatórias são normatizadas e passam adiante, garantindo privilégios, a exemplo das relações de trabalho onde os negros servem aos brancos (gerente-serviços gerais, patroa-empregada doméstica). Assim, o racismo é consolidado e até, naturalizado. O processo de desvendar a branquura (Sousa, 2021), ou seja, o modelo de identificação do branco, e se perceber negro pode levar anos. O depoimento de uma adolescente, trazido na matéria “Como é ser um adolescente negro em uma escola de brancos”(Estadão, 2020) demonstra bem a

complexidade dessa temática. Ela diz: “Demorei 15 anos para me entender como negra e isso só aconteceu a partir do meu primeiro contato com professores negros. Ser negro dentro de uma escola majoritariamente de brancos é "**não ser negro**" (grifo nosso).

De fato, adolescência tem cor, ela pode ser preta ou branca e se revela como dois lados de uma mesma moeda. Basta se realizar uma busca geral no Google com a temática “Adolescência, brancos e negros” para se encontrar notícias, matérias e estudos onde se inserem palavras como desigualdade, abismo, vulnerabilidade, sempre na desvantagem dos negros em relação aos brancos. E quanto ao aspecto educação, recorte particularmente de interesse desta pesquisa, o cenário não é diferente e se revela como um indicador preocupante.

Informações divulgadas pelo Observatório de Educação mostram que os estudantes pretos e pardos (segundo o IBGE, a população negra compreende os indivíduos pretos e pardos) são os mais afetados quando considerados os índices de abandono e evasão, uma vez que suas escolaridades estão marcadas por uma história de maiores reprovações e distorções idade-ano. No Ensino Médio, por exemplo, a taxa de evasão escolar entre os estudantes negros é quase o dobro da observada entre os estudantes brancos (Sbt News, 2025). Logo, a interface escolaridade e população negra, no Brasil, evidencia que esta população possui um menor rendimento, maiores taxas de reprovação e possibilidade de evasão escolar do que os brancos (Soares; Fontoura, Pinheiro, 2007).

Quando o estudante negro rompe com todas as dificuldades do percurso e consegue concluir o Ensino Fundamental, os números mostram que, em termos de acesso e conclusão do Ensino Médio, está longe de haver equidade de oportunidades entre pretos e brancos. Segundo dados do Todos pela Educação (2023), a cada dez jovens negros, apenas seis conseguem finalizar o Ensino Médio. Conclui ainda que, citando dados do IBGE, os “jovens negros estão 10 anos atrás dos estudantes brancos no ensino médio”. De uma forma geral, considerando todos os alunos, o acesso, permanência e conclusão do Ensino Médio no Brasil melhorou (em 2012 63,5% dos alunos de 15 a 17 anos estavam matriculados ou já haviam concluído o EM e em 2022, eram 76,7%), no entanto, ainda não foi resolvida a discrepância étnico-racial que os números indicam.

Dessa forma, ao confrontar esse cenário de desigualdade, cristalizado historicamente, com a constatação de que a educação tem um papel fundamental para o desenvolvimento humano e para uma inserção produtiva no mercado de trabalho, revela-se a importância de trazer para o estudo da adolescência e EP o aspecto raça, pois a “a ausência do recorte racial

em pesquisas que têm as desigualdades sociais e populações como foco indica que o ‘mito da democracia racial’⁶, foi também aceito e assimilado pelo meio acadêmico” (Passos, 2011, p.3).

Cabe ainda destacar os dados revelados pela agência Lupa – portal virtual de checagem de informações das redes sociais - que demonstram que, entre a população de desempregados, subocupados ou em trabalhos informais, os negros são maioria, bem como são a menor parte da população que assume ocupações de liderança no mercado de trabalho. Esse panorama parece resultar dos longos anos de precariedade na trajetória da escolaridade da população negra que, embora esteja evidente nos dados mencionados, segue adiante, ainda sem previsão para a superação das desigualdades raciais na educação.

No caminho da tão sonhada equidade étnico-racial na educação, a implementação da Lei 10639, de 2003, foi um importante marco no cenário da luta antirracista no Brasil ao trazer a obrigatoriedade de incluir, nos currículos do ensino fundamental e médio, conteúdos que versam sobre a História e Cultura Afro-brasileira. A referida Lei partiu do entendimento de que a estrutura curricular brasileira já traz em seu cerne a própria desigualdade racial ao abordar, majoritariamente, uma perspectiva eurocêntrica. Essa prática, da imposição de uma cultura sobre outra, com o silenciamento da história e identidade negra, se configura como um epistemicídio (Grosfoguel, 2016), ao desqualificar uma cultura (negra) em benefício de outra (branca) e por ofertar privilégio na produção de um conhecimento (dos brancos) em detrimento dos demais (negros, índios...).

Assim, a Lei inaugurou um caminho, pois, entre o fim do século XIX e início do século XX não foram criadas possibilidades de inclusão da pessoa negra na sociedade (Observatório da Educação). Esse caminho parece ter sido assertivo se o confrontarmos com a fala do antropólogo e professor da USP, Kabengele Munanga, publicada na matéria Desigualdade racial na educação brasileira, do Observatório da Educação. Ele destaca que a educação contribui com a origem e reprodução do racismo, logo, por ela, também se pode combatê-lo. Segundo ele, pela educação, é possível construir novos sujeitos, capazes de apreciar a convivência com as diferenças. Porém, a luta antirracista dentro da escola ainda caminha a passos lentos. Os próprios indicadores de abandono e evasão, distorção idade-série, reprovação e desemprego por raça, falam por si. Esses dados revelam que há um longo caminho a ser percorrido e expressam a emergência de políticas e práticas de combate ao racismo e desigualdades sociais.

⁶“O mito da democracia racial no Brasil está fundamentado em uma falsa ideia de miscigenação e integração racial tomada como indício inequívoco de harmonia e igualdade entre as diferentes etnias.” Disponível em <https://www.todamateria.com.br/democracia-racial/>

2.4 A Escolha profissional através da lente Histórico-cultural

Durante sua trajetória de vida, o ser humano está a todo o tempo fazendo escolhas, seja entre duas ou mais opções, trazidas tanto de contextos reais – opções do presente – ou de contextos imaginados – opções futuras e, portanto, prospectadas. Tanto para uma, quanto para outra, em todas as situações nos distanciamos do aqui e agora e imaginamos como seria cada uma das opções. Dentre os múltiplos cenários em que os processos imaginativos atuam na vida humana, a escolha profissional ganha destaque como uma etapa que marca fortemente o período da adolescência (Martins & Abrantes, 2020, Primi et al, 2000), pois representa a entrada no mundo do adulto e na sociedade (Nascimento, 2014).

O enlace adolescência e trabalho surgiu quando, por ocasião da ascensão do capitalismo, o trabalho se sofisticou e passou a exigir maior preparação técnica. A saída foi manter as crianças por mais tempo na escola, para obter maior preparo profissional. Bock (2007, p.68), nesse tocante, refere-se à adolescência como um “período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico”. A autora menciona ainda que, como as profissões não passavam mais de geração para geração, ocasionou uma quebra dessa experiência, transformando a idade da adolescência no período da vida dedicado à escolha profissional.

A noção de escolher, relacionada a uma profissão, ao longo do tempo histórico, passou por diversas modificações. Bock (2018), ao destacar essa linha do tempo, traz que os primeiros antepassados do homem sobreviviam da coleta e, posteriormente, da caça, cujas funções eram designadas exclusivamente pela condição do gênero. Já na Grécia antiga, registram-se apenas dois lados, ou se era trabalhador – ocupação que unicamente poderia ser executada pelos homens não livres – ou se era desocupado – atividade do homem livre, cuja imagem social estava associada à valia e ao reconhecimento. Assim, “as condições estavam estabelecidas aprioristicamente pela estrutura da sociedade e a forma como ela se organizava” (Bock, 2018, p. 21), neste sentido, não havia menção a qualquer tipo de escolha da ocupação. Esse sistema (de não escolha da ocupação) perdura também na idade média, durante o feudalismo.

É somente com o surgimento do capitalismo que esse cenário muda. Neste período histórico, ascende um novo modo de produção: o trabalho, que antes visava à sobrevivência, passa a ser força de produção para o mercado. Com o sistema capitalista, “o trabalhador agora é livre e tem direitos iguais para vender sua capacidade de trabalhar” (Bock, 2018, p. 23). A ideia de optar por uma ocupação começa a se delinear, pois até então não existia a possibilidade

de uma escolha profissional, já que os filhos acabavam por seguir o ofício do seu grupo familiar (De Almeida & Magalhães, 2011). De fato, escolher uma profissão passa a ter importância, uma vez que o trabalho deixou de ser uma atividade para suprir as necessidades do indivíduo e da família, em vista a um mercado que incentiva a produtividade, como forma de obter lucro, que é característica fundamental do capitalismo.

É a partir desse contexto que se iniciam os estudos sobre a escolha profissional. A princípio, pode-se classificar as teorias em orientação profissional em três grupos: as teorias não-psicológicas, as teorias psicológicas e as teorias gerais (Bock, 2018). As teorias não-psicológicas compreendem que a escolha profissional é determinada por elementos externos (sociais, econômicos, culturais) ao indivíduo, que delimita o lugar ocupacional desse sujeito; as teorias psicológicas, por outro lado, defendem que a escolha profissional resulta de uma determinação interna do indivíduo, que é o protagonista da sua escolha; já as teorias gerais, uniram os determinantes externos e internos ao indivíduo que escolhe, explicando que a escolha profissional é determinada “ora por aspectos psicológicos, ora por aspectos socioeconômicas” (Bock, 2018 p. 37).

Sendo assim, olhar para a escolha profissional, a partir da concepção das referidas teorias, é ter que optar por um dos lados do pêndulo. Por essa razão, Silvio Bock (2018) apontou uma nova classificação das teorias, também subdividida em três grupos: teorias tradicionais ou liberais, teorias críticas e teorias para além da crítica. As teorias tradicionais incorporam a ideia de ajustar o perfil pessoal ao perfil de uma determinada profissão e, “em maior ou menor escala, há um ajustamento do indivíduo à sociedade” (Bock, 2018, p. 48). No entanto, transmitem a ideia de autonomia do sujeito em relação à sociedade, ao propagarem a visão liberal de que “o indivíduo tem em suas mãos a possibilidade de ultrapassar os obstáculos colocados pela realidade” (*ibidem*, 2018, p. 49); as teorias críticas, por sua vez, vão explicar a escolha profissional como produto de uma realidade social, pois, segundo elas “é a estrutura social e econômica que explica o posicionamento da pessoa na sociedade...” (*ibidem*, 2018, p. 60), logo, o sujeito não escolhe, pois está submetido à determinação social. E, por fim, as teorias para além da crítica, que surgem como uma tentativa de “superar a dicotomia entre indivíduo e sociedade apontada anteriormente” (*ibidem*, 2018, p. 67).

Como visto, dentro do campo das teorias em orientação profissional, há múltiplas abordagens para a temática. Dentre essas, a escolha profissional será aqui compreendida a partir da perspectiva da Teoria para Além da Crítica, que se inspira na Psicologia Histórico-cultural e entende que refletir sobre escolha profissional não exclui os determinantes sociais,

pois não há dicotomia sujeito-sociedade. Essa teoria compreende que o indivíduo não é produto absoluto do meio (teorias críticas) nem totalmente autônomo em relação a esse (teorias tradicionais-liberais), mas determinado e, ao mesmo tempo, determinante diante da sociedade. Logo, suas escolhas são multideterminadas, ou seja, transpassadas por fatores individuais e coletivos.

Neste cenário, a EP pode ser conceituada como um processo que envolve o fazer, o ser e o lugar que se pretende ocupar no mundo através do trabalho (Bohoslavsky, 2007). Nesse sentido, esse indivíduo que escolhe, ao pensar numa profissão, busca seu repertório de referências construídas a partir de contatos pessoais, com a mídia, leituras (Bock, 2018) que, tanto podem o aproximar como afastar de uma ocupação. Assim, “quando uma pessoa pensa em seu futuro, ela nunca o faz de forma despersonalizada. Ao escolher... a atividade que vai desenvolver, a pessoa mobiliza imagens que adquiriu durante sua vida’(Bock, 2018, p. 78). Ainda, “o momento da escolha profissional não acontece em função de um suposto amadurecimento bio-psicológico do indivíduo, mas é determinado pela cultura educacional/profissional de uma classe social e/ou de uma sociedade” (Bock; Furtado; Teixeira, 2022, p. 179). Trazendo o fenômeno da EP no contexto desta pesquisa, o momento central – impulsionado pela cultura – é o término do Ensino Médio. Esse momento pode ser vivenciado de forma antecipada ou não a depender de cada indivíduo, bem como ser experienciado com maior ou menor dificuldade.

Dados da pesquisa realizada pela plataforma online de carreira & empregabilidade, CMOV (Carreira e Movimento), em 2021, com a participação de mais de 2 mil jovens brasileiros, revelaram que 82% não sabem ou têm dúvidas do que fazer profissionalmente, demonstrando que esse processo de escolha pode ser bem mais complexo do que parece. Em face a esse contexto, a situação do adolescente negro, é ainda mais desafiadora. No estudo “Jovens Negros e o Mercado de Trabalho” realizado pelo Instituto de Referência Negra Peregum, foi revelado que um dos obstáculos na vida profissional de jovens negros é ter que escolher entre o trabalho e os estudos, assim sendo, a EP para os (as) negros(as) não se dá somente a partir de suas relações prospectadas com as profissões, mas é também atravessada por uma realidade econômica, cuja urgência da sobrevivência se destaca em relação aos sonhos e projetos do(a) adolescente.

Assim, a entrada precoce do adolescente negro no mercado, para assistir à sua família na subsistência, provoca, na maioria das vezes, a descontinuidade nos estudos. Esse cenário acaba gerando um ciclo interminável de baixo desempenho na educação básica, má qualificação

para o trabalho, resultando em remuneração deficiente e sub-representação em postos de trabalhos que exigem uma melhor formação educacional. Porém, a realidade se apresenta ainda pior do que demonstra o fenômeno do abandono escolar. Uma pesquisa sobre a diferença salarial entre negros e brancos para o cargo de gerente, divulgada pela CNN Brasil (2023), mostrou que os trabalhadores brancos recebem melhores salários do que os trabalhadores negros. A pesquisa ressalta que a diferença salarial entre negros e brancos existe (cerca de 42,3 %) mesmo quando a qualificação profissional entre ambos é idêntica, evidenciando como o racismo está enraizado nas relações institucionais. Acerca disso, cabe realçar a fala de Djamila Ribeiro (2019) que evidencia ser fundamental reavaliar as questões de raça no ambiente de trabalho, pois o desafio está para além da representatividade, ele se encontra na equidade das relações humanas e de trabalho.

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

A fim de entender os significados que os adolescentes negros atribuem ao fenômeno da escolha profissional, o presente estudo alinha-se aos pressupostos teóricos do materialismo histórico dialético e sustenta-se em uma abordagem metodológica de natureza qualitativa, idiográfica, cujo delineamento utilizado foi o estudo de caso.

Assim, ao se debruçar sobre os pressupostos teóricos do materialismo histórico-dialético, dá-se ênfase, ao longo de toda a análise, aos aspectos históricos, dialéticos e materiais, bem como nega-se quaisquer concepções dualistas que separam objetivo de subjetivo, social de individual, afetivo de cognitivo. Buscou-se, então, apreender o processo histórico no qual os adolescentes negros dialeticamente constroem significações sobre a EP em face à realidade material analisada.

Minayo (2016) destaca que a pesquisa qualitativa, ao trabalhar com o universo subjetivo do humano, explora elementos cujos significados não podem ser capturados mediante quantificação. Ainda, o modelo idiográfico, sustentado na abordagem histórico-cultural, permite generalizações a partir do estudo de caso por entender que, ao se mergulhar, através da proposta metodológica, no universo onde se constituem os sentidos do sujeito, é possível desvendar como se processam “as mediações constitutivas do fenômeno pesquisado” (Bock; Gonçalves; Furtado, 2011, p. 139). Logo, a capacidade de generalização não se dá pela semelhança das situações vivenciadas por diversos sujeitos, mas pela potência explicativa da natureza das determinações que os constituem (*ibidem*, 2011). A abordagem qualitativa

mediante estudo de caso, permite ainda revelar, em profundidade, a compreensão de fenômenos que acontecem na vida real.

Partindo desse percurso metodológico, este tópico se desdobra nas seguintes seções: participantes, seleção do contexto da pesquisa, procedimento para a construção dos dados e passos para a análise dos dados construídos.

3.1 Participantes

Participaram do estudo dois estudantes, adolescentes, negros, de gêneros diferentes, terceiranistas da Escola Técnica Estadual (ETE) do município do Paulista, região metropolitana do Recife/PE, que foram selecionados a partir dos seguintes critérios de inclusão: 1) se autodeclarar negro(a); 2) ser adolescente (ou seja, até 18 anos incompletos); 3) estudar em uma escola estadual pública; 4) ser terceiranista (independentemente de ter reprovações anteriores). O critério de exclusão adotado foi a presença de comprometimento cognitivo ou de transtorno psíquico que pudesse interferir na participação no estudo.

3.2 Seleção do contexto de pesquisa

A escolha do contexto da pesquisa se voltou especificamente para a escola pública uma vez que é nesse cenário que está a maioria dos estudantes brasileiros (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020). Já em relação à Escola ETE, a escolha se deu por conveniência, bem como pela forte aderência da gestão escolar à proposta do projeto.

ETE (Escola Técnica Estadual) é uma instituição de ensino pública, voltada para a preparação do aluno para a atuação profissional. Assim sendo, segue a matriz curricular do estado de Pernambuco para o Ensino Médio e a BNCC. A unidade em que foi realizada a pesquisa fica localizada no município do Paulista, região metropolitana do Recife. Nessa unidade, são oferecidas três modalidades de ensino técnico: (1) o Ensino Médio e técnico integrados, que acontece nos turnos manhã e tarde, (2) a modalidade subsequente, destinada ao aluno já concluinte do Ensino Médio, que deseja uma formação técnica e ocorre no turno da noite e (3) a modalidade EAD, ou seja, de Educação a Distância, também apenas para formação técnica.

No ano letivo de 2024, a ETE atendeu a 461 alunos no Ensino Médio integrado, distribuídos em 12 turmas (sendo quatro de primeiros anos, quatro de segundos anos e quatro de terceiros anos), nos cursos de Administração e Design Gráfico. Para atender a essa população

escolar, o organograma da instituição é composto da gestão escolar, conselho escolar, corpo técnico administrativo e um corpo docente que contém um total de 35 profissionais. A comunidade escolar convive em um espaço físico que ocupa um quarteirão e é distribuído da seguinte forma: hall de entrada e acesso, estacionamento, 12 salas de aula climatizadas, sala dos docentes com quatro ambientes, duas cozinhas, dois depósitos, duas salas de almoxarifado, sala de direção, sala de adjunta de direção, sala de material esportivo, duas salas de coordenação, biblioteca, sala do grêmio estudantil, sala de conferência, secretaria, nove banheiros destinados a alunos (sendo dois PCDs) e 3 banheiros destinados a funcionários, um laboratório de tecnologia, um laboratório de física e matemática, um laboratório de ciências, um auditório, pátio coberto, refeitório, quadra poliesportiva coberta, piscina semiolímpica, campo de futebol, duas salas de dança e dois vestiários.

Ao adentrar nas instalações da instituição, a pesquisadora foi encaminhada à vice-gestora, a fim de obter o consentimento para a realização do estudo. Posto isso, a pesquisadora, acompanhada da coordenadora da instituição, dirigiu-se às quatro turmas de terceiros anos a fim de realizar a apresentação do projeto aos alunos, explicar a pesquisa, objetivos e etapas, retirar dúvidas, bem como convidar aqueles que se autodeclarassem negro (as) a participarem. Um quantitativo de oito alunos expressaram o desejo de participar e desses, quatro não preenchiam os critérios de inclusão. Entre os demais, foi realizado um sorteio a fim de chegar ao número previsto de dois participantes. A partir da seleção dos estudantes, houve um contato preliminar com os mesmos para os apontamentos éticos, com a entrega e leitura dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, TALE – participantes (Apêndice A) e TCLE – responsáveis (Apêndice B), bem como para o agendamento dos encontros a serem realizados nas etapas da pesquisa.

3.3 Procedimento para a construção dos dados

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e aprovado através do parecer nº: 6.745.603. Posto isto, para a construção dos dados, os procedimentos metodológicos empregados foram entrevistas individuais, abertas, semiestruturadas e recorrentes e a utilização do instrumento caixa de surpresas. A entrevista aberta e semiestruturada é uma técnica que tem como característica fundamental a combinação de perguntas abertas e fechadas (Minayo, 2016), direcionadas pelo entrevistador, que poderá formular outras, a partir da fala do participante. Já a modalidade recorrente, possibilita retomar pontos da fala do participante ampliando o

entendimento sobre sua narração (Silvia e Davis, 2016). Para as duas primeiras entrevistas, foram utilizados roteiros semiestruturados (Apêndices C e D) e a terceira entrevista foi construída sem roteiro predefinido, ou seja, a partir do material produzido com a caixa de surpresas. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas.

A caixa de surpresas consiste em uma caixa com diferentes materiais, isto é, folhas coloridas, tesoura, cola, pincel, canetas, tintas, tecido, massa para modelar e um scrapbook, conforme as imagens abaixo:



Fonte: A autora

Esse instrumento busca gerar produções simbólicas a partir da atividade imaginativa do participante sobre a questão de pesquisa do estudo. A caixa de surpresas foi adaptada a partir do recurso denominado scrapbook, a saber, um livro de recortes que permite a criação livre da história de vida do sujeito. Dessa forma, o scrapbook foi utilizado por Melo (2018) em sua pesquisa sobre processos imaginativos, com o intuito de favorecer produções imaginativas para além das construções verbais. A caixa de surpresas, por sua vez, oferta mais conteúdos para o participante (não só o scrapbook) que incitam e facilitam os processos imaginativos. Esse recurso foi utilizado em diferentes pesquisas (Ramos, 2019; Batista, 2019; Carvalho, 2019) dentro do campo do estudo da imaginação a partir de um viés sociocultural, desenvolvidas no Laboratório de Estudos da Imagem - EIKASIA da UFPE.

A construção de dados com os participantes foi organizada, a princípio, a partir de três encontros, cada um deles individual. O primeiro deles foi uma entrevista semiestruturada

voltada para estabelecer o *rappori*⁷ e conhecer a trajetória de vida do participante, bem como ter uma visão geral sobre suas compreensões acerca da vida profissional.

De acordo com a proposta de entrevistas recorrentes adotada no estudo, o segundo encontro se iniciou retomando algumas questões da entrevista anterior, no intuito de esclarecer e aprofundar algumas falas e, em seguida, ocorreu uma segunda entrevista semiestruturada. Essa teve como foco explorar os planos profissionais futuros dos adolescentes, indagando se havia opções prospectadas ou alguma escolha determinada. Após o fim da entrevista, foi entregue a caixa de surpresas com a seguinte instrução: *Você ficará com a caixa de surpresas por uma semana, poderá fazer uso dos elementos que a constituem, assim como acrescentar outros e até mesmo não usá-los, caso observe que os elementos não contemplam a produção que pretende fazer. Além disso, ao final do projeto as produções lhes serão devolvidas, bem como a caixa, como forma de agradecimento por sua contribuição com a pesquisa. Gostaria que você imaginasse a sua vida profissional e, a partir do que você imaginar, construir algo.*

O terceiro encontro também se iniciou com uma entrevista contendo questões recorrentes a respeito da segunda entrevista e, posteriormente, foi iniciada uma entrevista aberta sobre o material produzido com a caixa de surpresas, buscando: (a) compreender como foi a experiência da construção; (b) explorar cada um dos elementos construídos pelo participante. Ao final dessa conversa, iniciou-se uma nova entrevista aberta através da pergunta deflagradora: “a partir de tudo que conversamos, então o que você imagina sobre sua escolha profissional?”. Essa pergunta buscou fazer uma síntese de tudo que foi dialogado com o participante, bem como explorar possíveis modificações de significações que tenham ocorrido ao longo do processo.

Após todos os procedimentos propostos empregados na construção dos dados, revelou-se ser necessário um quarto encontro, com o objetivo de compreender melhor algumas falas dos participantes e fazer um fechamento do processo, com a devolução da caixa de surpresas.

3.4 Passos para a análise dos dados construídos

⁷ Rapport é um conceito originário da Psicologia que alude à técnica de buscar criar uma ligação de empatia com outra pessoa. O rapport, enquanto técnica, visa fomentar confiança no processo de comunicação para que a pessoa fique mais aberta e receptiva, fazendo com que ela interaja com a pessoa que ela interaja, troque e receba informações com maior facilidade (Carretoni; Prebianchi, 1999).

Considerando que o presente estudo é de natureza qualitativa, dentro de uma abordagem histórico cultural, ancorado nos pressupostos epistemológicos do materialismo histórico dialético, o procedimento adotado para a análise dos dados objetiva “evidenciar qual é o significado do fenômeno para aqueles que o vivem” (Silva e Davis, 2016), com o olhar sobre como o sujeito se constitui historicamente na sua relação com o outro. Aguiar e Ozella (2006, p 225) mencionam que

ao nos referirmos aos pontos essenciais a serem considerados sobre o método, não podemos deixar de mencionar a impossibilidade de se construir um método alheio a uma concepção de homem. Assim, falamos de um homem constituído numa relação dialética com o social e com a História, sendo, ao mesmo tempo, único, singular e histórico.

Assim, para capturar o processo histórico no qual os adolescentes negros dialeticamente constroem significações sobre a Escolha Profissional, a pesquisa incorporou a análise dos dados a partir da proposta dos núcleos de significação (Aguiar e Ozella, 2006, 2013). Os núcleos de significação exploram a apreensão dos significados do sujeito frente à realidade e funcionam como uma lupa para o pesquisador, pois o caminho metodológico percorrido permite “passar da aparência das palavras (significados) para sua dimensão concreta (sentidos)” (Aguiar et al, 2015, p.61). Dessa forma, após a transcrição literal das entrevistas, a análise dos dados ocorreu a partir da organização de três etapas: pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação.

- (1) A primeira etapa foi iniciada com a leitura flutuante de todo o material da pesquisa para a seleção dos pré-indicadores analíticos. Os pré-indicadores consistem em palavras com significados, relevantes dentro do contexto do objetivo da pesquisa e expressam conteúdo emocional (Aguiar e Ozella, 2006, 2013). Assim, foram grifados todos os pré-indicadores para evidenciar as questões centrais tratadas pelos sujeitos.
- (2) A segunda etapa consiste na articulação dos pré-indicadores, pelos critérios de complementariedade, similaridade e oposição (*ibidem*, 2006, 2013). Ao agrupá-los, são constituídos os indicadores. Os indicadores são grupos dialeticamente articulados cujas significações presentes são analisadas como multideterminadas, na dialeticidade que as constitui, gestando uma nova síntese. Essa etapa, de organização dos indicadores, já configura um movimento de compreensão da totalidade pois, conforme apontam Aguiar et al (2015, p. 61) “para que possamos ... nos apropriar das significações, necessário se faz apreender não sua unilateralidade, mas suas relações, qualidades,

contradições, isto é, as mediações sociais e históricas que as configuram como unidades dialéticas da fala e do pensamento”.

- (3) E, finalmente, foram organizados os núcleos de significação. A constituição dos núcleos de significação já corresponde a uma abstração maior, pois é uma nova síntese que surge a partir dos indicadores. Considerando a importância dada aos movimentos de articulação, no procedimento dos núcleos de significação, observou-se não só os movimentos de semelhança e complementaridade, mas também as possíveis contradições existentes entre os indicadores. Por essa razão, os núcleos de significação representam a etapa que mais se aproxima “dos sentidos que o sujeito constitui para a realidade na qual atua” (Aguiar et al, 2015, p.62).

A análise dos núcleos de significação consiste em um processo que parte do intranúcleo para o internúcleo e requer interpretação da narrativa para além da própria fala do participante, ou seja, busca dialogar com o contexto social, político e econômico (Aguiar e Ozella, 2013) e com as teorias que embasam o estudo. Esse processo de análise e interpretação permite “explicitar como o sujeito transformou o social em psicológico e assim constituiu seus sentidos” (Bock; Gonçalves; Furtado 2011, p. 137).

Assim sendo, foram mapeadas as significações dos participantes – bem como os aspectos sócio-históricos e culturais nelas presentes – acerca da EP. Ademais, foram investigadas quais as dinâmicas imaginativas inerentes às construções e reconstruções dessas significações. Posto isso, todo o material construído foi analisado à luz das seguintes categorias teóricas de análise sobre o processo imaginativo: na primeira delas foram identificados todos os conteúdos em que a atividade imaginativa possibilitou uma expansão da experiência dos participantes (Zittoun; Gillespie, 2016); na segunda categoria teórica de análise, por sua vez, foram elencados os momentos em que os processos imaginativos restringiram as possibilidades do adolescente, no sentido de trabalharem de forma a inibir a capacidade de ação deles (Andrade, 2022), na terceira, conteúdos em que a atividade imaginativa se expressou de forma reprodutiva, ou seja, se voltou para o passado, repetindo experiências anteriores (Vigotski, 2018) e, a quarta categoria, conteúdos em que a atividade imaginativa se expressou de forma criativa, a saber, se projetou para o futuro, resultando em um produto absolutamente novo (*ibidem*, 2018).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção do presente estudo apresenta a descrição de uma breve história dos participantes e os resultados encontrados a partir da análise das entrevistas à luz dos núcleos de significação e aportes teóricos os quais o estudo está ancorado, na seguinte ordem: (1) Juliano, o primeiro participante e (2), Virgínia, a segunda participante.

4.1 Entre descansar, jogar e estudar... Quem é Juliano, o primeiro participante?

O participante é um adolescente de 17 anos, do gênero masculino, negro de pele clara e foi nomeado de forma fictícia por Juliano, em homenagem a Juliano Moreira⁸, o primeiro médico negro do Brasil. Juliano foi criado e reside com os avós maternos, o genitor é falecido e sua genitora reside próximo à sua casa. É um adolescente que demonstra hábitos reclusos, gosta de descansar, jogar online e não tem vida social com amigos. Tem como hobby a prática de academia e estudar. Juliano estudou da educação infantil ao 4º ano do Ensino Fundamental dos anos iniciais em instituição escolar particular e, a partir do 5º ano, em instituição escolar pública. Realizou concurso para ingresso no ETE no ano de 2021, para o nível médio/técnico em Administração, no intuito de ter mais tempo para estudo por se tratar de uma escola integral. Trabalha esporadicamente, de maneira informal, na oficina elétrica de um tio materno. É cristão e membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Tem-se que o pai de Juliano trabalhou na Revista Abril, em uma ocupação desconhecida pelo participante. Sua mãe iniciou a vida profissional trabalhando em uma loja de elétrica do pai e, atualmente, trabalha informalmente no ramo de confeitaria, porém concluiu o curso de Radiologia. O avô de Juliano começou a trabalhar ajudando um amigo com serviços de eletricista de automóvel, abrindo uma loja nesse ramo posteriormente. Sua avó, iniciou a vida profissional trabalhando em uma fábrica de bexigas, veio a deixar o trabalho com o nascimento dos filhos e tornou-se dona de casa. É pertinente assinalar que, assim como o avô, um tio de Juliano também trabalha com elétrica de automóveis, sendo essa oficina onde Juliano desenvolve seu trabalho informal.

4.1.1 Entrevista com Juliano: o processo de escolha profissional

⁸ Juliano Moreira nasceu no ano de 1873 e graduou-se médico aos 18 anos, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Fonte: <https://costanorte.com.br/plueditorial/ints-homenageia-primeiro-medico-negro-do-brasil-1254048.html>. Acesso em 07.08.2024

Após a realização das entrevistas com o participante, a transcrição literal das falas e leitura flutuante de todo o material produzido, seguiu-se à seleção das palavras com significado e, assim sendo, foram construídos um total de 127 pré-indicadores (Tabela 1, Apêndice E).

Seguindo o procedimento da análise, a etapa seguinte foi a aglutinação dos pré-indicadores, pelos critérios de complementariedade, similaridade ou contraposição, originando um total de 17 indicadores (Tabela 2, Apêndice F).

O passo seguinte, no caminho analítico, foi a articulação dos indicadores, utilizando os mesmos critérios da etapa anterior, ou seja, por complementariedade, similaridade ou contraposição. Esse processo de articulação deu origem à construção de 5 Núcleos de Significação (Tabela 3, Apêndice G), são eles: (1) “Na minha família não tem ninguém com esse cargo (médico), aí não tenho inspiração familiar não”, (2) “A escola como espaço de conhecimento pessoal e profissional”, (3) “...uma pessoa que conclui, se forma como um médico. Não vai faltar trabalho para ela”, (4) “Muitos médicos trabalham só pelo dinheiro...mas não se importa muito com o ser humano” e (5) “...escolher uma profissão que só paga um salário mínimo... então eu quero algo que tenha melhor remuneração”.

Os núcleos foram nomeados com trechos da fala do próprio participante, trazendo as temáticas centrais relacionadas aos objetivos do estudo.

1. “Na minha família não tem ninguém com esse cargo (médico), aí não tenho inspiração familiar não”

Neste primeiro núcleo, a família é o elemento destaque na fala do participante. No entanto, embora a família esteja presente em vários trechos da entrevista relacionados à escolha profissional, o participante não percebe a relação da família com suas escolhas, como fica evidenciado na resposta à pergunta a seguir:

Entrevistadora: ...Você se inspira em alguém profissionalmente?

Juliano: Profissionalmente ... Acho que não. Na minha família não tem ninguém com esse cargo, aí não tenho inspiração familiar não.

A inexistência de pessoas na família que exerçam a profissão de médico fundamenta o pensamento de Juliano de que não há inspiração familiar na sua escolha profissional. Ele ratifica esse pensamento em um outro momento da entrevista quando diz “*não tenho ninguém na minha família que exerce esse... essa profissão, eu seria o primeiro*”, destacando seu pioneirismo. Assim sendo, imaginar-se o primeiro médico da família remete ao potencial

criativo e inovador do ato imaginativo (Vigotski, 2018), fazendo com que Juliano se permita sair do lugar majoritariamente operacional ocupado pelos seus avós e pais, nas suas respectivas profissões.

Porém, ao mesmo tempo em que Juliano não percebe inspiração familiar na constituição da sua escolha profissional, traz o modo como a família, seus pais e avós, iniciaram a vida profissional, bem como a remuneração em consequência dessas atividades como os elementos que o afasta da escolha profissional da família, como está destacado na fala a seguir:

Entrevistadora: De que maneira você acha que as escolhas profissionais dos seus pais e dos seus avós podem interferir na sua?

Juliano: Eu não sei muito... o que pode interferir assim, ... pode ser ... o que eles começaram trabalhar né, e também a remuneração, a remuneração também é, um cargo com o meu trabalho que eu quero exercer a remuneração é mais alta do que a deles.

Se, por um lado, a fala do participante expressa seu desejo de romper com a história laboral familiar, através da escolha da medicina, por outro lado, demonstra que não percebe a repetição, em termos ocupacionais, que sua família realiza na linha do tempo - seu avô ajudava um amigo em uma elétrica, sua mãe trabalhou na elétrica do pai, seu tio trabalha em uma elétrica e ele mesmo, que ajuda o tio, nesse mesmo ramo. Essa repetição explica a constituição histórico-cultural da possibilidade laboral para a família de Juliano e para ele próprio, bem como reflete como o racismo atravessa o mercado de trabalho, onde os postos informais, operacionais e de menor remuneração, em sua maioria, são ocupados pelos sujeitos negros (Brasil de Fato, 2023). Parece que, na primeira e segunda geração dessa família, ao se imaginar sobre as possibilidades de se constituir profissionalmente, a atividade imaginativa se voltou para o passado (Vigotski, 2018) e ocasionou uma repetição, com afunilamento de possibilidades profissionais. No entanto, Juliano traz o desejo de ir além e quebrar as barreiras que impediram sua família de vislumbrar outras possibilidades, cerceadas por questões financeiras, que empurram o jovem, sobretudo negro, para o mercado de trabalho, adiando ou aniquilando os seus sonhos.

Nesse tocante, o próprio avô de Juliano, que residia no interior de Pernambuco, motivado por problemas familiares, teve sua saída antecipada da casa dos pais e foi trabalhar na cidade do Recife, de maneira informal. Essa situação parece ser o espelho que o participante

não quer se ver. Através da história do avô, Juliano se vê face a face com a interdição do seu sonho. De fato, a entrada precoce de jovens no mercado de trabalho ou na informalidade, para seu sustento ou de sua família, ainda é realidade para muitos brasileiros. Escolher o trabalho em detrimento dos estudos é muito comum, sobretudo se o indivíduo é negro. Cerca de 71,7 % (Folha de São Paulo, 2020) dos jovens entre 14 e 29 anos de idade que abandonam a escola no Brasil são negros e, desses, a maioria justifica o abandono pela necessidade de trabalhar. Esse indicador torna legítimo o temor do participante, frente à realidade sócio-econômica impeditiva de sonhos.

Porém, como Juliano se descolou do determinismo familiar e vislumbrou a possibilidade de um futuro diferente? O participante relatou que, foi observando a dedicação das primas aos estudos para aprovação no Enem e posterior desempenho de ambas, alunas da Universidade Federal de Pernambuco, que o despertou para os estudos e validou o seu sonho – tornar-se médico. Através das primas, ele descobre ser possível o sonho universitário. Portanto, ao olhar para seus parentes ascendentes da primeira e segunda gerações, Juliano repete um padrão de atividade ocupacional – trabalhar no ramo de elétrica, porém, ao olhar para sua própria geração, Juliano se percebe frente à possibilidade de mobilidade. E, ao tomar como modelo o exemplo das primas, a família vai para um lugar que o aproxima do seu sonho. Tem-se que, seja do lugar favorável ou desfavorável à realização de um sonho profissional, a família é um importante determinante no processo de escolha profissional. Porém, ao não refletir sobre sua própria escolha, o jovem acredita que escolhe sozinho e que não há determinação (Bock; Gonçalves; Furtado, 2011) nesse processo e, muito menos, reconhece a realidade sócio, histórica e cultural que transpassa a escolha, os limites e as possibilidades.

Mas o sonho de Juliano tem apenas um caminho, os estudos. E deixar de estudar é desistir de um sonho, de um sonho que só pode ser alcançado pela via da educação. Esse é o elemento principal do próximo núcleo.

2. “A escola como espaço de conhecimento pessoal e profissional”

Este segundo núcleo é construído com o entendimento de que a escola e os estudos representam o caminho que o participante precisa trilhar para atingir suas metas pessoais e profissionais. Ao falar sobre o desenho que produziu a partir da caixa de surpresas, o elemento estudo foi destacado e representado com a imagem de um livro, conforme a imagem a seguir.



Fonte: A autora

Na narrativa do participante, a maioria dos estudantes do Ensino Fundamental tem a visão de que está na escola para se divertir e não tem entendimento sobre a universidade. Juliano é aluno de escola pública e, nessas instituições, estudam alunos de famílias pobres que, em sua maioria, são negros. Assim, a realidade de dentro dos muros da escola reflete a realidade das próprias famílias, ou seja, que não têm oportunidades na vida pela via dos estudos e quiçá, pelo caminho universitário, portanto, o estudo não se torna prioridade. Esse cenário contribui para a permanência da realidade social da população negra, marcada pela pouca escolaridade, ocupação de subempregos e pela urgência da sobrevivência. Juliano também compartilhava da mesma desmotivação pelos estudos. A virada de chave, na trajetória escolar do participante, ocorreu quando percebeu o desempenho das primas nos estudos, conforme mencionado anteriormente. A partir disso, a escola, para ele, ganha um novo sentido, conforme a fala a seguir:

Entrevistadora: Como é que você se sente atualmente vindo pra escola?

Juliano: Eu me sinto bem, porque é o lugar que vou adquirir meus conhecimentos pra... tanto conhecimentos pessoais, pra eu aplicar na vida e também para fazer uma prova ou vestibular, concurso que eu queira fazer.

O adolescente reconhece que, o que pretende obter, em termos de conhecimentos pessoais e profissionais não pode ser obtido, a não ser pelo caminho do ensino formal, através da escola. Os conhecimentos espontâneos (Vigotski, 2000) que traz como bagagem social e cultural, não dão conta da sua formação profissional. É preciso construir conhecimentos

científicos (*ibidem*, 2000) e, para isso, é necessário se debruçar nos livros, sentar nos bancos escolares. A escola funciona como a mediadora (*ibidem*, 2000) entre Juliano e os seus projetos – vestibular, concurso, provas, assim como ocorreu com suas primas, que prestaram exames vestibulares (Enem) e ingressaram na Universidade Federal de Pernambuco e sua tia materna, que o participante enfatiza ser concursada na sua área de atuação – Radiologia.

Portanto, o participante descobre a escola como promotora de sonhos e via de desenvolvimento pessoal e profissional ao olhar para sua família, por outro lado, também questiona a defasagem do ensino de conhecimentos na escola que, para ele, são necessários, tal qual mencionado no momento a seguir:

Entrevistadora: Você acha Juliano, que a escola lhe prepara para a vida?

Juliano: Depende muito essa visão, porque... muitas vezes a escola não prepara você assim, para o conhecimento... não dão tudo né... não ensina coisas fundamentais, que é pra vida né ... como posso falar, amadurecimento financeiro né? Eu acho isso muito importante, e também para preparação para o vestibular, porque geralmente... você só vai saber sobre o vestibular, a prova do SSA⁹ e do Enem quando você tá no Ensino Médio. Eu acho que isso deveria vim já no fundamental pra você se preparar melhor...

Além desse, em outros momentos da entrevista, Juliano também retoma a preocupação com as questões financeiras. Considerando que se referiu à profissão dos pais e avós como de baixa remuneração, bem como relatou dificuldades enfrentadas na família decorrentes do fator financeiro, é justamente aí que se fundamenta a proposta do participante, de educação financeira nas escolas. No entanto, as escolas parecem ainda estar desconectadas com a realidade social e cultural da sua população, algumas vezes, não atendem às suas reais necessidades. No que se refere à importância do planejamento financeiro proposto pelo participante, é pertinente realçar que no primeiro semestre de 2024, o Brasil atingiu o maior índice de endividamento das famílias desde 2022 (CNN Brasil, 2024), chegando a quase 80%, assim sendo, a escola, enquanto instituição educativa no alcance dos temas transversais, pode incluir educação financeira no seu planejamento letivo, como forma de contribuir para a construção de uma melhor realidade econômica e social da população.

⁹ O SSA - Sistema Seriado de Avaliação – é um processo seletivo estadual, que oferta 50% das vagas destinadas ao ingresso na UPE (Universidade de Pernambuco).

Já em relação ao conhecimento sobre os exames vestibulares, o participante realça a desinformação, entre os estudantes, sobre a existência de tais avaliações antes do Ensino Médio. Essa desinformação, dentre outros motivos, pode resultar em pouca adesão dos alunos a esses exames e, portanto, é importante considerar o fator (des) informação, já que os alunos da escola pública ainda têm que enfrentar um outro concorrente ainda maior: o conhecimento. Acerca disso, alguns indicadores do Enem (R7, 2024) apontam discrepância no desempenho dos alunos das escolas públicas e particulares como, por exemplo, a nota em redação. Das maiores notas na redação do Enem 2024, apenas 6% eram de escolas públicas. Portanto, a defasagem em termos de conhecimento é outro fator que acresce a dificuldade para ingressar no Ensino Superior. O participante destaca essa dificuldade de ingressar no Ensino Superior quando comenta sobre a política de cotas, como descrito a seguir:

Entrevistadora: O que você acha da política de cotas?

Juliano: Tem partes boas e partes ruins, né? ...Dão benefício às pessoas que são negras, pardas, né? E indígenas. Mas, às vezes, pode... O que pode perceber, assim, de início, né? A parte negativa, é como se o sistema do Enem entendesse que os negros e pardas são inferiores. É por isso que tem esse benefício. E também, eu acho até ... Legal, né, porque ajuda na inserção dessas pessoas na faculdade, né? Que a gente sabe que é um pouco difícil, por conta disso.

Sobre a política de cotas, o participante parece se ver em um impasse cognitivo: por um lado, a percebe como um benefício que o ajudará a transpor a barreira de um sistema altamente concorrido, porém, por outro lado, acredita que usar desse benefício é estar em um lugar de inferioridade, do negro em relação ao branco. Parece que, a política de cotas, ao tentar corrigir a injustiça social que previamente seleciona os estudantes (na maioria brancos, advindos de escolas particulares) que ingressarão na universidade, não está claramente definida em seu propósito, uma vez que dá margem ao entendimento de que está na cor do indivíduo a (in)capacidade intelectual para ingressar no Ensino Superior, ao invés de mostrar a realidade social, que limita as oportunidades educacionais. Portanto, torna-se necessário não apenas fazer os alunos conhecedores das possibilidades de futuro ao término do Ensino Médio, mas também dos direitos afirmados, que são o resultado de um passado de lutas e conquistas que colocam em prática a conduta anti-racista. Usar o direito das cotas afirmativas aproxima o aluno e, nesse caso, o participante, da possibilidade de realizar seu sonho, cujo primeiro passo é a aprovação no Enem. A partir desse primeiro passo, o participante também imagina toda a trajetória necessária para se tornar um médico reconhecido e a descreve no momento a seguir:

Entrevistadora: O que que você imagina que lhe ajudaria a realizar esse sonho (ser médico)?

Juliano: Eu acho que, primeiro de tudo, é o agora, né? ...Vou começar a estudar pra Medicina. A primeira coisa é passar no Enem. Aí vem o segundo, continuar no curso. Aí, vem provas do curso. Depois vem residência...Importantíssimo. E depois, já vem ... mercado de trabalho, né? Vêm os concursos agora. Aí, pronto, passou. Aí já vai tá...Já consigo estar numa... Eu creio, né? Numa estabilidade, eu acho. Passar num concurso. Aí, a partir daí, é só ver novas formas de ter esse valor profissional.

Juliano, ao imaginar o percurso para ser médico e ter valorização profissional, entende a dimensão da importância dos estudos na realização desse sonho, cuja dedicação no curso de medicina é integral. No entanto, cabe destacar que, para Juliano, estudar é um hobby e, quando o ato imaginativo se liga a uma experiência de alegria, ele tende a potencializar a ação do indivíduo (Spinoza, 2019). Assim, mesmo prevendo possíveis obstáculos – continuar no curso, provas – Juliano se vê seguindo adiante – residência, concurso - e imagina que terá novas formas de ter valorização profissional, ou seja, a imaginação é preditora do novo (Vigotski, 2018) e abre caminho para possibilidades.

A escolha por uma profissão que envolve dedicação exclusiva aos estudos parece se afinar com Juliano, que é um adolescente que já usufrui de pouca vida social e entende que persistir nesse sonho será escolher, muitas vezes, aos estudos em detrimento do lazer, como fica explícito na fala a seguir:

Entrevistadora: Na sua vida escolar, tem alguém que lhe inspira profissionalmente?

Juliano: É, tem uma professora que me ajuda bastante com conselhos... sobre como organizar o tempo, pra ser um tempo produtivo né, e diminuir as coisas que não são tão necessárias agora, para o meu conhecimento né, porque às vezes tem coisas que atrapalha, muito lazer, essas coisas.

Ao mesmo tempo em que o participante acredita que a vida social pode atrapalhar a realização do seu sonho, por outro lado, defende os estudos e seu protagonismo para atingir seus objetivos. Em ambos os aspectos, o participante entende que está unicamente em si mesmo a responsabilidade pelo seu sucesso ou fracasso. No momento a seguir, Juliano deixa clara sua crença no potencial da individualidade para atingir suas metas profissionais.

Entrevistadora: A partir do que nós conversamos, o que você imagina agora sobre a sua escolha profissional?

Juliano: ...o que me ajudou mesmo é ter mais empenho para atingir esses objetivos. Se eu tenho o objetivo de ter cada vez valor no mercado, eu vou ter que me empenhar cada vez mais.

Então, essa escolha vai ser uma escolha sobre estudos intermináveis, né?

Vai ser estudando e crescendo cada vez mais.

O adolescente parece desconsiderar o entorno da sua escolha ao defender exclusivamente os estudos e o esforço individual para o êxito da sua jornada profissional. Essa premissa parece estar enraizada na ideologia que subjaz ao capitalismo que coloca o indivíduo como o único responsável pelo seu (in)sucesso (Bock, 2018). Ou seja, ao estar convicto de que basta se esforçar bastante para atingir seus objetivos, isenta a realidade social, política, econômica e cultural que determinam sua escolha. Perceber-se descolado da realidade histórico-cultural é recorrer a uma autonomia utópica, mas pode ser ainda mais danoso quando o sujeito é negro em uma sociedade onde se naturaliza a injustiça social e onde o racismo é velado e estrutural (Almeida, 2019), ou seja, transpassa toda a organização social, mascarando desigualdades e promovendo obstáculos para a ascensão de minorias. Em 2020, por exemplo, segundo o Conselho Federal de Medicina, apenas 3% dos médicos eram negros (tvbrasil, 2023). Portanto, um negro, ao concluir com êxito o curso de medicina, não retrata apenas um esforço pessoal, mas o rompimento com toda uma cadeia de obstáculos que fazem da medicina uma profissão majoritariamente branca.

A despeito de dados ou obstáculos que venham a dificultar na aprovação do vestibular de medicina e interferir na formação ou posterior mercado de trabalho, Juliano relata como se deu a escolha profissional pela medicina, no núcleo a seguir.

3. “...uma pessoa que conclui, se forma como um médico. Não vai faltar trabalho para ela”

Este terceiro núcleo de significação retrata, portanto, sobre como se deu a escolha profissional do participante pela medicina e sua visão sobre o mercado de trabalho para o médico. Na fala a seguir, o participante explica como foi o processo de escolha da medicina:

Entrevistadora: Qual é essa escolha (profissional)? Como se deu essa escolha?

Juliano: Ah... Eu escolhi Medicina porque... Como eu posso explicar isso?

É uma área que eu gosto. Eu acho que eu entrei no primeiro ano (Ensino Médio), eu não tinha essa visão de escolher Medicina ... Eu fui escolhendo no decorrer do tempo ... eu fui me identificando com a área,

principalmente com a ... Área de natureza. E eu vejo que Medicina tem um grande peso em natureza. E é uma área que eu gosto de estudar, né? Me identifico.

O interesse dos alunos, de uma forma geral, por uma área específica é um fator determinante e importante na escolha de uma profissão (Bock, 2018). Assim, os interesses e motivações de cada sujeito, ou seja, suas especificidades, ao entrar em contato com o meio, promove vivências (Vigotski, 2018) que são particulares para cada pessoa. Nesse caso, Juliano foi escolhendo a medicina no decorrer do tempo, em razão das vivências positivas que o impactaram nas disciplinas da área de natureza e que foram afunilando sua escolha. Ao escolher a medicina, o participante vai além e reflete sobre a área de especialização.

Entrevistadora: Foi, assim, alguma coisa que te inspirou para essas duas áreas (cirurgia e cardiologia)?

Juliano: O que me inspirou no Cardiologista foi... Eu estava em casa. E eu estava pensando nisso... Aí, minha mãe está fazendo o curso... Terminou o curso já de Radiologia. E ela tinha uma ... ela tinha uma imagem de um esqueleto e de um coração. Aí, eu olhei o coração, vi, assim, as nomenclaturas dele. Aí, eu fiquei pensando, né?... E também pensei na minha família. As pessoas que têm problema no coração. E um deles é meu avô, que mora comigo, né?... Aí, eu vejo que é uma situação delicada, de certa forma. E eu achei interessante.

O participante imagina duas possibilidades – cirurgia e cardiologia- para se especializar na área da medicina, porém é exatamente em cardiologia que ele aprimora sua escolha e a representa, no desenho construído a partir da caixa de surpresas, com um coração. Juliano explica que a escolha pela especialização em cardiologia ocorreu a partir de artefatos que observou na casa materna e, ainda, realça familiares que apresentam problemas cardíacos. Essa inclinação pela medicina e, especificamente, pela cardiologia, não se dá no vazio, o ato imaginativo é construído de elementos da realidade (Vigotski, 2018) e agrega as vivências, experiências anteriores do indivíduo. Assim, nessa escolha se evidencia como as vivências em relação às doenças na família impactaram a escolha de Juliano por uma profissão que, em suma, lida com a experiência de cura.

Na fala do participante, transpassa, ainda, sua sensibilidade às situações dos familiares decorrentes da doença e expressa sua empatia pelo outro, mostrando o lado humano que ele elege como fundamental na conduta médica, que será tratado no núcleo 4 (quatro). Dessa maneira, tem-se alguns determinantes evidenciados na escolha profissional de Juliano pela

medicina, como seus interesses escolares, a família, bem como o mercado de trabalho, que é abordado no momento da entrevista a seguir:

Entrevistadora: Como é que você vê a Medicina em relação ao mercado de trabalho?

Juliano: Rapaz, eu vejo como uma pessoa que conclui, se forma como um médico. Não vai faltar trabalho para ela. E... É, realmente, não vai faltar trabalho para ela em qualquer hospital, assim, depende da qualificação. A pessoa é aceita, principalmente se for concursada. Se for concursado, não vai faltar emprego, não.

Em relação ao mercado de trabalho, o participante imagina um cenário promissor, para um médico recém-formado. Esse é um dos aspectos de grande relevância na escolha dos jovens pela medicina, a grande oferta de emprego, bem como a possibilidade de estabilidade financeira. De fato, a medicina é um dos cursos que está no ranking de alta empregabilidade, com cerca de 92% (g1.globo, 2024) dos jovens formados exercendo atividades profissionais na sua área. Por outro lado, observa-se expectativas idealizadas em relação aos empregos concursados, provavelmente porque considera o exemplo da tia, concursada na área de Radiologia, que tem estabilidade profissional e financeira. Ao se voltar para a referência da tia e imaginar “*a pessoa é aceita principalmente se se for concursado... não vai faltar emprego...*”, o ato imaginativo limita as possibilidades em relação ao mercado de trabalho traçando uma relação direta entre concurso, qualificação e empregabilidade.

Considerando a relação medicina e concurso, o cenário atual aponta para um aumento na oferta de profissionais de medicina e carência de vagas no Sistema Único de Saúde (Medicina S/A, 2022). Além disso, diversos concursos públicos para médicos têm oferecido salários cerca de 63% abaixo do piso para a categoria (CFM, 2022). Portanto, apostar no emprego e valorização na profissão através de um concurso pode não ser uma opção tão plausível. No entanto, ao se referir à questão de valorização profissional, o participante percebe outra possibilidade, demonstrada na fala a seguir:

Entrevistadora: O que que seria essa valorização (do ser médico) no mercado de trabalho?

Juliano: Eu acho que... Experiência, assim. Acho que colaborar mais com a Medicina, de alguma forma. Seja com pesquisas ou...É.

Além dessa fala, a atividade de pesquisa como aspecto de valorização da profissão também foi mencionada no desenho construído a partir da caixa de surpresas e representada com uma lupa. A ideia de envolvimento com a pesquisa parece refletir a própria inclinação pessoal de Juliano, pois o participante tem como hobby estudar. Cabe destacar, porém, que ao

entender a valorização profissional colaborando com a medicina através de pesquisas, o participante mergulha e realça a função social de uma profissão, pois, nesse caso, o exercício da profissão extrapola o usufruto pessoal e passa a contribuir para o desenvolvimento de conhecimentos sobre a promoção da saúde da população. Nem sempre os adolescentes percebem a relação entre a profissão escolhida e a contribuição social dela decorrente (Bock, 2018) e tendem a refletir os valores do individualismo apregoados na sociedade capitalista. Porém, nesse caso, o posicionamento abnegado do participante parece revelar, também, o exercício da sua humanidade. O foco humano do profissional médico é um aspecto detalhado no núcleo a seguir.

4. “Muitos médicos trabalham só pelo dinheiro...mas não se importam muito com o ser humano”

Neste quarto núcleo de significação, o participante realça os aspectos que considera desejáveis e indesejáveis na conduta médica, reprovando o profissional de medicina que prioriza o interesse financeiro em detrimento do aspecto humano.

Entrevistadora: Você falou que a escolha de medicina teria a ver com ajudar, gostar de curar as pessoas, não é? Aí eu queria saber de você, você já teve alguma experiência próxima com a questão dessa doença, cura de alguém? Ou mesmo a experiência de cuidar de alguém?

Juliano: Pausa ... Sim, eu já vi, tanto o pessoal mesmo, quando eu fiz algumas cirurgias, eu vi como alguns médicos trabalham ... tem muitos médicos que trabalham, que parecem que trabalham só pelo dinheiro, só pelos benefícios que ganham, mas não se importa muito com o ser humano ... Eu não acho isso muito ético.

Juliano, ao trazer a própria experiência como paciente, demonstra o potencial com que experiências significativas e vivências têm em contribuir para a construção da imagem sobre profissões (Bock, 2018). Assim, é atraído pela possibilidade de ajudar a curar alguém, no entanto, encontra condutas médicas que o decepcionam, que o inspiram a evitar repetir tudo aquilo que provocou em si mesmo a emoção de desgosto. A exemplo de como Juliano se imagina, em geral, os jovens que se formam em medicina têm o intuito de ajudar a curar as pessoas, porém frequentemente o médico exerce mais de um vínculo laboral e longa jornada de trabalho, o que pode levar a um desgaste na qualidade dos atendimentos e até banalização do sofrimento alheio. Por outro lado, alguns profissionais conseguem exercer a profissão ponderando os aspectos materiais e humanos, como relata Juliano:

Entrevistadora: Você sentiu isso em relação a você, essa questão da relação médico-paciente?

Juliano: Sim, não só ele (o médico que realizou uma cirurgia em Juliano), mas também os demais que estavam lá, foi bem receptivo, até brincavam, assim, tem uma relação muito boa ...Aí eu gostei muito disso, porque eu vejo assim ... O médico é aquele que está capacitado, qualificado e também tem uma boa comunicação.

Para o adolescente, a formação profissional vai além da bagagem acadêmica e também inclui o aspecto humano. Esse ponto de vista se traduz na expectativa de um atendimento médico pautado na compreensão de um ser humano completo, biopsicossocial, cujas emoções se encontram vivas no momento da consulta ou cirurgia. São essas exatas emoções, expressas como agradáveis no momento em que o participante foi submetido a uma cirurgia, que o levam a se inspirar positivamente, uma vez que existe uma forte tendência de realizarmos tudo aquilo que imaginamos que nos traz alegria (Spinoza, 2019). Essas experiências significativas provocam marcas indelévels e retornam quando Juliano se expressa através do desenho que construiu com a caixa de surpresas.

Entrevistadora: O que foi que você desenhou?

Juliano: Eu desenhei aqui. Um médico. E...detalhando no desenho, explicando, a gente vê que ele está sorrindo Eu acho que tem que levar essa simpatia, como eu falei antes, do médico, tem que ter empatia com o próximo, ser médico... Sentimento de felicidade, entrar e estar trabalhando como médico, ajudando o próximo ... se importando, literalmente, com o próximo, tendo essa relação, assim. E não ser aqueles médicos ... morgados, eu acho, que estão ali, naquela rotina, como se estivessem obrigados... essa expressão ... significa né que a pessoa está feliz por estar trabalhando ali. Porque é o emprego que ele sempre quis. Porque medicina, a pessoa só passa se realmente quer.



Fonte: A autora

O participante inter-relaciona o sentimento de felicidade com o estar exercendo a profissão que sempre quis, ou seja, poder escolher uma profissão e exercê-la traz o bônus da felicidade e a retribuição é exercê-la com empatia. Assim, Juliano defende uma conduta acolhedora e humanizada no agir médico, que parece estar conectada com seus valores pessoais de religiosidade, uma vez que o participante se autodefine cristão praticante. Através da escolha da medicina, o participante parece encontrar a satisfação intelectual, humana e financeira. A relação entre o aspecto financeiro e a escolha da medicina será o enfoque do próximo núcleo.

5. “...escolher uma profissão que só paga um salário mínimo... então eu quero algo que tenha melhor remuneração”.

Este quinto núcleo de significação explana como as questões financeiras transpassam a escolha profissional. A questão monetária entra como um determinante explícito na escolha profissional do participante pela medicina, como fica evidenciado no momento abaixo.

Entrevistadora: De que maneira você acha que as escolhas profissionais dos seus pais e dos seus avós podem interferir na sua?

Juliano: Eu não sei muito... o que pode interferir assim, comparação pode ser o, o que eles começaram trabalhar né, e também a remuneração, a remuneração também é, um cargo com o meu trabalho que eu quero exercer a remuneração é mais alta do que a deles... acho que interfere sim porque escolher uma profissão que só paga um salário mínimo não dá para pagar tantas despesas, então eu quero algo que tenha melhor remuneração.

O aspecto financeiro aproxima o participante da escolha profissional por medicina, uma vez que ele busca o salário atrativo da profissão, ao mesmo tempo em que pretende se distanciar das dificuldades econômicas enfrentadas por seus familiares, que ele relaciona à baixa remuneração das ocupações profissionais por eles desenvolvidas. De fato, cabe aos médicos especialistas a maior remuneração salarial do Brasil (Exame, 2024) e a medicina frequentemente se torna uma profissão relacionada à estabilidade financeira e status social. Assim sendo, Juliano vê na medicina a possibilidade de um ganho financeiro que lhe garanta segurança, uma vez que a preocupação com questões relacionadas a como gerir a vida financeira, responsabilidades e despesas da vida adulta, foram muito marcantes nas falas do participante.

Assim, o participante “atirou no que viu”, ou seja, conquistar uma vida financeira confortável e, “acertou no que não viu”, isto é, intervir na sua própria trajetória, alterando o curso da história, não ficando passivo diante do cenário de possibilidades, ao enfrentar a determinação social absoluta (Bock, 2018). É exatamente essa concepção de indivíduo que se defende neste estudo, aquele que não é totalmente passivo diante das circunstâncias do ambiente social e cultural, nem absolutamente autônomo em relação a aquele (Bock, 2018), mas profundamente capaz de intervir no contexto social e histórico e promover rupturas com o passado e avanços inovadores.

4.1.2 A inter-relação entre os núcleos de significação

O diálogo entre os núcleos de significação, no que diz respeito à escolha profissional do participante pela medicina, evidencia que o elemento família sempre ressurge como um determinante, bem como está presente na intersecção com o aspecto econômico, outro marcador bastante pontuado pelo participante. Diante disso, cabe destacar que a decisão por uma profissão nunca cogitada na família traz o caráter emancipatório (Gomes, 2017) da escolha do participante, que rompe com a repetição dos padrões ocupacionais da família e vislumbra a possibilidade de mobilidade social através dos estudos. De fato, a educação pública tem sido um vetor de mobilidade social (*ibidem*, 2017) para alguns grupos sociais, nesse caso, os negros, que têm colhido os frutos da luta dos movimentos negros, a exemplo da política de cotas. A política de cotas converteu a exclusão – ser negro - em inclusão (*ibidem*, 2017) ao determinar a inserção dos negros em espaços prevalentemente de brancos – como na medicina- e se configura como uma vitória na desconstrução do racismo, rumo à construção de uma sociedade onde a cor da pele não determina a supremacia de uns indivíduos sobre outros.

Por outro lado, emerge uma evidência de contradição entre os núcleos, pois no quarto núcleo, Juliano questiona os médicos que trabalham por dinheiro em detrimento do fator humano e, no quinto núcleo, expressa a escolha de uma profissão cuja remuneração é alta. Assim, tem-se que o participante reprova a conduta de profissionais médicos quando a relaciona ao exercício de uma medicina mercenária mas, por outro lado, traz como um dos determinantes da sua escolha profissional o fator financeiro. Logo, não exerce autocrítica por determinação do fator econômico na sua escolha profissional. Ademais, no terceiro núcleo, o mercado de trabalho para o médico é visto de modo bastante promissor e, a despeito de que hoje o panorama revele dados positivos, não se pode apostar em uma realidade estática, de modo que essa visão idealizada da remuneração do profissional de medicina, bem como do mercado de trabalho, poderá sofrer o efeito de eventualidades políticas, econômicas e sociais (Bock, 2018), bem como do próprio investimento pessoal na carreira que, nem sempre, poderá corresponder à (pré)visão do participante.

4.2 Conversa, leitura e artes ... definem Virgínia, a segunda participante.

A participante é uma adolescente de 17 anos, do gênero feminino, negra de pele escura e foi nomeada de forma fictícia por Virgínia, em homenagem a Virgínia Leone Bicudo¹⁰, psicanalista negra, pioneira nos estudos sobre racismo. Virgínia foi criada e reside com os pais e é a mais nova de três filhos. É admiradora das artes, gosta de ler, assistir a filmes, redes sociais, frequentar a praia e conversar com os amigos, sendo o seu tempo livre também dividido com os estudos.

Virgínia estudou da Educação Infantil ao Ensino Fundamental dos anos iniciais em uma escola pública municipal e, em seguida, realizou o Ensino Fundamental dos anos finais em uma escola pública estadual. No ano de 2021, prestou exame para ingresso no ETE, para o nível integrado em Administração, por apostar que esse curso oferece maiores oportunidades em relação ao mercado de trabalho.

¹⁰ Virgínia Leone Bicudo foi a primeira psicanalista negra não-médica brasileira, professora universitária, pesquisadora e pioneira nos estudos sobre racismo. Fonte: https://www.google.com/search?q=primeira+psicologa+negra+brasileira&oq=primeira+psicologa+negra+brasileira&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIHCAEQIRigATIHCAIQIRifBdIBCjE2OTM0ajBqMTWoAgiwAgE&sourceid=chrome&ie=UTF-8#vhid=zephyr:0&vssid=atitem-https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63704390. Acesso em 14.01.2025.

Em relação à família, o pai de Virgínia é pessoa com albinismo¹¹ e recebe o BPC (Benefício de Prestação Continuada), concedido em razão da condição de pessoa com deficiência decorrente do albinismo e da situação de vulnerabilidade socioeconômica. Ele não apresenta profissão anterior, tendo trabalhado durante a infância ajudando o pai, que se ocupava em serviços de agricultura e pecuária. A mãe de Virgínia, atualmente, realiza trabalhos informais e iniciou sua vida profissional muito jovem, aos doze anos, quando saiu de Alagoas para Recife, a fim de trabalhar como doméstica. Os avós maternos e paternos tiveram ocupações em segmentos semelhantes, ao passo que as avós se ocuparam em exercer as funções domésticas e os avôs tiveram como ocupação o trabalho em plantações e venda dos produtos em feiras livres. Quanto aos irmãos de Virgínia, a primogênita está cursando Ensino Superior em Enfermagem e o irmão, concluiu o Ensino Médio e trabalha no comércio.

4.2.1 Entrevista com Virgínia: o processo de escolha profissional

A partir do procedimento padrão adotado na análise dos núcleos de significação, a saber, transcrição literal das falas da participante, leitura flutuante do material e seleção das palavras com significado, foram construídos um total de 102 pré-indicadores (Tabela 4, Apêndice H). O segundo momento de sistematização do procedimento da análise dos dados foi a organização dos pré-indicadores, pelos critérios de complementariedade, similaridade ou contraposição, que originou um total de 12 indicadores (Tabela 5, Apêndice I).

Finalmente, os indicadores foram aglutinados, pelos mesmos critérios de complementariedade, similaridade ou contraposição e emergiram quatro núcleos de significação (Tabela 6, Apêndice J), nomeados com trechos da fala da participante, trazendo elementos destaques que se afinam com os objetivos do estudo. Os núcleos de significação foram assim nomeados: (1) “...Se meus avós tivessem uma profissão melhor do que eles tiveram, eu com certeza não teria essa preocupação, que é não passar no Enem”, (2) “Não que é só uma conversa, mas uma pessoa ter os seus problemas e dividir com uma pessoa que realmente pode lhe ajudar...Eu acho interessante, sempre gostei”, (3) “...se uma criança, até mesmo na escola, tiver uma psicóloga pra poder desabafar sobre essas situações (bullying), vai ajudar muito ela...” e (4) “...minha única opção será fazer o Enem. É o que vai poder me ajudar

¹¹ O albinismo é uma condição genética que ocasiona ausência de melanina na pele, olhos, pelos e cabelos. Algumas pessoas com albinismo podem ser beneficiadas com a aposentadoria, desde que preencham os requisitos exigidos para a concessão. Fonte: <https://www.prevlaw.com/noticias/albinismo-e-bpcloas-veja-como-garantir-os-seus-direitos>. Acesso em 11/02/2025

a realmente começar o meu sonho (ser psicóloga). Se tudo der certo, eu vou começar, e quem sabe eu consiga concluir, né?”

1. “...Se meus avós tivessem uma profissão melhor do que eles tiveram, eu com certeza não teria essa preocupação, que é não passar no Enem”

Este núcleo de significação traz a história das ocupações laborais dos familiares da participante e como o local ocupado por essa família, social e economicamente, repercute em sua escolha profissional. Esse momento parece revelar o fenômeno da estratificação social (Almeida, 2019), no qual o percurso dos membros de uma família é afetado por circunstâncias de racismo vivenciadas pelas gerações anteriores. A participante destaca que a profissão dos avós maternos e paternos e o contexto em que seus pais foram criados, determinaram a situação de vida da sua família atualmente. As narrativas a seguir denotam essa temática:

Entrevistadora: ... E a profissão dos teus avós?

Virgínia: ... minhas duas avós ... eu acho que elas nunca tiveram profissão... a única função que elas têm é dona de casa, sabe? ... meus dois avós, na verdade, eles trabalharam, que eu me lembre é ... com plantação, eles tinham plantação e vendiam na feira. Os dois, por incrível que pareça, tinham o mesmo segmento.

A semelhança das ocupações laborais que Virgínia menciona acerca dos seus avós, não parece ser coincidência, mas diz respeito ao papel do social e cultural no desenvolvimento e constituição dos sujeitos (Vigotski, 1991) e, esses sujeitos, ao se voltarem para as possibilidades que a sua realidade oferece, acabam construindo histórias semelhantes. Os pais da participante também têm suas histórias marcadas pela realidade econômica, social e cultural que, nesse caso, leva a criança tão precocemente para o trabalho, como está destacado no momento a seguir:

Entrevistadora: Ele (pai) já trabalhou quando era mais jovem?

Virgínia: Já, ele trabalhou muito quando era novo, ele passou a infância dele inteira trabalhando no sol, então, ele tem uma pele muito prejudicada por conta disso... Trabalhava ajudando o pai dele ...

Entrevistadora: E você também falou que com 12 anos sua mãe veio de Alagoas para vir trabalhar aqui no Recife, é isso? E como é que foi?

Virgínia: Bom, é... Geralmente as meninas que vem de Alagoas, elas já vêm para trabalhar em casa de família, trabalhar como doméstica. Ela trabalhava cozinhando, passando e, na maioria das vezes, ainda cuidava dos filhos dos patrões.

O trabalho infantil ainda é uma realidade para muitas crianças e adolescentes brasileiros (1,9 milhão, em 2022, de acordo com o IBGE), em situação de pobreza. Porém, se

for considerado o aspecto raça, as crianças e adolescentes negros (cerca de 65%) é maioria, segundo dados do IBGE (Moura, 2023), mostrando que a exploração através do trabalho infantil também é transpassada pelo racismo e que modelos escravocratas ainda persistem na contemporaneidade quando meninas negras têm suas infâncias roubadas cuidando da casa e dos filhos dos patrões brancos.

Diante desse contexto, a participante revela que seus pais não tiveram oportunidade de estudar efetivamente, pois, na infância, dividiam o tempo cuidando dos irmãos mais novos e trabalhando. Assim, com pouca escolaridade, mais tarde, seguiram trabalhos informais, sua mãe, doméstica e seu pai, trabalhou com capinação, em plantações e afins. Posteriormente, o pai da participante, devido à sua condição de saúde decorrente do albinismo, foi afastado do mercado de trabalho e passou a receber o benefício, como mencionado anteriormente.

No entanto, ainda que o contexto econômico, social e cultural dos avós da participante tenha limitado as possibilidades ocupacionais dos seus pais, eles decidiram ressignificar a história dos filhos, proporcionando a oportunidade que não puderam usufruir, como fica evidente no discurso de Virgínia:

Entrevistadora: Você acha que as profissões que seus avós exerceram, podem influenciar sua escolha profissional?

Virgínia: ... Pela forma que fui criada, pelos meus pais, acho que não...meus pais nunca deixaram de me levar pra escola ou... Mandou eu trabalhar ao invés de estudar, porque meus pais sempre fizeram o possível pra eu poder estudar e eles trabalhar pra me sustentar, entendeu?

Priorizar os estudos à revelia das necessidades econômicas é um aprendizado que esteve fora da realidade da infância dos pais de Virgínia. Porém, ainda adolescentes, ao sair dos locais de suas origens, tiveram contato com outras realidades sociais e culturais. Nesse tocante, cabe destacar aqui a importância da cultura tão enfatizada na teoria vigotskiana, segundo a qual a relação ser humano – mundo é mediatizada e através dessa relação o homem se constitui e aprende (Vigotski, 2001). Assim, essas diferentes mediações originaram novas vivências (Vigotski, 2018), promotoras de novos aprendizados. Dessa forma, os pais de Virgínia priorizaram os estudos, para os filhos, como o caminho para transcender a herança ocupacional da família e a própria participante evidencia a importância dos estudos para a realização do seu sonho profissional, como está destacado no núcleo de significação a seguir.

2. “...minha única opção será fazer o Enem. É o que vai poder me ajudar a realmente começar o meu sonho (ser psicóloga). Se tudo der certo, eu vou começar, e quem sabe eu consiga concluir, né? ”

Portanto, neste núcleo de significação, se destaca a relação da participante com os estudos e a importância que a mesma atribui ao Enem como caminho exclusivo de realização do sonho profissional, uma vez que desconsidera outras possibilidades, como está descrito na fala abaixo:

Entrevistadora: ... o que você acha que poderia dificultar a realização desse teu sonho (ser psicóloga)?

Virgínia: A realização... É, eu tenho duas opções, ou eu passo ou eu não passo. Se eu não conseguir passar com a prova do Enem, eu não consigo fazer esse curso.

Ocorre que, ao concluir a educação básica, o estudante se esbarra com a seleção para acesso ao Ensino Superior. Diferente das etapas anteriores, ou seja, que precisaria apenas se matricular ao término de cada nível de ensino, se desejar dar continuidade aos estudos para efetivar uma sonhada formação profissional, o estudante precisa dispor do seu repertório de estudos e ser aprovado em um exame que seleciona quem serão os ingressantes no Ensino Superior. Essa constatação está bem explícita na narrativa da participante que exprime que precisa “...se esforçar bastante nessa prova do Enem ... porque se eu tirar nota muito baixa não dá”. Sim, esse esforço pessoal cabe a todos os alunos indiscriminadamente, porém apenas aos alunos de escolas públicas cabe a desvantagem de estar no lado mais frágil da manchete que destaca “Indicadores do Enem evidenciam diferenças entre escolas públicas e privadas” (R7 Educação, 2024), logo, não é apenas sobre um esforço pessoal, é também sobre uma batalha travada contra um sistema socioeconômico que promove desigualdades de realidades e perspectivas.

Sobre isso, Virgínia traz uma fala que reflete o quanto as desigualdades sociais repercutem nas possibilidades de futuro, no momento em que, ao olhar para a história dos seus avós, reconhece a conexão com a sua condição atual:

Entrevistadora: Você acha que, de alguma maneira, a escolha profissional dos seus avós e dos seus pais pode interferir na sua?

Virgínia: ... realmente influencia, porque...se meus avós tivessem uma profissão melhor do que eles tiveram, eu com certeza não teria essa preocupação, que é não passar no Enem.

Assim, com recursos financeiros limitados, resta apenas uma única opção para a formação profissional de Virgínia: a aprovação no Enem. Certamente por essa razão, em outros momentos da entrevista, a participante refere sentimentos que expressam sua inquietação, ela diz: *“Eu estou com muito, muito medo de não conseguir”*. Medo, preocupação, refletem a visão de quem olha para o sonho profissional e enxerga uma enorme barreira – o Enem- a ser transposta, sem mais alternativas e precisa superar os próprios limites, seja da educação pública, como mencionado acima, seja do desempenho do próprio indivíduo, fato que é levantado por Virgínia na fala a seguir:

Entrevistadora: Como é que você se sente em relação aos estudos?

Virgínia: Bom, eu... Eu nunca consigo ter uma concentração muito boa ... Tipo, eu posso estar fazendo aqui uma atividade, mas sempre vou me distrair facilmente. Então, eu acho que em relação aos estudos, eu não me sinto muito bem não, mas eu gostaria muito que eu pudesse ter essa concentração melhor.

E como a participante enfrenta seus desafios? *“Estudando...”*. Virgínia declara: *“eu sou uma pessoa que se distrai facilmente, mas tento o máximo”*. Estudar representa o distanciar-se das (im)possibilidades ocupacionais dos seus pais e avós, ao mesmo tempo que a aproxima do Ensino Superior. Além disso, a participante se utilizará da política de cotas raciais para pleitear a vaga e menciona o que pensa sobre esse assunto, conforme destaca no momento abaixo:

Entrevistadora: E qual sua opinião sobre a política de cotas?

Virgínia: Eu acho correta. É, mas tem muita gente que se aproveita, né? Tem gente que não faz parte, mas...De alguma forma quer se aproveitar dessas cotas ... Acho que deveria melhorar a forma de eles verem se a pessoa realmente merece aquela cota ou não.

A opinião da participante expressa a insegurança mediante a possibilidade de fraude na autodeclaração dos candidatos que concorrem às vagas para cotas étnico-raciais. No entanto, embora o MEC (2012) tenha determinado como critério de comprovação racial a autodeclaração, diversas universidades pelo país, têm implementado as comissões de heteroidentificação¹², que visam a impedir as tentativas de fraudes às políticas afirmativas. Logo, não se trata apenas de se declarar negro, é preciso ter vivido os percalços da trajetória do indivíduo que busca romper as barreiras que lhe foram impostas apenas pela condição de ser negro e que dificultam ocupar espaços na sociedade (Gomes, 2017). A luta da pessoa negra

¹² São grupos de pessoas que avaliam a autodeclaração racial de candidatos cotistas em processos seletivos.

para conquistar seu espaço e seus sonhos é destacada pela fala da participante, ao se referir a pessoas que lhe inspiram, conforme descrito abaixo:

Entrevistadora: Você também falou que, assim, não existe ninguém que te inspire profissionalmente, mas no seu modo de vida. Como é que seria essa inspiração no seu modo de vida e quem é que te inspira?

Virgínia: Ah, tipo, tem muitas mulheres que eu observo, assisto como cantores... tipo ... a cantora Iza... e são muitas blogueiras negras que eu assisto e, tipo, me inspira bastante porque elas sempre mostram um estilo de vida que, tipo, elas também nunca tiveram quando eram mais novas. Elas sempre falam que foi sempre o que quiseram ter e conseguiram ao longo da vida. Então, pra mim, é uma inspiração e tanto.

Virgínia, ao trazer personalidades negras como inspiração, denota a consciência de pertencimento, ao mesmo tempo em que percorre um caminho na desconstrução de estereótipos que tratam as pessoas negras como menos capazes, de ser e de ter. As histórias de pessoas negras, comuns, que se sobressaíram, ecoam na participante e funcionam como um gatilho que impulsiona seu ato imaginativo na direção de possibilidades de realizações futuras, uma vez que, nas histórias inspiradoras, o imaginado se tornou real. Assim sendo, a participante mostra, no núcleo a seguir, o que imagina para seu futuro profissional.

3. “Não que é só uma conversa, mas uma pessoa ter os seus problemas e dividir com uma pessoa que realmente pode lhe ajudar...Eu acho interessante, sempre gostei”

Neste núcleo de significação, são destacados os elementos que foram determinantes na construção da escolha profissional pela Psicologia, bem como relata o que a participante imagina para seu futuro, na impossibilidade de realização desse sonho profissional.

Assim, ao considerar a reprovação no Enem, a participante traz a seguinte fala: “*Ou eu faço o meu curso e tento passar com o Enem e faço esse curso, ou eu desisto ... eu fico trabalhando...Como um CLT mesmo e sempre*”, ou seja, a participante se vê trabalhando como CLT de forma definitiva. A esse respeito, ela traz uma atividade imaginativa reprodutiva (Vigotski, 2018), possivelmente ao olhar para a experiência do seu irmão que, ao término do Ensino Médio, ingressou no mercado de trabalho, exercendo uma ocupação como CLT. Fazendo esse percurso, a atividade imaginativa se caracteriza como inibidora e restringe as possibilidades de futuro profissional da participante. Por outro lado, ao se imaginar psicóloga, a participante elabora uma imaginação criativa (*ibidem*, 2018,) percebendo uma nova possibilidade de futuro profissional, como está relatado abaixo:

Entrevistadora: E qual é o teu maior sonho profissional?

Virgínia: ...Eu acho que sempre foi Psicologia. Eu admiro muito... uma pessoa ter os seus problemas e dividir com uma pessoa que realmente pode lhe ajudar...Eu acho interessante, sempre gostei.

A construção dessa imagem do profissional de Psicologia está alicerçada em vivências (Vigotski, 2018, Bock, 2018) da participante, isto é, na tríade meio/o que se vivencia/e como se vivencia determinada situação, demonstrando que uma mesma situação do ambiente pode impactar cada indivíduo de uma forma diferente e ratifica que a escolha profissional lança mão do repertório inscrito na subjetividade do sujeito, resultante da sua inter-relação com a realidade cultural e histórica, no contato com modelos que tanto o afasta como o aproxima de determinada profissão (Bock, 2018). Adiante, a participante especifica a referida vivência:

Entrevistadora: Você já teve alguma experiência com psicólogo ou conhece alguém que teve essa experiência?

Virgínia: Eu nunca tive não ... mas aconteceu uma coisa com meu pai, um episódio, que ele precisou ter consultado um psicólogo. E desde então eu acho muito interessante...porque ele passou por uma situação muito perturbada e ela soube entender muito bem a situação, e eu achei muito interessante.

Assim, embora a experiência tenha ocorrido com o pai da participante, o como a situação foi vivenciada ratificou sua simpatia pela Psicologia a aproximando dessa escolha, uma vez que a experiência foi revestida de um sentido particular para ela, não apenas pelo benefício proporcionado a seu pai, mas porque sobreveio a confirmação pessoal de uma profissão já imaginada. Certamente, a experiência que o pai de Virgínia teve com uma psicóloga não funcionou, para a participante, como uma ida habitual a uma consulta, ela repercutiu positivamente na dinâmica familiar, despertando e confirmando seu interesse pela profissão de Psicologia. Cabe destacar, ainda, que essas vivências relacionadas à Psicologia, ligadas a afetos positivos, contribuem para potencializar o esforço da participante na direção da realização do seu sonho, uma vez que existe uma forte inclinação de se agir na direção daquilo que se imagina trazer satisfação (Spinoza, 2019), seja esse algo uma realização do presente ou mesmo do futuro.

Ao olhar para o futuro, a participante tem como primeira opção ser psicóloga, se identifica com a profissão e quebra o determinismo familiar e, sobretudo, cultural e social, que vincula o indivíduo negro à ocupação de serviços informais ou braçais, sem nenhuma explicação natural que justifique essa correlação, a não ser a discriminação herdada do racismo.

Como segunda opção, Virgínia escolhe administração e explica o motivo dessa escolha no momento a seguir:

Entrevistadora: Por que você escolheu esse curso técnico, no caso de administração?

Virgínia: Bom, eu tinha dúvida de logística ou administração ... Aí no mercado de trabalho eu acho que vou ter mais oportunidade do que uma pessoa que faz logística, só logística.

Nesse momento, a determinação da escolha profissional que se sobressai é o aspecto econômico, que Virgínia traz também em outros momentos da entrevista. Assim, por exemplo, ao falar sobre sua expectativa para o ano seguinte, diz: “*Daqui a um ano, se eu conseguir passar, na Federal ... além de estar cursando...Eu quero pelo menos estar trabalhando, alguma coisa, para ajudar lá em casa*”, ou seja, retrata a urgência de se engajar no mundo do trabalho.

Essa realidade de conciliar trabalho e estudo é conhecida por muitos jovens pobres que objetivam contribuir no orçamento doméstico e garantir a permanência no curso. No entanto, é exatamente o fato de ter que trabalhar que pode colocar em risco a conclusão do curso. Portanto, não basta apenas medidas governamentais para garantir o acesso à universidade via ações afirmativas, como a política de cotas, é necessário repensar políticas públicas que garantam a permanência desses jovens na universidade, que representa uma possibilidade real de mobilidade social, isto é, uma vida com recursos e sobrevivência com dignidade.

A opção pelo curso de Psicologia está muito evidente para a participante que, além disso, destaca em qual área da Psicologia pretende atuar, como está descrito no núcleo de significação abaixo.

4. “...se uma criança, até mesmo na escola, tiver uma psicóloga pra poder desabafar sobre essas situações (bullying), vai ajudar muito ela...”

Virgínia não escolheu a Psicologia apenas, ela imagina que atuará como psicóloga infantil e, neste núcleo de significação, deixa emergir os elementos que construíram essa escolha, como está descrito na fala a seguir:

Entrevistadora: Você falou que escolheu Psicologia e por que Psicologia Infantil?

Virgínia: Porque, pelo menos na minha época, quando eu era criança, eu tinha muitos problemas assim, em questão de bullying na escola, que eu não conseguia contar pra minha mãe. Porque, não é porque minha mãe não ia saber resolver ... mas eu não gostava da forma que ela queria resolver a situação. Então, sempre guardava pra mim ... nunca

desabafei nada com ela sobre minha questão na infância, né? De bullying, até mais racismo, enfim.

Nesse momento da entrevista, a participante demonstrou forte emoção. Provavelmente, àquela emoção contida, que foi resgatada junto com as memórias das situações de *bullying* e racismo de que foi vítima quando criança. Esses episódios foram significativos o suficiente para, numa atitude empática, a participante se imaginar acolhendo o sofrimento de outras crianças, como fica evidente no desenho e relato construídos a partir da experiência com a caixa de surpresas.



Fonte: A autora

Ao descrever o desenho, Virgínia relata que é “*uma criança que sofre bullying na escola ...ela está triste ... e pretende desabafar com a psicóloga...*”. Sobre a figura feminina, diz: a psicóloga, “*... bom, a psicóloga, eu penso que seria eu*”. Assim, se imaginar psicóloga infantil parece não realizar apenas um sonho profissional, mas se solidarizar com a própria Virgínia criança e com todas as outras que precisam dar voz às suas dores.

De fato, histórias de bullying e racismo ainda são compartilhadas por muitas crianças que, como Virgínia, sofrem silenciosamente. A participante relata que os xingamentos por parte das crianças eram frequentes, sobretudo em relação ao seu cabelo, tais como “*é cabelo de bombri!*”. Essas palavras devastadoras, expressas por crianças que repetem o racismo estrutural (Almeida, 2019), ainda ecoam nas escolas e para além das suas paredes, provocando sequelas emocionais e disseminando o racismo. Será que essas crianças sabem o sentido do que dizem? Será que sabem que, muitas delas também são negras, embora tenham o cabelo liso e pele clara? Certamente não.

A educação brasileira ainda está falhando no cumprimento à Lei nº 10.639/2003, que inclui o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, uma vez que já se passaram mais

de 20 anos de sua implementação e tudo parece se resumir à celebração de datas comemorativas, como o 20 de novembro, Dia da Consciência Negra. Já em relação ao bullying, a legislação brasileira passou a criminalizar situações de bullying e cyberbullying a partir da Lei 14.811/2024, aplicada a ambientes educacionais e afins, e o que se espera é que consiga suprimir os números crescentes e assustadores dessa prática. É preciso, ainda, veicular informações que possam munir toda a sociedade para conhecer, prevenir, identificar e denunciar casos de bullying, racismo e todas as formas de violência e discriminação contra crianças e adolescentes pois, não se pode combater o que não se conhece.

Cabe destacar que, nem sempre, a violência é praticada de forma explícita e pode passar despercebida pelos pais, professores e funcionários das escolas. A própria participante relatou o desconhecimento dos seus pais à respeito das suas vivências de bullying e racismo, e diz: *“eu não conseguia contar pra minha mãe...eu achava que ela não iria achar nada demais...eu tinha muito medo de falar com minha mãe sobre isso que, para mim, ela não ia saber resolver”*. Ou seja, a vítima de bullying sofre a violência do agressor e o medo de não ter seus sentimentos validados, pois ainda persiste na sociedade a confusão entre bullying e brincadeira, ou seja, não se *“distinguem as brincadeiras sadias das falsas brincadeiras”* (Galdino e Ferreira, 2013, p.37).

Além disso, o medo de que sua mãe talvez não soubesse resolver a situação de bullying que enfrentava, traduz o medo do constrangimento, que leva as vítimas de bullying a recorrerem ao silêncio (*ibidem*, 2013). Em um ou outro caso, os sentimentos dolorosos associados a situações de bullying são tão inesquecíveis que as narrativas das vivências parecem ter a mesma força emocional da situação vivida. Dessa forma, quando a participante construiu o relato sobre o medo de sofrer vergonha ou constrangimento, toda sua expressão corporal comunicou àquele momento e a participante permaneceu cabisbaixa.

Sem comunicar a nenhum responsável a violência de que foi vítima, a participante entende que a presença de uma psicóloga no espaço escolar seria uma alternativa para compartilhar seu sofrimento, ela diz, complementando a fala acima *“ se uma criança, até mesmo na escola, tiver uma psicóloga pra poder desabafar sobre essas situações (bullying), vai ajudar muito ela a ... não resolver o problema, essas coisas”*. De fato, o bullying é um fenômeno complexo, que exige o envolvimento de todos –família, escola e sociedade – no enfrentamento do problema. Porém, cabe realçar que a participante deseja arrancar sua dor, ao menos, dividir, diminuir e imagina que o profissional de psicologia é essa pessoa que vai acolhê-la, ainda que não resolva o problema definitivamente.

Essa atividade imaginativa construída em relação à pessoa do psicólogo possivelmente está alicerçada na experiência bem sucedida do pai de Virgínia que, em meio a momentos perturbadores, foi apoiado por um profissional de psicologia. A partir daí, Virgínia conta que passou a achar a profissão muito interessante. Ocorre que, experiências cuja natureza (boa ou má) têm o potencial de afetar o indivíduo, funcionam como molas propulsoras na direção ou afastamento de metas (Spinoza, 2019). Assim, ao observar e constatar a experiência do próprio pai, é provável que a participante tenha imaginado que existiria um outro desfecho se um (a) psicólogo (a) tivesse cruzado o caminho da menina Virgínia, vítima de bullying e isso impulsionou seu sonho de ser psicóloga infantil.

Ainda cabe destacar que a elaboração do desenho e todo o conjunto da obra, tem características bem reveladoras. A criança que sofre bullying é branca, porém seu cabelo é crespo e esse detalhe materializa a fala da participante que afirma ter sofrido bullying não por causa da sua cor, mas por causa do seu cabelo. É possível inferir que, conviver em um ambiente cuja maioria é branca ou negra não representa um risco a agressões racistas, é preciso não corresponder às características estéticas eurocêtricas, como nariz afilado e cabelo liso/bom, por exemplo. O indivíduo negro de pele clara ou retinta está mais sujeito a discriminações quando sua cor está associada a outros traços da estética negra, sobretudo o cabelo crespo. O cabelo crespo é frequentemente associado a adjetivos como feio e ruim ou mesmo retratado de forma pejorativa e depreciativa como na música “Nega do cabelo duro” - do cantor e compositor, também negro, Luiz Caldas. Assim, usar o cabelo crespo natural se tornou, na contemporaneidade, símbolo de empoderamento e resistência da população negra, sobretudo feminina, porque não é para amadores *tornar-se negro* (Souza, 2021) em uma sociedade onde os traços da população negra são historicamente hostilizados.

Nota-se que Virgínia cede o enredo da sua própria história de bullying para a menina, a criança do desenho, que está triste e tem seus sentimentos embaralhados e ela, Virgínia, agora está do outro lado, é a psicóloga, que acolhe e ressignifica aquela história. A Virgínia psicóloga do desenho é um símbolo de empoderamento, mulher, negra, em um espaço profissional onde a maioria da população negra não consegue chegar. Porém, no detalhe, se percebe que o cabelo da psicóloga está preso, possivelmente, para compor uma imagem profissional padrão que está internalizada, isso porque, mesmo que a participante não tenha conhecimento, o cabelo crespo ainda é considerado menos profissional (g1.globo, 2023) e é um ponto de discriminação no mundo corporativo.

Assim, ocupar certos espaços ainda não assegura que o processo de inclusão se efetivou para os negros, pois as formas de discriminação podem ser tão sutis que o próprio indivíduo não percebe as nuances que reproduzem o racismo.

4.2.2 A inter-relação entre os núcleos de significação

O olhar sobre os quatro núcleos de significação construídos mostra que a família é um determinante que atravessa todos os núcleos e está bastante imbricado com o aspecto econômico. Virgínia vislumbra a possibilidade de uma profissão de nível superior, assim como sua irmã, mas teme ter seu sonho cerceado pelas questões financeiras e, assim, ter que trabalhar como CLT, como o seu irmão. A participante se encontra em uma bifurcação e à sua frente, dois caminhos com reais possibilidades. Ao olhar para trás, uma história marcada por dificuldades produzidas por relações de trabalho pautadas em questões de raça e, ao olhar para o futuro, ser psicóloga ou não, a depender exclusivamente da aprovação em um sistema de avaliação altamente competitivo - o Enem.

Tem-se que essa interseccionalidade (Collins; Bilge, 2021), classe e raça, produz abismos tão reais que são capazes de ativar caminhos imaginativos bem explícitos e, assim a participante imagina a possibilidade de trabalhar como CLT definitivamente em caso de não ser concretizada sua aprovação no Enem. No entanto, a imaginação não se dissipa na presença da realidade ameaçadora, ela persevera frente a outras imaginações que podem substituir a ideia presente (Spinoza, 2019), isto é, mesmo diante da imprevisibilidade, a participante se imagina psicóloga, pois se a formação profissional, por meio do Ensino Superior, foi possível para outra personagem da sua família –sua irmã, há de se concretizar para si mesma.

Importa salientar, ainda, que a potência de agir do ser humano é impactada por fatores externos (Spinoza, 2019) que, nem sempre, tem-se como mover. Por outro lado, a visão de sujeito deste estudo é de um ser ativo, que age sobre seu meio, que é parte do todo, mas não passivo diante das circunstâncias. É dessa maneira que, mesmo diante dos obstáculos, a participante escolhe a Psicologia como profissão e busca conquistá-la mediante estudo, oportunizada pela aposta dos seus pais em ofertar aos filhos uma vida diferente daquela que eles mesmos tiveram.

Um ponto de controvérsia é percebido quando se analisa o elemento estudo. A participante aponta o estudo como o único caminho para acesso ao Ensino Superior e, dessa forma, poder concretizar a formação profissional em Psicologia. Por outro lado, a mesma

declara que não se sente bem em relação aos estudos porque se distrai facilmente e isso interfere no seu aprendizado. O fator distração foi pontuado pela participante em diferentes momentos da entrevista, assim como lapsos de memória atravessaram suas falas em todas as quatro entrevistas. É possível que a participante apresente um quadro de TDAH não identificado, haja vista que a literatura no assunto enfatiza que as meninas são bem menos diagnosticadas do que os meninos, considerando que geralmente não apresentam o marcador hiperatividade (Brites, 2021).

Como resolver esse impasse, necessidade de estudar versus distração? O depoimento da participante sobre a atual escola – ETE - revela que a estrutura e o ensino da instituição ofereceram o suporte necessário que a ajudaram a aprender melhor e, a despeito da sua dificuldade de concentração, seu desempenho foi melhorando. Esse fenômeno revela o processo interdependente e relativo da relação sujeito-meio, no qual o meio não exerce determinação absoluta sobre o indivíduo, mas atua no desenvolvimento ao interagir com o indivíduo e produzir uma nova relação e novas vivências (Vigotski, 2018). Dessa maneira, os acontecimentos contrários ao propósito da participante não dissipam seu sonho, pois o ato imaginativo só realiza seu ciclo completo quando a criação se materializa (Vigotski, 2018). Assim sendo, apoiada no seu repertório de impressões e vivências positivas, a participante é impulsionada na direção da escolha profissional pela Psicologia, distanciando-se de padrões cristalizados e ocupações profissionais estereotipadas para a população negra.

4.3 Tecendo considerações sobre os dois casos estudados: As convergências e divergências entre Juliano e Virgínia

Juliano traz um histórico familiar ocupacional relacionado a profissões de aprendizagem prática, sem acesso ao Ensino Superior. Os recursos financeiros limitados da família, resultantes da baixa remuneração das profissões exercidas, impactaram na escolha profissional do adolescente que deixou explícita a escolha por uma profissão de alta remuneração. Além do aspecto financeiro, as próprias experiências do participante com situações de doença/cirurgia e relação médico-paciente, bem como situações de doença na família, foram aspectos que potencializaram a aproximação da sua escolha pela medicina. Assim, ao escolher a medicina, o participante imagina que vai alcançar uma vida com segurança financeira ao mesmo tempo em que vai proporcionar uma relação médico-paciente humanizada.

Virgínia, por sua vez, tem uma história familiar marcada por ocupação de postos de trabalho braçais, com pouca escolaridade e vida financeira bem difícil. Seus pais desejaram uma vida diferente para os filhos e, à revelia das precárias condições financeiras, nunca

permitiram que os filhos abandonassem a escola para trabalhar. Virgínia já conhecia a Psicologia, mas reitera seu interesse pela profissão ao constatar o apoio recebido por seu pai, de uma psicóloga, em uma situação problemática. Escolhe a Psicologia infantil ancorada nas suas próprias experiências de bullying quando criança, pois imagina o quanto poderia ter sido ajudada por uma psicóloga, desejando ser ela agora a psicóloga, para acolher crianças em sofrimento.

Os dois casos convergem ao se trazer o aspecto econômico para a discussão. Juliano e Virgínia têm como escolha profissões cuja formação se realiza no Ensino Superior e a possibilidade de concretização dessa formação é o ensino gratuito (seja na universidade pública, seja na universidade privada mediante bolsa de estudo), uma vez que não têm como financiar os altos custos do ensino privado. Assim, conquistar o Ensino Superior gratuito é o primeiro grande desafio, mas não o único. Ambos também se vêem tomados pelo receio de que, durante a realização do curso, em meio a situações econômicas complicadoras na família, a urgência de trabalhar interfira na conclusão dos estudos. Ser ou não universitário, concluir ou não os estudos, são indagações que não cabe como resposta o mérito pessoal, pois são questões atravessadas por fatores econômicos e que demonstram que em nossa sociedade o aspecto econômico tem maior relevância do que o esforço individual (Bock, 2022).

A luta por acesso à educação é uma das pautas do Movimento Negro (Gomes, 2019) que, ao efetivar as ações afirmativas, trouxe para a universidade parte da população que estava fora, os negros. Juliano e Virgínia, inclusos na política de cotas talvez, sem perceber, integram-se aos membros do Movimento Negro que lutam pela transposição das barreiras impostas pelo racismo e, trazendo esse ideal para a EP, enfrentam a hegemonia branca de certas profissões e resistem em aceitar os lugares predeterminados aos negros nas ocupações laborais. Isso porque a população negra ainda convive com o ranço da escravidão nas estruturas ocupacionais, acrescido de um despreparo na escolarização, o que os leva a ocupar lugares de mão de obra desqualificada. Muitos dos jovens negros sequer concluem o Ensino Médio e já ingressam no mercado de trabalho. Assim, vão ficando pelo caminho e ocupando subempregos e, aqueles que alcançam o Ensino Superior, ainda são casos específicos e não correspondem a uma corrente de mobilidade social (Fernandes, 2013), ou seja, não representam uma tendência para toda a população negra.

Com relação aos aspectos de divergências entre os participantes, cabe destacar que Virgínia é negra de pele escura e cabelo crespo, Juliano é negro de pele clara e cabelos cacheados. Essa variação fenotípica, resultado da miscigenação da história brasileira, coloca

negros e brancos nas extremidades e, entre eles, existe uma larga nomenclatura utilizada culturalmente (moreno claro, moreno escuro...) fazendo com que, enquanto mais próximos estejam do fenotípico branco, melhor seja a aceitação social. Dessa forma, a discussão não é mais sobre ser negro, ambos são, é sobre algumas características fenotípicas do indivíduo negro que o faz conhecer a discriminação sistemática, racial e também o bullying. Nesse caso, a participante Virgínia destacou as perseguições que sofria de colegas da escola por ter cabelo crespo, sendo alvo de discriminações racistas e bullying. No entanto, a mesma relata que a maioria dos seus colegas da escola também são negros. Provavelmente, os colegas de Virgínia não se reconhecem como negros, por um lado, devido a essa fragmentação da identidade negra destacada acima e, por consequência, não sabem o que são; ou, por outro lado, devido a todo o peso que carrega socialmente o indivíduo negro e, nesse caso, “escolhem” negar o que são. Juliano não mencionou experiências desse teor em suas narrativas, ou seja, de racismo ou bullying racista, provavelmente porque está mais próximo do ideal branco.

O modelo social e culturalmente definido como ideal, o ideal branco, protótipo de referência coletiva para os indivíduos, passa do adulto para a criança e circula culturalmente, veiculando a ideologia da branquidão (Souza, 2021), de forma sutil e silenciosa. Porém, esse modelo do branco, bonito, bom, limpo e perfeito a que o sujeito negro está imerso é um padrão inalcançável e, como consequência, leva a dor e sofrimento, à semelhança da situação de bullying vivenciada por Virgínia. Diante dessas situações, para alguns indivíduos, a saída é apagar os vestígios da sua negritude enquanto, para outros, é lutar e encontrar novas soluções para a realização pessoal. Parece que essa última foi a alternativa encontrada pela participante: Da criança que sofreu bullying à psicóloga que atende às crianças em sofrimento (conforme a construção do desenho), dos insultos ao cabelo crespo à afirmação da sua identidade negra realçada na sua imagem, que revela resistência e autovalorização. Resistir é correr o risco de não ser aceita pelo outro, porém é revelador de uma aceitação de si mesma. Virgínia, tornou-se negra!

Outro ponto de distinção entre os participantes é captado na forma como cada participante se relaciona com o assunto trabalho e escola. Juliano estuda e trabalha esporadicamente na oficina do tio e não expressou conflitos familiares a respeito dessa relação. Já Virgínia, traz a temática trabalho versus estudo como algo reprovável para seu núcleo familiar. Essa diferença decorre provavelmente do fato de que na história familiar de Juliano o trabalho não foi um elemento impeditivo de continuidade dos estudos – sua mãe trabalhou, quando jovem, com o pai. Assim, o ato imaginativo, em ambos os casos, se voltou para o

passado, se apoiou nas vivências e inibiu outras possibilidades de futuro e os participantes vivem situações de repetição, ao passo que Juliano trabalha imaginando que não interferirá nos seus estudos e Virgínia não trabalha imaginando que exercer uma ocupação profissional poderá afetar a conclusão da sua escolarização.

Para ambos os participantes o estudo é bastante valorizado como o meio para atingir um fim – ser aprovado no Enem. No entanto, Virgínia pontua entraves no processo de aprendizagem ocasionados por dificuldades em manter o foco atencional, enquanto Juliano refere a organização de uma rotina de estudos, conseguindo uma maior dedicação. Esses desempenhos nos estudos são capazes de afetar a atividade imaginativa, posto que Juliano projeta um futuro em medicina onde os estudos terão um impacto crescente, até o envolvimento com pesquisas, enquanto Virgínia imagina que, caso não seja aprovada para o Ensino Superior, trabalhará como CLT “*para sempre*” (*sic*). O desfecho que Virgínia prevê, ligado a um possível insucesso, pode ser entendido como a desistência mediante um esforço sem êxito, ocasionando o abandono do sonho – ser psicóloga. Provavelmente o (in)sucesso no processo de acesso ao Ensino Superior, realizado por meio de uma avaliação do repertório de conhecimentos, deve ser entendido, por esses jovens, como sendo uma responsabilidade estritamente individual, e não percebem como resultado de uma combinação de fatores de ordem social, política, econômica e cultural. Por essa razão, um insucesso ocasiona, muitas vezes, a sensação de fracasso e anseio por desistência.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na minha trajetória profissional como psicóloga escolar sempre me inquietou a angústia dos adolescentes frente ao momento da escolha profissional. Porém nada me afetou tanto como conhecer os impactos do racismo estrutural (Almeida, 2019). Em meio às palavras desse autor, já mencionadas no texto que introduz este trabalho, encontrei o cerne deste estudo, torná-lo relevante científica e socialmente, por meio de uma postura eticamente comprometida com a questão do racismo.

A princípio, a escola pública foi escolhida por comportar a maioria dos estudantes da realidade brasileira, porém a maioria dos estudantes da escola pública não se caracteriza apenas como pessoas pobres que estudam em escola gratuita, mas também como pessoas negras. Dessa forma, enquanto investigava os processos imaginativos de adolescentes negros acerca da sua escolha profissional, o percurso das narrativas foi permanentemente atravessado por desigualdade social, discriminação e racismo.

Assim, a partir da questão mobilizadora para a produção deste trabalho, “como adolescentes negros terceiranistas que frequentam a escola pública imaginam o processo de escolha profissional?”, buscou-se compreender esse fenômeno a partir dos seguintes objetivos específicos: (i) entender as significações atreladas à EP, (ii) analisar a dinâmica imaginativa nas significações mapeadas e, por fim, (iii) identificar quais são os aspectos sócio-históricos e culturais que estão presentes nas atividades imaginativas.

Acerca do primeiro objetivo específico, verificou-se que o adolescente negro tem como significação atrelada à escolha profissional uma profissão que possa oferecer boa remuneração, que oportunize estabilidade financeira e, assim, a EP é significada como uma via que promova ascensão social e mudança do contexto econômico e social. Um outro significado atribuído à escolha profissional está relacionado à questão de valorização e reconhecimento, que desvela um sentido de aceitação pessoal e validação da competência pela sociedade, uma vez que o indivíduo negro é muitas vezes julgado como menos capaz. Um outro aspecto que emergiu foi o significado altruísta da escolha profissional, ora como contribuição intelectual, ou seja, com conhecimentos, ora como aspecto humano, numa atitude empática com o sofrimento alheio. Assim sendo, a escolha profissional para o adolescente negro significa ter uma profissão que traga dignidade financeira e reconhecimento social e, ao mesmo tempo, contribua com o desenvolvimento do ser humano completo bio(Medicina) – psico (Psicologia) e social.

Quanto ao segundo objetivo específico, que trata da dinâmica imaginativa nas significações mapeadas, é pertinente retomar que a atividade imaginativa sempre se constrói de elementos da realidade, combinando a experiência passada com novos elementos, resultando em repetições ou criações sem precedentes (Vigotski, 2018). Partindo disso, depreende-se que os adolescentes negros, ao imaginarem a escolha profissional, resgataram as dificuldades financeiras enfrentadas na família, resultantes da remuneração das profissões exercidas por seus parentes ascendentes e rejeitaram a repetição dos padrões ocupacionais. Ademais, as profissões marcadamente práticas e assalariadas, em geral, não têm o reconhecimento social que desejam, que é atribuído às profissões de nível superior e que ambos os participantes puderam constatar com o grau de evidência e destaque concedido aos parentes que alcançaram o Ensino Superior. Assim, a partir dessas experiências na família, imaginaram novas possibilidades de futuro, agregando a satisfação financeira e a pessoal. Sobre a atividade imaginativa relacionada a uma profissão que possa promover a experiência de ajudar a terceiros, pode-se inferir que ela surgiu e foi sendo ratificada através das experiências dos participantes nas suas relações pessoais com situações de adoecimento e cura, seja com eles próprios, seja com parentes próximos. Dessa

forma, o benefício emocional ligado a essas vivências retornaram na atividade imaginativa provocando uma intenção de retribuição.

Desse modo, respondendo à questão deste estudo, como adolescentes negros terceiranistas que frequentam a escola pública imaginam o processo de escolha profissional, pode-se presumir que imaginam uma profissão que rompe com a repetição da história laboral da família, marcada pelo racismo estrutural, com vistas a conquistar estabilidade financeira, valorização profissional e reconhecimento pessoal. Isso porque, quando a lente imaginativa se voltou para a EP, provocou uma ruptura na representação preconceituosa construída socialmente em relação à pessoa negra, trazendo possibilidades de futuro inaugurais. Esses adolescentes que desejam inscrever uma história diferente para si mesmos impactam suas vidas e a sociedade em geral, pois desafiam narrativas de que as pessoas negras são inferiores ou menos capazes.

Assim sendo, a imaginação foi o processo cognitivo recorrido a este estudo por conceder ao indivíduo o movimento de deslocar-se para trás e para frente, na linha do tempo, resgatando experiências e perspectivando futuros. Dessa forma, quando a atividade imaginativa se lançou sobre a escolha profissional, promoveu cenários voltados ao passado, trazendo caminhos de reprodução (Vigotski, 2018), de modelos observados pelos participantes, com possibilidade de repetição. Nesse sentido, a imaginação apresentou característica de potencial inibitório, estreitando ou delimitando possibilidades de caminhos na escolha profissional. A atividade imaginativa também se lançou por cenários inéditos, demonstrando o potencial criativo (*ibidem*, 2018) desse processo psicológico e, assim como no mundo, onde tudo que foi criado um dia foi imaginado (Zittoun; Gillespie, 2016), os participantes inauguraram profissões inéditas nas histórias das suas famílias. Porém, os participantes não são só adolescentes terceiranistas que estão imaginando possibilidades de futuro. Eles são adolescentes terceiranistas pobres e negros e, como tais, enfrentam as agruras do próprio momento de transição para a vida adulta, acrescidas do enfrentamento a um sistema social desigual, herança da escravidão, que libertou o negro “por direito, mas não de fato”. Essa suposta libertação reverbera até os dias atuais e se ratifica em expressões cotidianas como “o negro tem que ser mais e melhor”.

Dessa forma, a luta do povo negro segue adiante e a inclusão ainda é uma utopia. Algumas conquistas, como a política de cotas, apontam correções, porém ainda limitadas a determinados segmentos, como a educação. Haverá um tempo em que não mais existirá necessidade de ações afirmativas porque terá equiparação de oportunidades para todos, enquanto seres humanos, sem raça, classe social...? Talvez... A imaginação alcança essa utopia.

Portanto, este estudo contribuiu para dar visibilidade ao fenômeno da escolha profissional e raça, mostrando que através da imaginação o negro pode ocupar previamente qualquer lugar, posto que a cor não qualifica ou desqualifica alguém. O lugar do negro é onde ele quiser, basta que o domínio branco não obstaculize seu caminho, colocando-lhe freios e rédeas que o direcionam para o retorno à escravidão, aprisionando-o à pobreza, discriminação e esteriótipos. Logo, este estudo demonstra que a temática adolescência, racismo e escolha profissional merece ser revisitada, pois se constata uma desproporção entre os grandes desafios a serem enfrentados no futuro e a escassa produção de saber nessa área.

Os próprios dados apontam os caminhos para futuras pesquisas pois, quando os participantes imaginam que problemas durante o curso superior poderão dificultar sua concretização, nos colocam frente a algumas indagações: Quais obstáculos o jovem negro encontra na sua trajetória universitária? Que estratégias são utilizadas para permanecer estudando? Os obstáculos são impeditivos da sua formação?

Anseio por respostas, pois o futuro dirá se a escolha profissional do adolescente negro transcendeu o racismo estrutural ou se tudo não ficou apenas na imaginação...

REFERÊNCIAS

- ABREU, Fabrício Santos Dias de; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. *A periodização histórico-cultural do desenvolvimento humano: a adolescência em questão*. *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 40, n. 123, p. 376-393, 2023.
- AGUIAR, Mariana Bentzen. “*Marcas (In) Visíveis*”: a dinâmica rememorativa-imaginativa na (re)construção do self dialógico dos adolescentes que praticaram autolesão. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 26, p. 222-245, 2006.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 94, p. 299-322, 2013.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 45, p. 56-75, 2015.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; ARANHA, E. M. G.; SOARES, J. R. Núcleos de significação: análise dialética das significações produzidas em grupo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 51, 2021.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ANDRADE, Thiago Girardi de. *Imaginação na adolescência: refletindo sobre a produção em pesquisas e suas contribuições à compreensão do desenvolvimento*. 2022. [S.l.: s.n.], 2022.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Tradução de Dora Kuksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- A ANGÚSTIA dos jovens na escolha de carreira. CMOV Construindo Carreiras, 2023. Disponível em: <https://blog.cmov.com.br/a-angustia-dos-jovens-na-escolha-profissional>. Acesso em: 8 set. 2023.
- BATISTA, Gessivânia de Moura. *Processos imaginativos de educadora quanto à docência a crianças com a Síndrome Congênita do Vírus Zika*. 2019. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34247>. Acesso em: s.d.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 11, p. 63-76, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. *Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2022.

BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, M. Graça M.; FURTADO, Odair (org.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOCK, Silvio Duarte. *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL. Decreto n.º 42.482, de 10 de dezembro de 2015. Institui o Plano Estadual de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. *Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, Recife, 10 dez. 2015. Disponível em: <https://www.sas.pe.gov.br/wp-content/uploads/2019/10/Plano-Estadual-Igualdade-Racial.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Perguntas frequentes. Brasília, 2012. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BRASIL. PNAD Educação 2019: mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. *Agência de Notícias – IBGE*, Rio de Janeiro, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio/>. Acesso em: s.d.

BRITES, Luciana. O TDAH afeta meninos e meninas de formas diferentes? *NeuroSaber*, 1 out. 2021. Disponível em: <https://institutoneurosaber.com.br/artigos/o-tdah-afeta-meninos-e-meninas-de-formas-diferentes/>. Acesso em: s.d.

CARRARA, Kester. *Introdução à Psicologia da Educação: seis abordagens*. São Paulo: Avercamp, 2004.

CARRETONI-FILHO, H.; PREBIANCHI, H.B. *Anamnese: exame clínico psicológico*. 3.ed. Casa do Psicólogo, 1999.

CARVALHO, Josene Ferreira. *Processos imaginativos de uma paciente com câncer sobre cuidados paliativos*. 2019. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34451>. Acesso em: s.d.

CNN BRASIL. Diferença salarial entre pretos e brancos chega a 42,3% para mesmo cargo de gerência, diz pesquisa. *CNN Brasil*, 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/diferenca-salarial-entre-pretos-e-brancos-chega-a-423-para-mesmo-cargo-de-gerencia-diz-pesquisa/>. Acesso em: 12 out. 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Concursos têm salários 63% abaixo do piso. Brasília, 2023. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/concursos-tem-salarios-63-abaixo-do-piso>. Acesso em: 6 nov. 2024.

COSTA, Eveline Vieira; LYRA, Maria C. D. P. Como a mente se torna social para Barbara Rogoff? A questão da centralidade do sujeito. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, p. 637-647, 2002.

DE ALMEIDA, Maria Elisa Grijó Guahyba; MAGALHÃES, Andrea Seixas. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-214, 2011.

DIA DA Consciência Negra: números expõem desigualdade racial no Brasil. Lupa UOL, 2019. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/11/20/consciencia-negra-numeros-brasil>. Acesso em: 8 set. 2023.

DOS ANJOS, Ricardo Eleutério. O desenvolvimento histórico-cultural da imaginação na adolescência e a educação escolar. *Temas em Educação e Saúde*, João Pessoa, p. 271-285, 2017.

EXAME. As 5 profissões com os maiores salários no Brasil, segundo a FGV. *Exame*, 2024. Disponível em: <https://exame.com/carreira/guia-de-carreira/as-5-profissoes-com-os-maiores-salarios-no-brasil-segundo-a-fgv/>. Acesso em: s.d.

FERNANDES, Florestan. O negro no mundo dos brancos. 1ª apresentação digital. São Paulo: s.n., 2013.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. Vivência da leitura e inclusão social: reflexões à luz da Psicologia e da Filosofia da Linguagem. In: FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; FREITAS, K. R. S. O. de; VERAS, D. S. (org.). *Inclusão social e escolar: a aprendizagem na promoção do desenvolvimento humano* [recurso eletrônico]. Recife: Ed. UFPE, s.d. p. 15-24.

GALDINO, Marília Justino Ramos; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. O apoio das figuras significativas na superação do bullying no contexto escolar. *Psicologia da Educação*, São Paulo, n. 37, p. 31-41, 2013.

G1 GLOBO. Medicina, Farmácia, TI: veja o top 10 de cursos com maior empregabilidade. *G1*, 24 set. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/09/24/medicina-farmacia-ti-veja-o-top-10-de-cursos-com-maior-empregabilidade.ghtml>. Acesso em: s.d.

GOMES, Nilma Lino. *O movimento negro educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*, v. 31, p. 25-49, 2016.

HALL, Granville Stanley. *Adolescence: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion, and education*. New York: D. Appleton and Company, 1904. 2 v.

INSTITUTO DE REFERÊNCIA NEGRA PEREGUM; AFRO-CEBRAP; BANCO MUNDIAL. *Jovens negros e o mercado de trabalho*. [S. l.]: Instituto de Referência Negra Peregum, 2022. Disponível em: <https://peregum.org.br/publicacao/jovens-negros-e-o-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

LIMA, Elânia Francisco. *Negritudes, adolescências e afetividades: experiências afetivo-sexuais de adolescentes negras de uma periferia da cidade de São Paulo*. 2018. Dissertação (Mestrado) — [S. l.], 2018.

MACEDO, Conceição Aldenora de; FELIPE, Pereira Herculano. O perigo de ser jovem e negro no Brasil: um olhar sobre a adolescência numa perspectiva racial. *Norus*, v. 4, n. 5, p. [1-?], jan.–jul. 2016.

MAHEIRIE, Kátia *et al.* Imaginação e processos de criação na perspectiva histórico-cultural: análise de uma experiência. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, Campinas, v. 32, p. 49-61, 2015.

MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. *Práticas educativas bem-sucedidas na escola: vivências socioafetivas de professores e alunos*. Parnaíba: Acadêmica Editorial, 2020.

MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. *Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice*. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2020.

MELO, Aline Guilherme de; LIMA, Ana Ignez Belém (org.). *Práxis na clínica histórico-cultural: por uma clínica de transformação e do desenvolvimento*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2023.

MELO, T. F. *Processos imaginativos de estagiária sobre a experiência de intervenção em psicologia clínica*. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). *Caderneta de Saúde do Adolescente*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/caderneta_saude_adolescente_feminina.pdf. Acesso em: 2 jul. 2024.

MONTEZI, Aline Vilarinho; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Era uma vez um sexto ano: estudando imaginação adolescente no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 17, p. 77-85, 2013.

MORAES, Bruna Rabello de; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Notas sobre a história da adolescência. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 280-296, 2020.

MORETTI, Vanessa Dias; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; RIGON, Algacir José. O humano no homem: os pressupostos teórico-metodológicos da teoria histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, p. 477-485, 2011.

MOURA, Bruno de Freitas. Trabalho infantil cresceu de 2019 a 2022, mostra IBGE: aumento durante governo Bolsonaro interrompe tendência de queda. *Agência Brasil*, Rio de Janeiro, 20

dez. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2023-12/trabalho-infantil-cresceu-revela-ibge>. Acesso em: 19 jun. 2025.

NASCIMENTO, Juliana Silva de Sousa. *A escolha profissional na adolescência: contribuições psicopedagógicas*. 2014. Dissertação (Mestrado) — [S. l.], 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br>. Acesso em: 19 jun. 2025.

OBSERVATÓRIO DE EDUCAÇÃO. *Desigualdade racial na educação brasileira: um guia completo para entender e combater essa realidade*. Instituto Unibanco, 2024. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-na-educacao/>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin; MARTORELL, Gabriela. *Desenvolvimento humano*. 12. ed. Porto Alegre: McGraw Hill, 2013.

PASSOS, Joana Célia dos *et al.* *Jovens negros: trajetórias escolares, desigualdades e racismo*. Florianópolis: UFSC; NEN, 2011. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT21-1846--Res.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2025.

PIRES, M. F. C. O materialismo histórico-dialético e a educação. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v. 1, n. 1, 1997.

PRIMI, R. *et al.* Desenvolvimento de um inventário de levantamento das dificuldades da decisão profissional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 451-463, 2000.

RAMOS, I. D. S. M. *Processos imaginativos de adolescente, em contexto de acolhimento institucional, acerca da vida adulta*. 118 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) — Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

R7 NOTÍCIAS. Indicadores do Enem evidenciam diferenças entre escolas públicas e privadas. 22 jan. 2024. Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/indicadores-do-enem-evidenciam-diferencas-entre-escolas-publicas-e-privadas-avaliam-especialistas-22012024/>. Acesso em: 4 mar. 2025.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SERBAI, Fabiana. *Adolescência e puberdade na perspectiva de adolescentes com autismo, professoras(as) e responsáveis*. 2022. Dissertação (Mestrado) — [S. l.], 2022.

SILVA, Vanessa Cristina da; DAVIS, Claudia Leme Ferreira. Contribuições metodológicas para a análise dos sentidos em um estudo sobre atividade docente. *Educação e Pesquisa*, v. 42, n. 1, p. 39-52, 2016.

SILVA, T. F. da; NAKANO, T. de C. Criatividade no contexto educacional: análise de publicações periódicas e trabalhos de pós-graduação na área da psicologia. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 3, p. 743-759, 2012.

SITA, Daniele Evangelista. *Imaginação e os processos criativos na perspectiva sócio-histórica: análise do trabalho pedagógico com crianças com visão sub-normal*. 2017. Dissertação (Mestrado) — [S. l.], 2017.

SOARES, Sergei Suarez Dillon; FOUTOURA, Natália de Oliveira; PINHEIRO, Luana. Tendências recentes na escolaridade e no rendimento de negros e brancos. In: IPEA.

Desigualdade de renda no Brasil: uma análise da queda recente. Rio de Janeiro: IPEA, 2007. v. 2, p. [?].

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. São Paulo: Zahar, 2021.

SOUZA, V. L. T. de; ANDRADA, P. C. de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. *Estudos de Psicologia*, Campinas, 2013.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SBT NEWS. Taxa de abandono escolar no ensino médio é quase o dobro entre os jovens negros, diz estudo. 21 mar. 2025. Disponível em: <https://sbtnews.sbt.com.br/noticia/brasil/abandono-escolar-no-ensino-medio-foi-de-9-entre-negros-e-5-entre-brancos-diz-estudo>. Acesso em: 19 jun. 2025.

TATEO, Luca. Just an illusion? Imagination as higher mental function. *Journal of Psychology & Psychotherapy*, v. 5, n. 6, p. 1-?, 2015.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Do início ao fim: população negra tem menos oportunidades educacionais: indicadores de acesso à creche melhoraram, mas assegurar a aprendizagem ainda é desafio. 12 nov. 2020. Disponível em: <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/do-inicio-ao-fim-populacao-negra-tem-menos-oportunidades-educacionais-2/>. Acesso em: 30 mar. 2024.

TV BRASIL. Apenas 3 % dos médicos no Brasil são negros, aponta CFM. 25 out. 2023. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2023/10/apenas-3-dos-medicos-no-brasil-sao-negros-aponta-cfm>. Acesso em: 19 jun. 2025.

VALÉRIO, T. A. de M. *Planejando uma aula de música: processos imaginativos em ação*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso — [S. l.], 2019.

VERESK – Cadernos Acadêmicos Internacionais. *Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski*. Brasília: UniCEUB, 2014. v. 1.

VIGOTSKI, L. S. Manuscrito de 1929. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano 21, n. 71, p. 21-44, jul. 2000.

VIGOTSKI, L. S. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

VIGOTSKI, L. S. *Sete aulas de Vigotski sobre os fundamentos da pedologia*. Tradução de Zoia Prestes; Elizabeth Tunes; Cláudia da Costa Guimarães Santana. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018.

VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas. IV: Psicología infantil*. 2. ed. Moscou: [s.n.], 2006.

VIGOTSKI, L. S. *Obras escogidas. IV: Paidología del adolescente: problemas de la psicología infantil*. Madrid: Machado Libros, 2012.

VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, L. S. *A formação social da mente*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Teoria e método em psicologia*. 3. ed. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZITTOUN, T.; GILLESPIE, A. *Imagination in human and cultural development*. London: Routledge, 2016.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido –TALE



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(PARA MENORES DE 7 a 18 ANOS)

OBS: Este Termo de Assentimento para o menor de 7 a 18 anos não elimina a necessidade da elaboração de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelo responsável ou representante legal do menor.

Convidamos você _____, após autorização dos seus pais [ou dos responsáveis legais] para participar como voluntário (a) da pesquisa: "**Me formarei, e agora?": a dinâmica imaginativa de adolescentes negros(as) sobre a escolha profissional.**" Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) Edjane Vieira Bentzen de Paula, residente à rua Tracunhaém, 305, bl 8 apto 102, Pau Amarelo, Paulista/PE, CEP 53435-640, fone (81) 98562-6309, email: edjane.bentzen@ufpe.br e está sob a orientação de Sandra Patrícia Ataíde Ferreira, Telefone: 3314.8906, e-mail Sandra.ferreira@ufpe.br.

Você será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma via deste termo lhe será entregue para que seus pais ou responsável possam guardá-la e a outra ficará com o pesquisador responsável.

Você estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu. Para participar deste estudo, um responsável por você deverá autorizar e assinar um Termo de Consentimento, podendo retirar esse consentimento ou interromper a sua participação em qualquer fase da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A presente pesquisa pretende entender o que o estudante terceiranista imagina sobre a escolha profissional, a partir da perspectiva do adolescente negro, ou seja, tem como objetivo investigar de que maneira a dinâmica imaginativa dos adolescentes negros sobre sua inserção no mercado de trabalho, repercute na sua escolha profissional. Diante disso, a construção dos dados se dará através da realização de 3 entrevistas semiestruturadas e da utilização da ferramenta caixa de surpresas. Serão três encontros, na própria escola onde você estuda, realizados de forma individual.

Por tratar de conversas sobre a experiência pessoal do participante, o risco previsto nessa pesquisa é que suscite desconforto ou ansiedade. Nesse caso, poderá haver interrupção imediata da conversa, bem como direito de não responder a alguma questão, sem nenhum ônus para você. A pesquisa poderá trazer, como benefício, autoconhecimento e reflexão para o participante, à respeito do tema proposto. Além disso, poderá contribuir para a construção de um referencial teórico e empírico no cenário acadêmico.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, por meio de entrevistas gravadas, ficarão armazenados em pastas com senha no computador da pesquisadora e de sua orientadora, Sandra Patrícia Ataíde Ferreira, no endereço Av. da Arquitetura, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – 9º andar. CEP: 50.740-550, Recife – PE, pelo período de cinco anos.

Nem você e nem seus pais, ou responsáveis legais, pagarão nada para você participar desta pesquisa, também não receberão nenhum pagamento para a sua participação, pois é voluntária. Se houver necessidade, as despesas (deslocamento e alimentação) para a sua participação e de seus pais serão assumidas ou ressarcidas pelos pesquisadores. Fica também garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da sua participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial.

Este documento passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE que está no endereço: (**Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br**)

Assinatura do pesquisador (a)

**ASSENTIMENTO DO(DA) MENOR DE IDADE EM PARTICIPAR COMO
VOLUNTÁRIO(A)**

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo "**Me formarei, e agora?": a dinâmica imaginativa de adolescentes negros(as) sobre a escolha profissional**", como voluntário (a). Fui informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, o que vai ser feito, assim como os possíveis riscos e benefícios que podem acontecer com a minha participação. Foi-me garantido que posso desistir de participar a qualquer momento, sem que eu ou meus pais precise pagar nada.

Local e data _____

Assinatura do (da) menor :

Presenciamos a solicitação de assentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do/a voluntário/a em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e esclarecido – TCLE



UNIVERSIDADE
FEDERAL
DE PERNAMBUCO



**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)**

Solicitamos a sua autorização para convidar o (a) seu/sua filho (a) _____ para participar, como voluntário (a), da pesquisa **"Me formarei, e agora?": a dinâmica imaginativa de adolescentes negros(as) sobre a escolha profissional.**

Esta pesquisa é da responsabilidade do (a) pesquisador (a) Edjane Vieira Bentzen de Paula, residente à rua Tracunhaém, 305, bl 8 apto 102, Pau Amarelo, Paulista/PE, CEP 53435-640, fone(81)98562-6309, email: edjane.bentzen@ufpe.br e está sob a orientação de: Sandra Patrícia Ataíde Ferreira, Telefone: 3314.8906, e-mail sandra.aferreira@ufpe.br

O/a Senhor/a será esclarecido (a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação dele/a na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o (a) menor faça parte do estudo, pedimos que rubriche as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias.

Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável. O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite que ele/a participe, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

A presente pesquisa pretende entender o que o estudante terceiranista imagina sobre a escolha profissional, a partir da perspectiva do adolescente negro, ou seja, tem como objetivo

investigar de que maneira a dinâmica imaginativa dos adolescentes negros sobre sua inserção no mercado de trabalho, repercute na sua escolha profissional. Diante disso, a construção dos dados se dará através da realização de 3 entrevistas semiestruturadas e da utilização da ferramenta caixa de surpresas. Serão três encontros, na própria escola onde o/a seu/sua filho/a estuda, todos realizados de forma individual com ele/ela.

Por tratar de conversas sobre a experiência pessoal, o risco previsto nessa pesquisa é que suscite desconforto ou ansiedade em seu/sua filho/a. Nesse caso, poderá haver interrupção imediata da conversa, caso seu/sua filho/a deseje, bem como ele/ela tem o direito de não responder a alguma questão perguntada. A pesquisa poderá trazer, como benefício para seu/sua filho/a, autoconhecimento e reflexão a respeito do tema proposto

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa, por meio de entrevistas gravadas, ficarão armazenados em pastas com senha no computador da pesquisadora e de sua orientadora, Sandra Patrícia Ataíde Ferreira, no endereço Av. da Arquitetura, s/n, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – 9º andar. CEP: 50.740-550, Recife – PE, pelo período de cinco anos.

O (a) senhor (a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para seu/sua filho/a participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação dele/a na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

Assinatura do pesquisador (a)

**CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A
VOLUNTÁRIO**

Eu, _____,
 CPF _____, abaixo assinado, responsável por
 _____, autorizo a sua
 participação no estudo "**Me formarei, e agora?**": **a dinâmica imaginativa de adolescentes negros(as) sobre a escolha profissional**, como voluntário(a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data _____

Assinatura do (da) responsável:

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APÊNDICE C– Roteiro da primeira entrevista

1. Rapport

- Qual o seu nome?
- Qual a sua idade?
- O que gosta de fazer nas horas livres?
- Como é sua vida social (amigos, passeios)?
- Você tem hobbies?
- Você pratica alguma atividade física?

2. Trajetória de vida

2.1 Familiar

- Com quem você vive?
- Você vive com essas pessoas desde quando?
- Como é seu relacionamento com essas pessoas?
- Qual o nome da sua mãe? Como é sua relação com sua mãe? A sua mãe trabalha?
- Qual o nome do seu pai? Como é sua relação com seu pai? O seu pai trabalha?
- Qual o nível de escolaridade das pessoas da sua casa?
- O que você acha que interferiu na escolha profissional de seus avós e de seus pais?
- De que maneira você acha que as escolhas profissionais de seus avós e pais podem interferir na sua escolha?
- Em quem você se inspira profissionalmente? Quem? Por quê?

2.2 Escolar

- Como é a sua relação com os estudos?
- Você se lembra com quantos anos foi para a escola?
- Já mudou de escola? Quando? Por quê?
- Você sempre frequentou a escola pública? (Se a resposta for não: Quando ingressou na escola pública? Por quê?)
- Como se sente indo para a escola? Você sempre se sentiu assim? Por quê?

- Se você fosse me falar os principais acontecimentos da sua vida escolar, quais seriam eles?
- Por que você escolheu estudar nesta escola?
- Como foi a escolha do curso técnico que você está cursando?
- Quais as disciplinas que você mais gosta e quais as que você menos gosta? Por quê?
- Você acha que a escola lhe prepara para a vida? De que forma?
- Você acha que a escola lhe prepara para a vida profissional? De que forma?
- Tem alguém da sua vida escolar em quem você se inspira profissionalmente? Quem? Por quê?

APÊNDICE D – Roteiro da segunda entrevista

- O que você pensa em fazer quando concluir o Ensino Médio?
- Vai prestar exames vestibulares? Quais?
- Qual sua opinião sobre o sistema de cotas?
- Já tem alguma escolha profissional determinada? Qual?
- Qual seu maior sonho profissional?
- O que você imagina que lhe ajudaria a realizar esse sonho?
- O que você imagina que dificultaria a realização desse sonho?
- O que faz ou imagina que precisa fazer para realizar esse sonho?
- Você está finalizando o Ensino Médio, é um momento de mudança, não é? Então queria te perguntar: como você imagina que vai estar sua vida daqui há um ano?

APÊNDICE E - Tabela 1. Tabela dos pré-indicadores da entrevista com Juliano

Pré-indicadores da entrevista com Juliano
<ul style="list-style-type: none"> ● Fora do convívio familiar não há ninguém que inspira Juliano em relação a Medicina ● Juliano gosta da área biológica ● Gosta da interação com o paciente e ajudar a curar pessoas ● Quando terminar a escola vai dar um impulso nos estudos, mais tempo para estudar e foco no vestibular ● Se não passar no vestibular de 2024, no próximo ano estará estudando para passar

- A primeira vez que mudou de escola foi porque não gostou de alguns professores
- A maior parte dos estudos foi em escola pública
- A escola é o lugar onde vai adquirir conhecimentos pessoais e acadêmicos
- Juliano fará o Enem
- Visão do estudante de Ensino Fundamental é que a escola é para se divertir
- A escola não é brincadeira, mas para estudar
- Desenvolvimento estudantil das primas
- Uma prima concluiu na UFPE e a outra estuda, também na UFPE
- Os cursos das primas são Direito e Ciências Sociais
- Um acontecimento importante na vida escolar de Juliano foi seu ingresso no ETE
- Escolheu o ETE porque queria adquirir mais conhecimentos em administração. E por ser integral, teria mais tempo de estudo
- Gosta de Química, Biologia e aprendendo a gostar de matemática
- Gosta dessas disciplinas porque acha que tem facilidade para aprender
- A escola não ensina sobre amadurecimento financeiro
- A escola não ensina sobre preparação para o vestibular -o assunto só surge no EM e deveria ser falado já no Fundamental
- A escola deveria ter uma disciplina que ensinasse sobre como gerir o dinheiro
- A realidade da escola é diferente do mundo do trabalho
- O mundo do trabalho envolve trabalhar em equipe, trabalhar sobre pressão, ter um patrão, gerenciar o tempo, competências e habilidades
- Uma professora de Juliano o ajuda com conselhos sobre como organizar seu tempo
- A professora o estimula a querer estudar e aprender mais
- Muito lazer atrapalha os estudos
- Juliano fez cirurgias
- Viu como alguns médicos trabalham
- Alguns médicos trabalham só pelo dinheiro
- Alguns médicos não se importam muito com o ser humano e isso não é ético
- A medicina é uma profissão que lida com pessoas
- As pessoas estão fragilizadas pela doença
- Muitas vezes falta a boa relação entre o médico e o paciente
- Juliano fez uma cirurgia na face, para tirar um sinal
- O médico e a equipe foram receptivos, brincavam e mantiveram boa relação

- O médico é aquele que está capacitado, qualificado e que tem boa comunicação
- Os jovens ganham dinheiro, mas não sabem como administrar e gastam com bobagem
- Guardar dinheiro para uma emergência
- Juliano não sabia administrar seu dinheiro
- Juliano aprendeu a administrar seu dinheiro quando foi ganhando ao trabalhar com seu tio
- O tio de Juliano é eletricitista de carro
- Juliano geralmente vai ajudar seu tio
- Escolheu administração porque a outra opção era designe gráfico e não se vê nessa área
- Administração de empresas é sobre gerir empresas e gestão de pessoas
- Gestão de pessoas tem em qualquer profissão
- Marketing usa em qualquer coisa
- Recursos humanos tem em qualquer empresa
- O setor de RH cuida das pessoas
- Juliano é cristão
- O trabalho depende da qualificação
- Um profissional é bem aceito se for concursado
- Juliano pensa em atuar como médico cardiologista
- Uma outra opção de especialidade médica seria na área cirúrgica, como anestesista
- A mãe de Juliano terminou o curso de Radiologia
- Na casa da mãe de Juliano tinha uma imagem de um esqueleto e de um coração
- O avô e a tia de Juliano têm problemas no coração
- A tia de Juliano tem arritmia cardíaca
- A escolha da mãe de Juliano por Radiologia foi inspirada na tia
- A tia de Juliano é concursada
- O sonho profissional de Juliano é se especializar em medicina e ter valor no mercado de trabalho
- Valor no mercado de trabalho é colaborar com a medicina através de pesquisas
- Passar no Enem
- Continuar no curso de Medicina
- Fazer residência
- Passar em um concurso
- Problemas na família poderia dificultar a realização do sonho profissional

- No final do EM vem a fase adulta de responsabilidades
- Responsabilidades adultas com trabalho e manutenção da casa
- Juliano se identifica com desenho
- Desenho de um médico sorrindo
- O médico tem que ter empatia com o paciente
- Desenho de um coração representando a cardiologia
- Desenho de uma lupa representando a pesquisa
- Desenho de um livro representando os estudos
- Juliano quer fazer uma missão religiosa, pregar o evangelho
- Foi escolhendo a Medicina no decorrer do tempo e se identificando com a área
- Gosta da área das Ciências Naturais
- As Ciências Naturais têm um grande peso em Medicina
- Não falta trabalho na área de Medicina
- Não falta trabalho para o médico em hospital
- Medicina como prioridade
- Conhecer mais sobre a política de cotas
- Partes boas e ruins da política de cotas
- Negros e pardos como inferiores
- As cotas ajudam a inserir negros e pardos na faculdade
- A imaginação sobre o futuro profissional é de um médico esforçado, que aprimora seus conhecimentos
- Juliano não imagina nenhum cenário profissional

Fonte: A autora (2024)

APÊNDICE F - Tabela 2. Tabela dos pré-indicadores e indicadores da entrevista com Juliano

Pré-indicadores	Indicadores
<ul style="list-style-type: none"> ● Na família não há ninguém que o inspire profissionalmente 	

<ul style="list-style-type: none"> ● Desenvolvimento estudantil das primas ● Uma prima concluiu na UFPE e a outra estuda, também na UFPE ● Na casa da mãe de Juliano tinha uma imagem de um esqueleto e de um coração ● O avô e a tia de Juliano têm problemas no coração ● A tia de Juliano tem arritmia cardíaca ● A escolha da mãe de Juliano por Radiologia foi inspirada na tia ● A tia de Juliano é concursada 	<p>A família como determinante na EP</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● A escola é o lugar onde vai adquirir conhecimentos pessoais e acadêmicos ● Visão do estudante de Ensino Fundamental é que a escola é para se divertir ● A escola não é brincadeira, mas para estudar ● Escolheu o ETE foi para adquirir mais conhecimentos em administração. E por ser integral, teria mais tempo de estudo ● A escola não ensina sobre amadurecimento financeiro ● A escola deveria ter uma disciplina ensinasse sobre como gerir o dinheiro ● Escolheu administração porque a outra opção era designe gráfico e não se vê nessa área 	<p>A escola como espaço de conhecimento pessoal e profissional</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● Administração de empresas é sobre gerir empresas e gestão de pessoas 	
<ul style="list-style-type: none"> ● O hobbie é a academia e estudar ● Quando terminar a escola vai dar um impulso nos estudos, mais tempo para estudar e foco no vestibular ● Se não passar no vestibular de 2024, no próximo ano estará estudando para passar ● Desenvolvimento estudantil das primas ● Uma professora de Juliano o ajuda com conselhos sobre como organizar seu tempo ● A professora o estimula a querer estudar e aprender mais ● Desenho de um livro representando os estudos ● Juliano fará o Enem 	<p>Os estudos como caminho para atingir os objetivos profissionais</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Juliano fará o Enem ● Um acontecimento importante na vida escolar de Juliano foi seu ingresso no ETE ● Passar no Enem ● Continuar no curso de Medicina ● Fazer residência ● Passar em um concurso ● Problemas na família poderiam dificultar a realização do sonho profissional ● Desenho de uma lupa representando a pesquisa 	<p>Percurso para se tornar um médico reconhecido</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● .Empenho para atingir objetivos 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Conhecer mais sobre a política de cotas ● Partes boas e ruins da política de cotas ● Negros e pardos como inferiores ● As cotas ajudam a inserir negros e pardos na faculdade 	Política de cotas
<ul style="list-style-type: none"> ● Juliano sempre morou com os avós ● O relacionamento com os avós é bom ● A avó sempre o criou ● Os pais são separados ● O pai é falecido ● A mãe mora ao lado da casa de Juliano ● O avô tinha uma convivência ruim com os pais ● O avô veio morar com as tias ● A avó teve os filhos e não mais trabalhou ● A avó preferiu ficar cuidando dos filhos ● Os pais de Juliano nunca conversaram sobre o que interferiu na escolha profissional deles ● Problemas na família poderia dificultar a realização do sonho profissional 	A relação com a família como facilitadora ou como obstáculo para a realização de sonhos
<ul style="list-style-type: none"> ● Nas horas livres descansa, joga (eletrônicos) ou pratica esporte (vôlei) ● Vida social bem boa ● Não costuma sair com os amigos ● Muito lazer atrapalha os estudos ● Juliano se identifica com desenho 	Vida social como um obstáculo para a realização dos sonhos

<ul style="list-style-type: none"> ● O trabalho que Juliano quer exercer a remuneração é mais alta do que a dos seus pais e avós. ● Escolher uma profissão que só paga um salário mínimo não cobre todas as despesas de uma casa ● Quer algo com melhor remuneração ● Alguns médicos trabalham só pelo dinheiro ● Os jovens ganham dinheiro, mas não sabem como administrar e gastam com bobagem ● Guardar dinheiro para uma emergência ● Juliano não sabia administrar seu dinheiro ● Juliano aprendeu a administrar seu dinheiro quando foi ganhando ao trabalhar com seu tio 	<p>A remuneração como determinante na escolha profissional</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Juliano fez cirurgias ● Viu como alguns médicos trabalham ● Juliano fez uma cirurgia na face, para tirar um sinal ● O médico e a equipe foram receptivos, brincavam e mantiveram boa relação ● Alguns médicos não se importam muito com o ser humano e isso não é ético ● Desenho de um médico sorrindo ● O médico tem que ter empatia com o paciente ● Sentimento de felicidade por estar trabalhando como médico 	<p>Sentimentos desejáveis e indesejáveis na conduta médica</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● Se importar com o próximo ● Não ser um médico morgado, que trabalha por obrigação ● Felicidade por trabalhar no que sempre quis 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Não falta trabalho na área de Medicina ● Não falta trabalho para o médico em hospital ● O trabalho depende da qualificação ● Um profissional é bem aceito se for concursado ● O sonho profissional de Juliano é se especializar em medicina e ter valor no mercado de trabalho ● Valor no mercado de trabalho é colaborar com a medicina através de pesquisas ● Juliano não imagina nenhum cenário profissional 	Mercado de trabalho para o médico
<ul style="list-style-type: none"> ● Gosta da interação com o paciente e ajudar a curar pessoas ● A medicina é uma profissão que lida com pessoas ● As pessoas estão fragilizadas pela doença ● Muitas vezes falta a boa relação entre o médico e o paciente ● O médico é aquele que está capacitado, qualificado e que tem boa comunicação 	A medicina e o ser médico

<ul style="list-style-type: none"> ● Escolha de medicina é sobre estudos intermináveis ● A imaginação sobre o futuro profissional é de um médico esforçado, que aprimora seus conhecimentos 	
<ul style="list-style-type: none"> ● A realidade da escola é diferente do mundo do trabalho ● O mundo do trabalho envolve trabalhar em equipe, trabalhar sobre pressão, ter um patrão, gerenciar o tempo, competências e habilidades ● Gestão de pessoas tem em qualquer profissão ● Marketing usa em qualquer coisa ● Recursos humanos tem em qualquer empresa ● O setor de RH cuida das pessoas ● Não falta trabalho na área de Medicina ● Não falta trabalho para o médico em hospital ● O trabalho depende da qualificação ● Um profissional é bem aceito se for concursado 	Mundo do trabalho
<ul style="list-style-type: none"> ● Na família não há ninguém que o inspire profissionalmente ● Fora do convívio familiar não há ninguém que inspira Juliano em relação a Medicina ● Juliano gosta da área biológica ● Gosta de Química, Biologia e aprendendo a gostar de matemática 	

<ul style="list-style-type: none"> ● Gosta dessas disciplinas porque acha que tem facilidade para aprender ● Juliano fez cirurgias ● Viu como alguns médicos trabalham ● Juliano fez uma cirurgia na face, para tirar um sinal ● O médico e a equipe foram receptivos, brincavam e mantiveram boa relação ● Foi escolhendo a Medicina no decorrer do tempo e se identificando com a área ● Gosta da área das Ciências Naturais ● As Ciências Naturais têm um grande peso em Medicina ● Juliano pensa em atuar como médico cardiologista ● Uma outra opção de especialidade médica seria na área cirúrgica, como anestesista ● Desenho de um coração representando a cardiologia ● Enfermagem como uma das opções de vestibular, só para constar ● Medicina como prioridade 	<p>A escolha da medicina</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● A escola não ensina sobre amadurecimento financeiro ● A escola não ensina sobre preparação para o vestibular -o assunto só surge no EM e deveria ser falado já no Fundamental ● A escola deveria ter uma disciplina que ensinasse sobre como gerir o dinheiro 	<p>Assuntos que a escola não ensina, mas deveria</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● A realidade da escola é diferente do mundo do trabalho 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Mãe não tem trabalho atual, mas faz algumas coisas para ganhar dinheiro, atividade de confeitaria ● Escolher uma profissão que só paga um salário mínimo não cobre todas as despesas de uma casa. ● Os jovens ganham dinheiro, mas não sabem como administrar e gastam com bobagem ● Guardar dinheiro para uma emergência ● Juliano não sabia administrar seu dinheiro ● Juliano aprendeu a administrar seu dinheiro quando foi ganhando ao trabalhar com seu tio ● No final do EM vem a fase adulta de responsabilidades ● Responsabilidades adultas com trabalho e manutenção da casa 	Ênfase em questões financeiras
<ul style="list-style-type: none"> ● Juliano é cristão ● Juliano quer fazer uma missão religiosa, pregar o evangelho 	Religiosidade
<ul style="list-style-type: none"> ● A avó é dona de casa ● O avô é aposentado. Era eletricista ● Não lembra a profissão do pai ● Pai trabalhava na Revista Abril ● Mãe trabalhava na loja do avô, uma elétrica ● O avô começou a trabalhar desde novo 	

<ul style="list-style-type: none"> ● O avô ajudava um amigo, no ramo de eletricitista ● O avô abriu uma loja no ramo de eletricidade ● A avó trabalhava em uma fábrica de bexigas ● A avó deixou de trabalhar porque teve alergia ● A avó preferiu ficar cuidando dos filhos ● Os cursos das primas são Direito e Ciências Sociais ● O tio de Juliano é eletricitista de carro ● A mãe de Juliano terminou o curso de Radiologia 	Contexto profissional da família
--	----------------------------------

Fonte: A autora (2024)

APÊNDICE G - Tabela 3. Tabela dos Núcleos de Significação de Juliano

Indicadores	Núcleos de significação
<ul style="list-style-type: none"> ● A família como determinante na EP ● A relação com a família como facilitadora ou como obstáculo para a realização de sonhos ● Contexto profissional da família 	<p>“Na minha família não tem ninguém com esse cargo (medicina), aí não tenho inspiração familiar não.”</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Os estudos como caminho para atingir os objetivos profissionais ● Percurso para se tornar um médico reconhecido 	

<ul style="list-style-type: none"> ● Vida social como um obstáculo para a realização dos sonhos ● Assuntos que a escola não ensina, mas deveria ● Política de cotas ● A escola como espaço de conhecimento pessoal e profissional 	<p>“A escola é o lugar que vou adquirir meus conhecimentos...tanto pessoais, para aplicar na vida e também para fazer vestibular, concurso.”</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Mercado de trabalho para o médico ● Mundo do trabalho ● A escolha da medicina 	<p>“...uma pessoa que conclui, se forma como um médico. Não vai faltar trabalho para ela.”</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Sentimentos desejáveis e indesejáveis na conduta médica ● A medicina e o ser médico ● A remuneração como determinante na escolha profissional ● Religiosidade 	<p>“Muitos médicos trabalham só pelo dinheiro...mas não se importa muito com o ser humano”</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● A remuneração como determinante na escolha profissional ● A família como determinante na EP ● Ênfase em questões financeiras 	<p>“...escolher uma profissão que só paga um salário mínimo... então eu quero algo que tenha melhor remuneração.”</p>

Fonte: A autora (2024)

APÊNDICE H - Tabela 4. Tabela dos pré-indicadores da entrevista com Virgínia

Pré-indicadores da entrevista com Virgínia
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia gosta de mexer nas redes sociais, ler e assistir filmes nas horas livres ● Gosta de filmes de terror e suspense ● O estilo de livros preferido é o romance ● A vida social envolve ir à praia com os amigos ou ficar conversando ● Não tem hobby ● Reside com os pais e um irmão. A irmã mais velha casou.

- O relacionamento com os pais já foi bem difícil, atualmente está tranquilo.
- Virgínia está aprendendo a compreender os pais e esses, a compreendê-la
- Discutia muito com os pais porque eles eram muito proibitivos
- Hoje em dia conversa com os pais e conseguem fazer acordos
- A mãe está desempregada
- A profissão da mãe é diarista
- O pai relacionava-se de forma agressiva, hoje em dia é calmo
- O pai é aposentado
- O pai é albino
- O irmão concluiu o Ensino Médio
- Os pais não concluíram o Ensino Fundamental
- A irmã mais velha está fazendo faculdade de Enfermagem
- O pai veio de uma família muito grande
- O pai não tinha opção de estudar, trabalhava e cuidava dos irmãos
- A mãe dificilmente ia para a escola
- Com 12 anos a mãe saiu de Alagoas para trabalhar em Recife
- Virgínia nunca precisou deixar de estudar para trabalhar
- Os pais se esforçam para sustentar a casa
- O irmão está trabalhando
- Virgínia não se inspira em ninguém profissionalmente
- Virgínia desenvolveu o gosto pela leitura através da irmã
- A irmã gostava muito de ler
- Virgínia começou lendo poesias
- Geralmente as meninas que vêm de Alagoas é para trabalhar como doméstica
- A mãe trabalhava como doméstica e cuidando dos filhos dos patrões
- O pai teve dificuldade de conseguir empregos porque tem problemas visuais
- O pai passou a infância trabalhando no sol e isso prejudicou sua pele
- O pai trabalhou com capinação e cuidando de animais
- As duas avós são donas de casa
- Os dois avôs trabalhavam com plantação e vendas na feira
- A situação financeira em casa melhorou quando os irmãos começaram a trabalhar
- A situação financeira havia piorado quando a mãe deixou de receber o bolsa família
- e não conseguia emprego

- Virgínia se inspira no modo de vida de cantoras e blogueiras negras que conquistaram coisas ao longo da vida
- Não se sente bem em relação aos estudos porque não consegue ter uma boa concentração
- Depois da pandemia acredita que sua concentração piorou
- Sempre estudou em escolas públicas
- Virgínia se sente bem em relação a atual escola porque essa tem melhor estrutura e ensino
- O evento da acolhida ao chegar na atual escola foi um acontecimento muito marcante
- Escolheu o ETE porque queria a oportunidade de um curso técnico
- Os pais não teriam condições de pagar um curso técnico
- Escolheu administração porque achava melhor do que logística
- Acredita que o mercado de trabalho para administração oferece mais oportunidades do que para logística
- Gosta bastante das disciplinas de Biologia, História e Química
- Virgínia se considera muito ruim em química
- Não gosta de disciplinas de matemática e física, que envolvem cálculos
- A escola lhe ajudou a aprender a ter uma rotina
- A escola tem normas, mas nem todos obedecem
- A escola tem regras que se aplicam para uns e para outros não
- A escola só pode exigir o que oferece
- A escola é mais exigente, em relação cumprimento de regras com os alunos que perturbam
- A escola deveria conceder os mesmos direitos e deveres para todos
- Na vida escolar a inspira profissionalmente uma professora que considera elegante e com boa oratória
- Virgínia quer cursar Psicologia na área infantil
- A segunda opção de escolha profissional é administração
- Virgínia vai fazer o Enem
- O sonho profissional sempre foi Psicologia
- Virgínia admira muito a Psicologia
- A psicologia é uma profissão que você vai dividir os seus problemas com alguém que realmente pode lhe ajudar

- Nunca teve experiência com psicólogo
- Conseguir psicólogo onde Virgínia mora é muito difícil, só fazendo particular.
- Virgínia não tem condições financeiras para pagar um atendimento psicológico
- Seu pai já realizou atendimento psicológico
- Seu pai passou por uma situação muito perturbadora e a psicóloga o entendeu muito bem
- A experiência do pai de Virgínia com o atendimento psicológico confirmou sua opção profissional por Psicologia
- A única opção para realizar seu sonho profissional é através do Enem
- Virgínia espera que, passando em Psicologia, se não houver muitas dificuldades, consiga concluir o curso
- O que pode dificultar o sonho profissional é não passar no Enem
- Se os avós tivessem uma melhor profissão, Virgínia não teria preocupação em não ser aprovada no Enem
- Se não for aprovada no Enem, vai trabalhar como CLT sempre
- Para realizar seu sonho profissional Virgínia precisa se esforçar bastante na prova do Enem
- Virgínia está com muito medo de não ser aprovada no ENEM
- Estudar para o ENEM é focar nas disciplinas que Virgínia não é muito boa
- O peso maior em psicologia é na área de humanas
- Mesmo que esteja cursando psicologia, no próximo ano, quer trabalhar para ajudar financeiramente em casa
- Virgínia pensa em trabalhar em mercados ou lojas de roupas
- Virgínia gosta muito de pintar
- Virgínia desenhou uma criança desabafando com uma psicóloga, para amenizar o que está sentindo
- No desenho, a psicóloga consegue entender a criança e passa informações para ajudar a resolver seu problema
- A criança do desenho está triste e sofre bullying na escola
- Gosta de plantas, pois deixam o ambiente mais vivo.
- Admira arte, mas não teve inspiração de casa
- Quando criança, Virgínia sofreu muito bullying na escola
- Virgínia não relatava para sua mãe que sofria bullying na escola

- Achava que sua mãe não iria resolver seu problema na escola, da forma adequada
- Virgínia sofreu racismo
- A maioria dos alunos das escolas onde Virgínia estudou eram negros
- Virgínia sofreu bullying em relação ao seu cabelo
- Como segunda opção, Virgínia escolherá administração, para aprender mais sobre a profissão
- Virgínia sempre pensou em fazer psicologia infantil para conversar com crianças e ajudá-las
- Pensa em trabalhar, no próximo ano, como menor aprendiz ou em qualquer outra função
- Virgínia não tem preferência ou escolha para trabalhar, aceita qualquer coisa
- Não fez o SSA porque acreditou que não teria tantas oportunidades como no Enem
- Acredita que vai ficar muito nervosa no período pré-Enem
- Virgínia concorda com a política de cotas
- Acredita que muitas pessoas se aproveitam da política de cotas, sem ter direito de fato
- A organização da política de cotas deveria rever os critérios

Fonte: A autora (2025)

APÊNDICE I - Tabela 5. Tabela dos indicadores da entrevista com Virgínia

Pré-indicadores	Indicadores
<ul style="list-style-type: none"> ● A irmã mais velha está fazendo faculdade de enfermagem ● O irmão está trabalhando ● Virgínia desenvolveu o gosto pela leitura através da irmã ● A irmã gostava muito de ler ● Virgínia começou lendo poesias ● Seu pai já realizou atendimento psicológico ● Seu pai passou por uma situação muito perturbadora e a psicóloga o entendeu muito bem 	<p>A família como determinante na escolha profissional</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● A experiência do pai de Virgínia com o atendimento psicológico confirmou sua opção profissional por Psicologia 	
<ul style="list-style-type: none"> ● A situação financeira em casa melhorou quando os irmãos começaram a trabalhar ● A situação financeira havia piorado quando a mãe deixou de receber o bolsa família e não conseguia emprego ● Virgínia espera que, passando em Psicologia, se não houver muitas dificuldades, consiga concluir o curso ● O pai não tinha opção de estudar, trabalhava e cuidava dos irmãos ● Com 12 anos a mãe saiu de Alagoas para trabalhar em Recife ● Conseguir psicólogo onde Virgínia mora é muito difícil, só fazendo particular. ● Os pais não teriam condições de pagar um curso técnico ● Virgínia não tem condições financeiras para pagar um atendimento psicológico ● A única opção para realizar seu sonho profissional é através do Enem ● Mesmo que esteja cursando Psicologia, no próximo ano, Virgínia quer trabalhar para ajudar financeiramente em casa ● Virgínia pensa em trabalhar em mercados ou lojas de roupas ● Virgínia pensa em trabalhar, no próximo ano, como menor aprendiz ou em qualquer outra função 	<p>A realidade econômica como dificultadora ou facilitadora de sonhos</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia não tem preferência ou escolha para trabalhar, aceita qualquer coisa 	
<ul style="list-style-type: none"> ● A vida social envolve ir à praia com os amigos ou ficar conversando ● Virgínia está aprendendo a compreender os pais e esses, a compreendê-la ● Hoje em dia conversa com os pais e conseguem fazer acordos ● O evento da acolhida ao chegar na atual escola foi um acontecimento muito marcante ● Na vida escolar a inspira profissionalmente uma professora que considera elegante e com boa oratória ● Virgínia sempre pensou em fazer psicologia infantil para conversar com crianças e ajudá-las 	<p>Características pessoais como determinantes na escolha profissional</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia não se inspira em ninguém profissionalmente ● Escolheu o ETE porque queria a oportunidade de um curso técnico ● Escolheu administração porque achava melhor do que logística ● Virgínia gosta bastante das disciplinas de Biologia, História e Química ● Não gosta de disciplinas de matemática e física, que envolvem cálculos ● A segunda opção de escolha profissional é administração ● O sonho profissional sempre foi Psicologia ● Virgínia admira muito a Psicologia 	<p>Percursos familiares e escolares e a escolha da Psicologia</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● A Psicologia é uma profissão que você vai dividir os seus problemas com alguém que realmente pode lhe ajudar ● Nunca teve experiência com psicólogo ● Seu pai já realizou atendimento psicológico ● Seu pai passou por uma situação muito perturbadora e a psicóloga o entendeu muito bem ● A experiência do pai de Virgínia com o atendimento psicológico confirmou sua opção profissional por Psicologia ● O peso maior em Psicologia é na área de humanas ● Como segunda opção, Virgínia escolherá administração, para aprender mais sobre a profissão 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia quer cursar Psicologia na área infantil ● Virgínia desenhou uma criança desabafando com uma psicóloga, para amenizar o que está sentindo ● No desenho, a psicóloga consegue entender a criança e passa informações para ajudar a resolver seu problema ● A criança do desenho está triste e sofre bullying na escola ● Quando criança, Virgínia sofreu muito bullying na escola ● Virgínia não relatava para sua mãe que sofria bullying na escola ● Virgínia sofreu racismo 	<p>A escolha da Psicologia infantil</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia sofreu bullying em relação ao seu cabelo ● Virgínia sempre pensou em fazer psicologia infantil para conversar com crianças e ajudá-las 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Reside com os pais e um irmão. A irmã mais velha casou. ● Virgínia discutia muito com os pais porque eles eram muito proibitivos ● A mãe está desempregada ● A profissão da mãe é diarista ● O pai é aposentado ● O pai é albino ● O irmão concluiu o Ensino Médio ● Os pais não concluíram o Ensino Fundamental ● A irmã mais velha está fazendo faculdade de Enfermagem ● O pai veio de uma família muito grande ● O pai não tinha opção de estudar, trabalhava e cuidava dos irmãos ● A mãe dificilmente ia para a escola ● Com 12 anos a mãe saiu de Alagoas para trabalhar em Recife ● Geralmente as meninas que vêm de Alagoas é para trabalhar como doméstica ● A mãe trabalhava como doméstica e cuidando dos filhos dos patrões ● O pai teve dificuldade de conseguir empregos porque tem problemas visuais 	<p>Contexto familiar</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● O pai passou a infância trabalhando no sol e isso prejudicou sua pele ● O pai trabalhou com capinação e cuidando de animais ● As duas avós são donas de casa ● Os dois avôs trabalhavam com plantação e vendas na feira ● Se os avós tivessem uma melhor profissão, Virgínia não teria preocupação em não ser aprovada no Enem 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia discutia muito com os pais porque eles eram muito proibitivos ● O relacionamento com os pais já foi bem difícil, atualmente está tranquilo ● O pai relacionava-se de forma agressiva, hoje em dia é calmo ● Virgínia nunca precisou deixar de estudar para trabalhar ● Os pais se esforçam para sustentar a casa ● Virgínia achava que sua mãe não iria resolver seu problema na escola, da forma adequada 	<p>Relação familiar como facilitadora ou dificultadora de sonhos</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia não se sente bem em relação aos estudos porque não consegue ter uma boa concentração ● Depois da pandemia acredita que sua concentração piorou ● Virgínia sempre estudou em escolas públicas 	<p>A relação com a escola e os estudos</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia se sente bem em relação a atual escola porque essa tem melhor estrutura e ensino ● Virgínia gosta bastante das disciplinas de Biologia, História e Química ● Virgínia se considera muito ruim em química ● Não gosta de disciplinas de matemática e física, que envolvem cálculos ● A escola lhe ajudou a aprender a ter uma rotina ● A escola tem normas mas nem todos obedecem ● A escola tem regras que se aplicam para uns e para outros não ● A escola só pode exigir o que oferece ● A escola é mais exigente, em relação cumprimento de regras com os alunos que perturbam ● A escola deveria conceder os mesmos direitos e deveres para todos ● Virgínia vai fazer o Enem 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia vai fazer o Enem ● O que pode dificultar o sonho profissional é não passar no Enem ● Para realizar seu sonho profissional Virgínia precisa se esforçar bastante na prova do Enem ● Virgínia está com muito medo de não ser aprovada no Enem ● Estudar para o Enem é focar nas disciplinas que Virgínia não é muito boa 	<p>Os estudos como caminho para a realização do sonho profissional</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● Não fez o SSA porque acreditou que não teria tantas oportunidades como no Enem ● Acredita que vai ficar muito nervosa no período pré-Enem 	
<ul style="list-style-type: none"> ● Acredita que o mercado de trabalho para administração oferece mais oportunidades do que para logística ● Se não for aprovada no Enem vai trabalhar como CLT sempre ● Virgínia pensa em trabalhar em mercados ou lojas de roupas ● Virgínia pensa em trabalhar, no próximo ano, como menor aprendiz ou em qualquer outra função ● Virgínia não tem preferência ou escolha para trabalhar, aceita qualquer coisa 	Trabalhabilidade e mercado de trabalho
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia gosta de mexer nas redes sociais, ler e assistir filmes nas horas livres ● Gosta de filmes de terror e suspense ● O estilo de livros preferido é o romance ● A vida social envolve ir à praia com os amigos ou ficar conversando ● Não tem hobby ● Virgínia gosta muito de pintar ● Gosta de plantas, pois deixam o ambiente mais vivo. ● Admira arte, mas não teve inspiração em casa 	Gostos e preferências
<ul style="list-style-type: none"> ● Virgínia se inspira no modo de vida de cantoras e blogueiras negras que conquistaram coisas ao longo da vida ● Virgínia sofreu racismo 	

<ul style="list-style-type: none"> ● A maioria dos alunos das escolas onde estudou eram negros ● Concorda com a política de cotas ● Acredita que muitas pessoas se aproveitam da política de cotas, sem ter direito de fato ● A organização da política de cotas deveria rever os critérios 	<p>Referências a pessoas negras e política de cotas</p>
---	---

Fonte: A autora (2025)

APÊNDICE J - Tabela 6. Tabela dos núcleos de significação de Virgínia

Indicadores	Núcleos de significação
<ul style="list-style-type: none"> ● A família como determinante na escolha profissional ● A realidade econômica como dificultadora ou facilitadora de sonhos ● Contexto familiar ● Os estudos como caminho para a realização do sonho profissional 	<p>“...Se meus avós tivessem uma profissão melhor do que eles tiveram, eu com certeza não teria essa preocupação, que é não passar no Enem.”</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Percurso da escolha profissional e a escolha da Psicologia ● Características pessoais como determinantes na escolha profissional ● A família como determinante na escolha profissional ● Trabalhabilidade e mercado de trabalho 	<p>“Não que é só uma conversa, mas uma pessoa ter os seus problemas e dividir com uma pessoa que realmente pode lhe ajudar...Eu acho interessante, sempre gostei.”</p>

<ul style="list-style-type: none"> ● A escolha da Psicologia Infantil ● Percurso da escolha profissional e a escolha da Psicologia ● Relação familiar como facilitadora ou dificultadora de sonhos ● Gostos e preferências 	<p>“...se uma criança, até mesmo na escola, tiver uma psicóloga pra poder desabafar sobre essas situações (bullying), vai ajudar muito ela...”</p>
<ul style="list-style-type: none"> ● Os estudos como caminho para a realização do sonho profissional ● A realidade econômica como dificultadora ou facilitadora de sonhos ● A relação com a escola e os estudos ● Referências a pessoas negras e política de cotas 	<p>“...minha única opção será fazer o Enem. É o que vai poder me ajudar a realmente começar o meu sonho (ser psicóloga). Se tudo der certo, eu vou começar, e quem sabe eu consiga concluir, né?”</p>

Fonte: A autora (2025)